

**UNESP**   
**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

**NATALIA ZANINETTI MACEDO**

Análise fonológica de nomes próprios de origem  
estrangeira e novas criações em Português Brasileiro



ARARAQUARA – SP  
2015

NATALIA ZANINETTI MACEDO

Análise fonológica de nomes próprios de origem estrangeira e novas criações em Português Brasileiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras - Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.

**Orientadora:** Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

**Bolsa:** FAPESP – Processo 2013/ 01454-5

ARARAQUARA – SP  
2015

# NATALIA ZANINETTI MACEDO

## Análise fonológica de nomes próprios de origem estrangeira e novas criações em Português Brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa

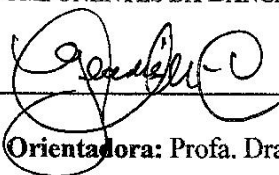
**Linha de pesquisa:** Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.

**Orientadora:** Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

**Bolsa:** FAPESP – Processo 2013/ 01454-5

Data da defesa: 09/03/2015

### MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:



**Presidente e Orientadora:** Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Araraquara



**Membro Titular:** Profa. Dra. Natalia Cristine Prado

Universidade Federal de Uberlândia



**Membro Titular:** Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Araraquara

**Local:** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

*Dedico este trabalho aos meus pais, à minha irmã e à minha orientadora, como forma da minha mais sincera gratidão por todo o incentivo na realização deste meu sonho.*

## **Agradecimentos**

*Agradeço aos que tornaram possível a realização desta dissertação, sobretudo:*

- Deus, Nossa Senhora e meu anjo da guarda, pela providência;
- Minha querida orientadora e grande incentivadora, Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari, pelos conhecimentos que partilha comigo e por me fazer seguir em frente mesmo quando meus passos vacilam;
- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – processo número 2013/ 01454-5 – órgão financiador deste trabalho, que me permitiu a dedicação exclusiva a ele.
- Professores, funcionários e amigos da UNESP/FCL-Araraquara, em especial, os professores doutores Daniel Soares da Costa e Luiz Carlos Cagliari e as professoras doutoras Cristina Martins Fargetti e Natália Cristine Prado, pela leitura atenta e pelas colaborações feitas a este trabalho, e também minhas colegas Carol, Mariana, Gisela, Juliana, Eliane, Geisibel, Livia e Mariane, pela solicitude de sempre e pelas palavras de incentivo;
- Prefeitura Municipal de São Carlos, nas pessoas do Prof. Dr. Carlos Alberto Andreucci e Afonso Henriques, e aos (muitos!) voluntários da pesquisa, moradores dessa cidade;
- Meus pais, Rosana e Natalino, e também meus avós, pelo amor incondicional e pelo apoio;
- Minha irmã, Thaís, e minha “prima-irmã”, Luciana, pelas companhias e pelas palavras acalentadoras, pelos puxões de orelha oportunos e pelas ajudas indispensáveis;
- Meu namorado e amigo, Rafael, que chegou para ficar;
- Meus amigos e amigas (que são tantos e tão queridos), pelas dores e alegrias partilhadas no dia-a-dia, principalmente ao Pi, a quem devo muita gratidão.

*Inspirai, Senhor, nossas ações e ajudai-nos a realizá-las, para que em vós comece e termine tudo aquilo que fizemos.*

*(Missal Romano)*



*Concedei-me, Senhor meu Deus, uma inteligência que Vos conheça, uma vontade que Vos busque, uma sabedoria que Vos encontre, uma vida que Vos agrade, uma perseverança que Vos espere com confiança e uma confiança que Vos possua enfim.*

*(Pedido de Sabedoria, São Tomás de Aquino)*



*Para todos os seres humanos, constitui quase um dever pensar nisto:  
o que já se tiver realizado é sempre pouco em comparação com o que ainda resta por*

*fazer. (São João XXIII)*

MACEDO, Natalia Zaninetti. Análise fonológica de nomes próprios de origem estrangeira e novas criações em Português Brasileiro, 160 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015.

## RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é analisar processos de adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira e novas criações em Português Brasileiro. Visando trazer contribuições para a determinação das relações entre mudança linguística e identidade fonológica, a partir da investigação dos limites entre o que é e o que não é considerado “português”, do ponto de vista do som, para os seus próprios falantes nativos, foram coletados e analisados prenomes de alunos matriculados na rede municipal de ensino da cidade de São Carlos–SP. Os alunos designados pelos nomes coletados foram convidados a responder um questionário contendo informações gerais sobre seus nomes e hipocorísticos. Posteriormente, foram realizadas gravações das pronúncias de alguns prenomes com duas informantes (funcionárias) de duas escolas desta cidade. Os dados foram transcritos fonética e fonologicamente, permitindo a análise à luz dos modelos fonológicos não lineares. Este estudo buscou compreender, por meio da presença de antropônimos de origem inglesa no Brasil, como o sistema linguístico do IA (Inglês Americano) e do PB (Português Brasileiro) relacionam-se e interinfluenciam-se, uma vez que um mesmo antropônimo pode apresentar, ao mesmo tempo, marcas das duas línguas, quer de natureza fonético-fonológica, quer de natureza ortográfica. Investigou-se a força do sistema fonológico da língua de chegada no processo de incorporação de palavras estranhas a esse sistema, constatando-se que o falante, muitas vezes, tem consciência sobre o funcionamento de sua língua materna e opera com e sobre ela em momentos oportunos para escapar do que seria esperado naquele contexto, dessa forma, negando e afirmando, ao mesmo tempo, questões relacionadas à sua identidade linguística e cultural.

**Palavras-Chave:** Processos de adaptação fonológica. Nomes próprios. Estrangeirismos. Novas criações. Hipocorísticos. Acento.

MACEDO, Natalia Zaninetti. Análise fonológica de nomes próprios de origem estrangeira e novas criações em Português Brasileiro, 160 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015.

### ABSTRACT

The main objective of this study is to analyze phonological adaptation processes in proper names of foreign origin and new creations in Brazilian Portuguese. In this sense, the first name of students enrolled in public schools in São Carlos, SP, were collected and analyzed, in order to investigate the relationship between language changes and phonological identity, based on the limits related to what is and what is not considered "Portuguese", from the point of view of the pronunciation (sound), to native speakers. The students designated by the names listed were asked to answer a questionnaire containing general information about their names and nicknames. Subsequently, recordings of the pronunciation of a few names were made with two informants (employees) from two schools of this city. Data were phonetically and phonologically transcribed as well as analyzed based on non-linear phonological models. This study aimed to understand, through the presence of anthroponyms from English origin in Brazil, how the linguistic system of AE (American English) and BP (Brazilian Portuguese) relate and influence each other, since the same anthroponym may present, at the same time, phonetic, phonological and orthographic traces from both languages. The strength of the phonological system of the target language in the incorporation process of outsider words to this system was investigated. Thereby, it was found that the speakers are often aware of the functioning of their mother language and operate with and on it at opportune moments to escape from what would be expected in that context, thus simultaneously denying and affirming issues of their linguistic and cultural identity.

**Keywords:** Phonological adaptation processes. Proper names. Foreign words. New creations. Stress.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 - Tipologia de antropônimos .....	25
Figura 2.1 - Matrizes de traços distintivos das vogais.....	38
Figura 2.2 - Direcionalidade na construção dos pés.....	58
Figura 3.1 - Distribuição dos prenomes em categorias e subcategorias.....	76
Figura 4.1 - Articulação dos sons [tʃ] e [dʒ] em inglês.....	117
Figura 4.2 - Processo de adaptação fonológica sofrido pelo prenome Richard na passagem do IA para o PB, variedade são-carlense, com base na transcrição fonológica de Souza (2011) para o inglês.....	119
Figura 4.3 - Processo de adaptação fonológica sofrido pelo prenome Dhienifer na passagem do IA para o PB, variedade são-carlense, com base na transcrição fonológica de Souza (2011) para o inglês.....	119
Figura 4.4 - Articulação da lateral vozeada “l claro” .....	121
Figura 4.5 - Articulação da lateral alveolar velarizada vozeada “l escuro” .....	122
Figura 4.6 - Processo de adaptação fonológica sofrido pelo prenome Ronald na passagem do IA para o PB, variedade são-carlense, com base na transcrição fonológica de Souza (2011) para o inglês.....	124
Figura 4.7 - Articulação da consoante nasal velar vozeada /ŋ/ .....	127
Figura 4.8 - Processo de adaptação fonológica sofrido pelo prenome Maycon na passagem do IA para o PB, variedade são-carlense, com base na transcrição fonológica de Souza (2011) para o inglês.....	130
Figura 4.9 - Processo de adaptação fonológica sofrido pelo prenome Deivid na passagem do IA para o PB, variedade são-carlense, com base na transcrição fonológica de Souza (2011) para o inglês.....	133

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 4.1 - Porcentagem das subcategorias encontradas na categoria “Nomes usuais no PB” .....	92
Gráfico 4.2 - Porcentagem das subcategorias encontradas na categoria .....	92
Gráfico 4.3 - Distribuição porcentual das subcategorias na amostragem total .....	93
Gráfico 4.4 - Motivações de escolha dos antropônimos.....	99
Gráfico 4.5 - Afeição aos apelidos .....	100

## LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 - Matrizes das Vogais.....	38
Quadro 2.2 - Regras lexicais e pós-lexicais do Português.....	41
Quadro 2.3 - Molde silábico do PB.....	48
Quadro 2.4-Padrões silábicos do IA em posição tônica.....	49
Quadro 2.5-Possibilidades silábicas do PB e do IA.....	50
Quadro 2.6-Quantidade silábica.....	61
Quadro 2.7-Distinção entre os três tipos básicos do acento.....	63
Quadro 2.8-Regra default de acentuação no PB.....	68
Quadro 2.9-Palavras oxítonas no PB.....	69
Quadro 2.10-Regra default de acentuação no IA.....	71
Quadro 2.11-Acentuação marcada no IA.....	72
Quadro 3.1-Pronúncia, transcrição fonológica e padrão silábico no PB.....	79
Quadro 3.2-Hipocorísticos analisados nesta pesquisa .....	82
Quadro 4.1-Hipocorísticos formados pela sílaba tônica do prenome original.....	139
Quadro 4.2-Hipocorísticos formados pela sílaba tônica do prenome original com modificações.....	140
Quadro 4.3-Hipocorísticos formados pela reduplicação da sílaba tônica.....	140
Quadro 4.4-Reduplicação da sílaba tônica com alguma modificação na sílaba original. ....	141
Quadro 4.5-Reduplicação da sílaba tônica, com manutenção da átona final.....	141
Quadro 4.6-Hipocorísticos formados por sílabas tônicas seguidas de sílabas átonas....	141
Quadro 4.7-Hipocorísticos formados por modificação na sílaba tônica.....	142
Quadro 4.8-Hipocorísticos formados por modificação na sílaba átona.....	143
Quadro 4.9-Hipocorísticos formados pelas sílabas iniciais do prenome.....	143
Quadro 4.10-Hipocorísticos formados pela reduplicação da sílaba inicial.....	144
Quadro 4.11-Hipocorísticos formados por diminutivos a partir das sílabas tônicas do prenome.....	145
Quadro 4.12-Hipocorísticos formados por aumentativos a partir das sílabas tônicas do prenome.....	145
Quadro 4.13-Hipocorísticos formados por diminutivos a partir dos prenomes.....	146
Quadro 4.14-Hipocorísticos formados por aumentativos a partir dos prenomes.....	147

## LISTA DE TABELAS

Tabela 4.1- Distribuição percentual dos nomes próprios divididos nas categorias “Nomes usuais” e “Nomes não usuais no PB” .....	91
Tabela 4.2 - Dados obtidos por meio da aplicação dos questionários aos alunos.....	97

## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

A	Ataque
.	Ausência de proeminência
Cd	Coda
C	Consoante
/ /	Fonema
FL	Fonologia Lexical
FNL	Fonologia Não Linear
s	Forte
w	Fraco
< >	Grafema
GU	Gramática Universal
IA	Inglês Americano
( )	Limite dos pés
N	Núcleo
ω	Palavra Fonológica
Σ	Pé
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PSA	Preliminaries to Speech Analysis
PCSB	Princípios Gerais de Composição da Sílabas Básica
x	Proeminência (sílabas tônica)
R	Rima
˘	Sílabas leve
σ	Sílabas (sem especificação de quantidade)
TG	Teoria Gerativa Padrão
TM	Teoria Métrica
SPE	The Sound Pattern Of English
[ ]	Transcrição fonética ou Fone
V	Vogal

## SUMÁRIO

Introdução.....	16
1 Antropônimos.....	20
1.1 Prenomes e hipocorísticos: considerações.....	20
1.2 Antropônimos estrangeiros no Brasil.....	28
1.3 A questão da identidade fonológica.....	30
1.4 Considerações finais.....	32
2 Fundamentação teórica: Fonologia.....	34
2.1 Considerações preliminares.....	34
2.2 Fonologia não linear: gênese.....	35
2.3 Fonologia Lexical.....	39
2.4 Sílabas.....	42
2.4.1 Definição de sílaba.....	43
2.4.2 A sílaba na fonologia autosegmental.....	43
2.4.3 A sílaba na fonologia métrica.....	45
2.5 Acento.....	50
2.5.1 O acento na teoria métrica.....	51
2.5.2 O Acento em PB e em IA.....	62
2.6 Considerações finais.....	72
3 Procedimentos metodológicos.....	73
3.1 <i>Corpus</i> da pesquisa.....	73
3.2 Distribuição amostral.....	74
3.3 Entrevistas.....	76
3.4 Gravações.....	77
3.5 Transcrições dos dados.....	78
3.6 Considerações finais.....	90
4 Análise dos dados.....	91

4.1	Descrição e quantificação dos dados coletados .....	91
4.1.1	Categoria “Nomes usuais no PB” e suas subcategorias .....	93
4.1.2	Categoria “Nomes não usuais no PB” e suas subcategorias.....	94
4.2	Quantificação dos dados obtidos pela aplicação dos questionários.....	95
4.3	Análise de questões ortográficas e morfológicas.....	100
4.3.1	Processos de novas criações antroponímicas com base na língua inglesa ...	109
4.4	Análise de questões fonológicas .....	114
4.4.1	Processos de adaptação fonológica .....	115
4.4.1.1	Palatalização das oclusivas alveolares.....	116
4.4.1.2	Vocalização do /l/ em posição de coda silábica .....	120
4.4.1.3	Nasalização.....	124
4.4.1.4	Epêntese.....	130
4.4.2	Padrões excepcionais: prenomes não adaptados .....	133
4.4.2.1	Padrões silábicos excepcionais.....	134
4.4.2.2	Padrões acentuais excepcionais .....	136
4.5	Hipocorísticos .....	138
4.6	Considerações finais.....	148
	Conclusão .....	149
	Referências.....	152
	Apêndices .....	(CD-ROM)
	Áudio das gravações das pronúncias.....	Apêndice 1
	Autorização para a realização da pesquisa nas escolas municipais.....	Apêndice 2
	<i>Corpus</i> coletado.....	Apêndice 3
	Modelo do questionário aplicado nas escolas.....	Apêndice 4
	Parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética.....	Apêndice 5

## Introdução

Esta Dissertação de Mestrado dedica-se ao estudo das adaptações ortográficas e fonético-fonológicas realizadas por falantes de Português Brasileiro (PB) ao pronunciar antropônimos (prenomes) de origem (verdadeira ou supostamente) estrangeira, provenientes da língua inglesa. Investiga-se a força do sistema fonológico da língua de chegada no processo de incorporação de palavras estranhas a esse sistema, visando trazer contribuições para a determinação das relações entre mudança linguística e identidade fonológica, a partir da investigação dos limites entre o que é e o que não é considerado “português”, do ponto de vista do som, para os seus próprios falantes nativos.

O estudo empreendido é tanto quantitativo quanto qualitativo, sendo o seu *corpus* constituído por 14.716 prenomes coletados em listas de frequência de alunos com idade de 4 meses a 14 anos, matriculados nas 66 escolas municipais de São Carlos, no Estado de São Paulo, e por 738 apelidos informados a partir de questionários respondidos pelos 1.122 voluntários da pesquisa. As gravações das pronúncias de alguns prenomes recortados do *corpus* foram realizadas com duas informantes, funcionárias de duas escolas distintas. Primeiramente, são averiguadas as motivações de escolhas dos nomes próprios coletados e informações referentes aos seus respectivos apelidos, a fim de analisarem-se pistas fonológicas neles existentes. As pronúncias são transcritas e analisadas à luz dos modelos fonológicos não lineares.

Em relação ao PB, com exceção dos trabalhos de Massini-Cagliari (2010; 2011a,b) e Souza (2011), o caráter “estrangeiro” dos antropônimos empregados no PB não costuma ser avaliado do ponto de vista da sua pronúncia. Seguindo os caminhos desbravados por essa autoras, este estudo busca compreender, por meio da presença de antropônimos de origem inglesa e novas criações antroponímicas no Brasil, como o sistema linguístico do IA (Inglês Americano) e do PB se relacionam e se interinfluenciam,



uma vez que um mesmo antropônimo pode apresentar, ao mesmo tempo, marcas das duas línguas, quer de natureza fonético-fonológica, quer de natureza ortográfica.

Assis (2007, p. 50) identifica quatro tipos diferentes de adaptações que os termos estrangeiros que entram na língua portuguesa podem sofrer, a saber: adaptações semânticas, morfológicas, gráficas e fonológicas<sup>1</sup>. Neste trabalho, deter-nos-emos, sobretudo, às duas últimas, com o intuito de analisar adaptações ocorridas em prenomes de origem estrangeira e novas criações antroponímicas baseadas no modelo estrangeiro visando à sua adequação à estrutura do português.

Falantes nativos de PB, não bilíngues, ao pronunciarem palavras originais do léxico inglês, podem realizar processos fonológicos a fim de adaptá-las ao seu próprio sistema. Apesar dos esforços para se repetir a forma ou o traço estrangeiro tal como é na língua de partida<sup>2</sup>, nem sempre a tentativa de pronúncia dos empréstimos<sup>3</sup> é bem sucedida, visto que os falantes acabam por deixar vestígios de sua própria prosódia e do sistema de sua língua nativa.

Outras vezes, porém, ao contrário do que ocorre com os nomes comuns, o que se constata na análise de empréstimos antroponímicos, é que, muitas vezes, os falantes da língua buscam, intencionalmente, fugir do que é esperado em seu próprio sistema fonológico a partir do qual operam com perfeição, trazendo a ele, sobretudo no nível prosódico, características que não lhe são comuns, como o deslocamento do acento (que, no inglês, geralmente cai no primeiro elemento da palavra, ao contrário do português,

---

<sup>1</sup> De acordo com Assis (2007, p. 51), Deroy (1956) descreve quatro modos de se adaptar a pronúncia de um termo estrangeiro. O primeiro processo descrito é a omissão de fonemas desconhecidos ou impronunciáveis; o segundo, a substituição de um fonema de difícil pronúncia por um fonema comum da língua de adoção; o terceiro processo é a introdução de fonemas novos para atribuir à palavra um “ar familiar”, como a inserção de uma vogal epentética ou protética à palavra; e, por fim, o quarto recurso é o deslocamento do acento de acordo com as regras da língua de adoção. Na seção 4 deste trabalho, dedicado à análise dos dados, essa questão será retomada.

<sup>2</sup> Nesta dissertação, “língua de partida” refere-se sempre ao IA, e “língua de chegada” refere-se, por sua vez, ao PB.

<sup>3</sup> Para Dubois et al. (1973, p. 210-211), “o empréstimo, contrariamente ao decalque, implica sempre, pelo menos de início, uma tentativa de repetir a forma ou o traço estrangeiro”.

cujo padrão mais produtivo é o paroxítono), por exemplo, ou padrões silábicos excepcionais, de modo a marcar o caráter estrangeiro do prenome eleito.

Do ponto de vista da identidade linguística (fonológica) e cultural do Português, a questão a ser examinada no presente trabalho, com base nos trabalhos supracitados de Massini-Cagliari (2010, 2011a,b), é se a pronúncia dos empréstimos realizada por falantes brasileiros já pode ser considerada “brasileira”, ou seja, pertencente ao PB. Destarte, tentar-se-á compreender se essa “identidade” se estende à pronúncia dos empréstimos, mesmo recentes, e, por extensão, aos nomes próprios importados ou criados a partir do modelo estrangeiro, por meio da empreitada de análises ortográficas e fonético-fonológicas e das pistas deixadas pelos falantes nas eleições/composições dos hipocorísticos.

Este trabalho desdobra-se em quatro seções. Na primeira, faz-se uma breve revisão da literatura sobre antropônimos, bem como considerações sobre prenomes e hipocorísticos. Depois, é apresentada a dialética da presença *versus* ausência de significado na constituição dos nomes próprios, e considera-se a relação existente entre o nome e a identidade do indivíduo em algumas sociedades. Feito isso, é tratada a presença dos antropônimos estrangeiros no Brasil, para que se analise, então, a questão da identidade fonológica no que tange aos nomes próprios.

Na segunda, discutem-se questões relacionadas à fonologia. Faz-se uma breve apresentação das teorias não lineares e abordam-se questões de silabação e acento, servindo de suporte para as análises fonológicas dos dados.

Na sequência, a terceira seção é dedicada às questões metodológicas de coleta do *corpus* e às gravações realizadas com as informantes da pesquisa. Posteriormente, são apresentados os quadros contendo as transcrições ortográficas, fonéticas e fonológicas dos prenomes, bem como uma lista dos hipocorísticos coletados.

Prosseguindo, na quarta seção são feitas as análises quantitativas e qualitativas dos dados. Assim, primeiramente, expõe-se a compilação das informações reunidas pelos questionários aplicados nas escolas, a classificação dos prenomes coletados em “nomes usuais no PB” e “nomes não usuais no PB” e outras informações relevantes, como “motivações de escolha dos prenomes”, por exemplo. Depois, estudam-se os processos de adaptações fonológicas típicas do PB, como palatalização, vocalização do /l/ em posição de coda silábica, nasalização e epêntese, mas também os processos em que o falante não adaptou o prenome à fonologia do PB.

Por fim, são apresentadas as conclusões do estudo empreendido, observando-se questões relacionadas à fonologia dos nomes próprios e à identidade linguística e cultural do falante nativo de PB. É feita a comparação do comportamento dos nomes comuns com os nomes próprios quando ambos são importados do idioma inglês.

No CD-ROM anexo a este trabalho, fornecem-se ao leitor cinco arquivos úteis, sendo seu conteúdo: áudio das gravações das pronúncias; autorização do então Secretário da Educação da cidade de São Carlos para a realização da pesquisa; *corpus* coletado; modelo dos questionários aplicados nas escolas para obtenção de informações sobre os prenomes e os hipocorísticos dos alunos e parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética para a realização das entrevistas.

Isto posto, espera-se, com este trabalho, contribuir para o estudo de antropônimos de origem estrangeira e novas criações quando pronunciados por falantes nativos de PB, apresentando-se como se comportam na variedade são-carlense.

# 1 Antropônimos

Nesta seção, são tratadas algumas questões referentes à onomástica: ramo da Linguística que se dedica ao estudo de nomes próprios. Dentre as subdivisões propostas por Houaiss (2009)<sup>4</sup>, nesta dissertação de mestrado, estudam-se os antropônimos (nomes próprios de pessoas), sobretudo aqueles de origem verdadeira ou supostamente estrangeira<sup>5</sup> e, por extensão, seus hipocorísticos (processo morfológico de modificação dos antropônimos por questões afetivas).

Com base na literatura arrolada, investigam-se as possíveis motivações que levam os pais a escolherem os nomes de seus filhos e a adotarem antropônimos estrangeiros. Analisam-se também questões de identidade linguística a partir da (não) adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira no Brasil.

## 1.1 Prenomes e hipocorísticos: considerações

Antropônimo, de acordo com Dubois et al. (1973), é um substantivo próprio que se aplica aos indivíduos de uma sociedade com a finalidade de distingui-los entre si. Na definição de Câmara Jr (1986, p. 53), de forma semelhante, trata-se de

Substantivo próprio que numa dada sociedade se aplica aos indivíduos componentes, para distingui-los uns dos outros. Geralmente, o indivíduo se identifica por dois ou mais vocábulos antroponímicos que formam uma locução. Aí se destaca o prenome, que é o nome próprio individual<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Houaiss (2009) define a onomástica como o estudo linguístico dos nomes próprios que compreende as seguintes subdivisões: antroponímia, astronímia, mitonímia, toponímia, etc.

<sup>5</sup> Por nomes de origem “supostamente” estrangeira, neste trabalho, entendem-se aqueles criados com base em modelos provindos do idioma inglês, apesar de não serem genuinamente importados dessa língua.

<sup>6</sup> Muitas vezes, são tomados como sinônimos, nesta dissertação, os termos “prenome”, “nome” e “antropônimo”. Além disso, ressalta-se que não se empreende um estudo etimológico destes. Para esta finalidade, indicamos alguns dicionários antroponímicos constantes nas referências bibliográficas.

Souza (2011, p. 30), ao revisitar obras que versam sobre a questão do ato de nomeação e como este ocorre nas mais diversas sociedades, chama a atenção para as particularidades culturais de cada grupo social. Em sua revisão teórica sobre o assunto, julga difícil precisar quando foi que o ser humano sentiu necessidade de atribuir nomes às coisas e aos seus semelhantes, mas afirma, com convicção, baseando-se nas palavras do jurista Miranda (1983), se tratar de um evento datado dos mais remotos tempos e de grande importância nas relações inter-humanas. Dada sua importância em algumas sociedades, uma vez que serve para designar e distinguir os seres humanos desde criancinhas, muitas vezes, este ato é marcado por um clima de festividade.

Fazendo um percurso histórico que vai desde os povos da antiguidade até chegar ao povo brasileiro, a pesquisadora supracitada elenca motivações e razões de escolhas quando da atribuição dos nomes próprios, apontando diferenças que podem existir de uma sociedade para outra, em virtude das tradições culturais. Ao tratar da procedência dos nomes registrados no Brasil, remete-nos a Obata (2002), que, por sua vez, ressalta a influência de línguas como latim, grego, germânico e hebraico e a herança indígena, sobretudo de origem tupi por influência de obras da literatura. Apresenta também a visão de Andrade (1994), que nota a influência da Igreja Católica no que tange à antroponímia bíblica e às contribuições por parte de outros idiomas, graças aos imigrantes que aqui chegaram, além de outros processos elencados na composição de novos nomes.

Souza (2011) traz à tona a dialética da significação dos nomes próprios personativos e afirma ser esta uma questão frequentemente revisitada por diversos autores: se de um lado há aqueles que afirmam que o nome deva fazer referência à natureza do ser nomeado, isto é, à sua essência, e relacionar-se diretamente a ele, de outro, há de se considerar o caráter arbitrário do signo linguístico.

Monteiro (2004, p. 09), membro da Academia Brasileira de Filologia, prefacia a obra *O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios*, das linguistas Mexias-Simon e Oliveira, e reflete sobre esta difícil tarefa de se estudar os nomes próprios de pessoas. Para ele,

quase tudo nesse campo, a começar pela questão da referência do significado, ainda constitui objeto de controvérsias ou nem sequer chamou a atenção dos linguistas. O simples fato de saber se os nomes próprios têm ou não um significado carece de uma resposta simples e universalmente válida.

Assim, diante desse impasse, elenca duas das principais teorias a respeito do assunto e que são abordadas pelas autoras ao longo do livro por ele prefaciado. A primeira é aquela que defende serem os nomes próprios desprovidos de significado, tendo somente uma denotação, mas não uma conotação, “apenas referindo, mas sem significar”. A outra, por sua vez, sustenta que os nomes personativos, apesar de não apresentarem um significado descritivo que seja capaz de identificar o referente, não são inteiramente vazios, visto constituírem um signo linguístico completo que indica a pessoa de quem se fala, isto é, o “assunto”, em que o nome passa a ser o nomeado.

Comparando-os aos dêiticos e às expressões definidas, Monteiro (2004, p. 09-10) observa que, embora alguns nomes próprios possam adquirir associações advindas da cultura que os envolvem, o princípio referencial ainda é válido, mesmo quando estes provêm do vocabulário corrente da língua e são atribuídos em razão dos seus significados, visto que, semanticamente, não descrevem propriedades, mas apenas contêm uma forma que constitui o seu significante.

Amaral (2011) apoia-se em outros linguistas contemporâneos para se posicionar a favor da argumentação da ausência de significado lexical nos nomes próprios de pessoas, ressaltando o fato de estes não aparecerem como entrada nos dicionários<sup>7</sup>.

Para Oliveira (1999, não paginado), é importante considerar ainda a arbitrariedade linguística dos antropônimos. Segundo a pesquisadora,

na impossibilidade de se reconhecer a pessoa através do nome, por ser alguém perdido nos escaninhos da memória ou por não se ter com ela uma convivência mais assídua, é habitual dizer-se “não estou ligando o nome à pessoa”.

A seu ver, esse fato demonstra que o antropônimo é apenas um elemento indicial no campo da informação ou da comunicação, sendo um objeto de referência à pessoa que se nomeia.

Entretanto, de acordo com Monteiro (2004), que se baseia nas considerações feitas por Mexias-Simon e Oliveira (2004), apesar de alguns autores defenderem o desprovimento de significado, não se pode deixar de destacar o caráter icônico que o nome próprio assume para determinados povos, como relembra Cassirer (1992), sendo mais que um signo de identificação e representando para o seu portador, em diversas culturas, um poder criador e coercivo. Para se comprovar o que o linguista afirma, basta que sejam observadas as sociedades indígenas, já que, em muitas delas, o nome está estritamente relacionado às peculiaridades do indivíduo, como sua história de vida ou características físicas.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Amaral (2011) cita os trabalhos de Fernández Leborans (1999); Gary-Prieur, (1994 e 2001) e o seu publicado em 2008 para justificar sua afirmação de que os antropônimos não possuem significado lexical. Mexias-Simon e Oliveira (2004) afirmam que os únicos dicionários que tratam de antropônimos são os dicionários etimológicos, fazendo-nos crer na impossibilidade de estudá-los em outra abordagem.

<sup>8</sup> Para um estudo de viés mais antropológico e filosófico dos nomes próprios, indicam-se as obras de Damatta (1987) e Brito (2003a), respectivamente. A seguir, transcreve-se a impressão de Damatta (1987, p. 10) sobre a questão dos nomes próprios entre o povo Apinayé: “Quando estudei os nomes pessoais entre os Apinayé do Norte do Estado de Goiás e vi que, entre eles, os nomes eram mecanismos para estabelecer relações sociais, foi que pude reconhecer imediatamente o papel dos nomes entre nós. Aqui, percebi, os nomes servem para individualizar, para isolar uma pessoa das outras e, assim fazendo, individualizar um

Além disso, Monteiro (2004, p. 11) chama a atenção, em seu prefácio, para a tentativa que as autoras Mexias-Simon e Oliveira (2004) fazem, no decorrer da obra, de compreender que “para determinados povos, o indivíduo se encontra de tal maneira associado ao nome, que este, ao ser pronunciado, evoca a presença da própria pessoa, tornando-a de certa forma atuante naquele dado momento”

Em consonância, Souza (2011, p. 29) afirma que é impossível conceber um ser social sem que um nome o identifique, uma vez que este funciona como “marca identificadora da pessoa dentro da sociedade”. A autora encontra respaldo em Christin (2001), que argumenta ser o nome uma fórmula por meio da qual um grupo se apropria da identidade do indivíduo, ao mesmo tempo que reconhece seu direito à autonomia. Sobre este assunto, Christin (2001, p. 13), afirma:

El nombre, ya se lo reciba del padre, de la madre, del esposo o de la comunidad – o uno mismo haya tomado la iniciativa de atribuírselo – se mantiene como una fórmula por medio de la cual un grupo de apropia de la identidad de los individuos que la encarnan, al mismo tiempo que se les reconoce su derecho a la autonomía.<sup>9</sup>

Assim, há de se considerar ainda que, em muitas culturas, o significado do nome atribuído à criança carrega consigo uma história muitas vezes indissociável ao indivíduo, à semelhança do que ocorre nos dias atuais em muitas culturas indígenas.

Amaral (2011) apresenta uma proposta de diagramação do sintagma antroponímico, constituído por *ortônimos* e *alônimos*<sup>10</sup>. A primeira categorização, como se pode ver na figura 1.1, engloba prenome e sobrenome, enquanto a segunda é formada

---

grupo (uma família) de outro. O nome caracteriza o indivíduo, pois os nomes são únicos e exclusivos, com o termo xará demonstrando as surpresas que dois ou mais nomes idênticos podem causar.”

<sup>9</sup> “O nome, que é recebido do pai, da mãe, do cônjuge ou da comunidade - ou que a própria pessoa tomou a iniciativa de atribuir a si mesma - continua a ser uma fórmula pela qual um grupo se apropria da identidade dos indivíduos que a encarnam, ao mesmo tempo que reconhecem o seu direito à autonomia.” (Tradução nossa)

<sup>10</sup> Nesta dissertação de mestrado, dedicamo-nos a estudar os prenomes, dentro da categoria “ortônimo”, e os hipocorísticos, no que se refere à categoria “alônimo”, de acordo a proposta de Amaral (2011).



por hipocorístico, apelido (ou alcunha), pseudônimo/codínome, heterônimo, nome artístico/nome de palco e nome de guerra.<sup>11</sup>

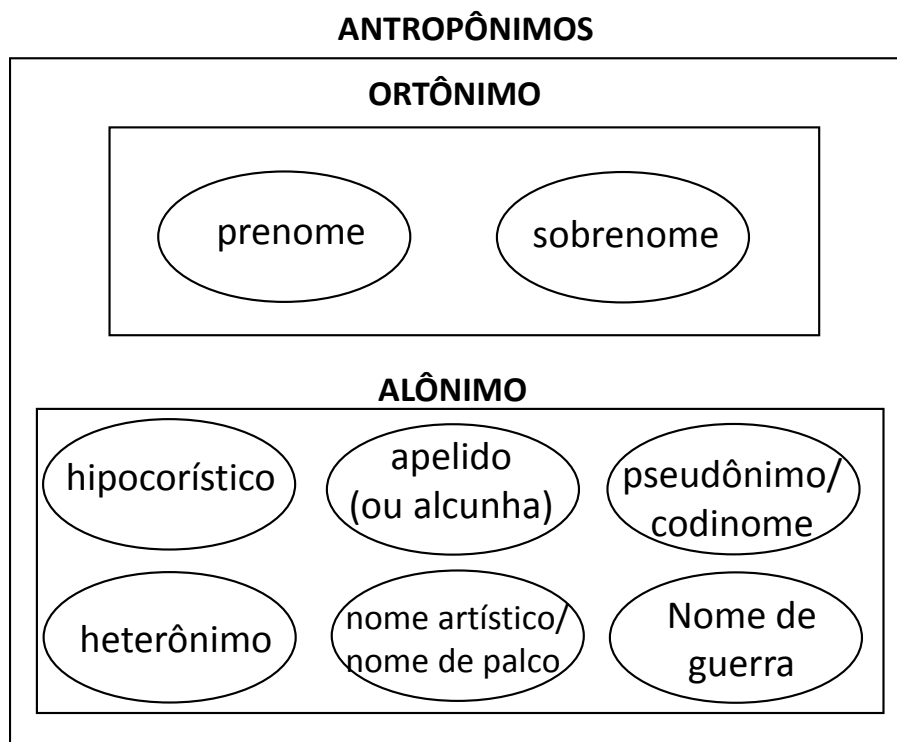


Figura 1.1- Tipologia de antropônimos  
Fonte: Amaral (2011, p. 76)

Dadas as considerações feitas acima sobre os prenomes, faz-se, a seguir, um breve estudo sobre os hipocorísticos.

Para Monteiro (1983, p. 83), em sentido estrito, o termo hipocorístico designa uma alteração do prenome que traz consigo uma marca afetiva. Noutra obra, o mesmo autor preocupa-se em diferenciá-lo de apelidos, definindo-os como “nomes afetivos que não resultam de variações morfofonêmicas de um dado prenome ou sobrenome” (MONTEIRO, 2002, p. 209).

<sup>11</sup> Dentro da categoria “alônimo” proposta por Amaral (2011), poderíamos incluir também os *nicknames* (codinomes utilizados no meio virtual).

De fato, como afirma Martini (2010, p. 30), “é comum as pessoas cometerem equívocos e confundirem hipocorísticos com apelidos”. Assim, faz-se necessário distinguir seus papéis. Para a autora, apelido é um cognome que se dá a alguém em função de alguma particularidade física ou moral, sendo que tal cognome não possui relação alguma com o prenome, enquanto o hipocorístico é uma alteração feita que implica diretamente em uma relação de identidade com o prenome e preserva o mínimo de correspondência entre eles.

Baseando-se na proposta de Gonçalves (2004), Martini (2010, p. 94) ressalta que

para que ocorra hipocorização, é preciso que haja relação de correspondência com o prenome, ou seja, deve haver fidelidade suficiente para que o antropônimo seja rastreado a partir do hipocorístico. Desse modo, “Zé” é hipocorístico de “José”, mas “Cazuza” é tido somente como apelido de “José”. Logo, deduz-se que todo hipocorístico é apelido, mas nem todo apelido é hipocorístico.

Entre os processos de formação de hipocorísticos, podemos elencar alguns processos de hipocorização.<sup>12</sup>

Dubois et al. (1973, p. 324) listam:

- Redução da palavra, com a manutenção apenas das sílabas a partir da tônica (Isabela → Bela)<sup>13</sup>;
- Manutenção apenas da sílaba tônica, com possível acréscimo do sufixo diminutivo, ou de outra sílaba (Isabel → Bel);
- Redobro da sílaba tônica (Pedro → Pepê);
- Conservação de outra sílaba que não a tônica (Felipe → Fê);
- Transformações fonéticas (Francisco → Chico).

<sup>12</sup> Cf. os trabalhos de Lucini (2010) e Martini (2010).

<sup>13</sup> Todos os exemplos a seguir são de Gladis Massini-Cagliari (comunicação pessoal).

Monteiro (2002, p. 209-219), sob uma ótica mais morfológica do processo, aponta:

- Acrossemia (Paulo César Farias → PC, de P.C. Farias);
- Braquissemia (Josemara → Jose);
- Duplicação (Isabel → Bebel);
- Sufixação (Roberto → Robertão);
- Acréscimo de um novo sufixo a um hipocorístico formado por braquissemia, por duplicação ou por sufixação (Felipe → Lipe ou Lipinho).

Brito (2003b), por sua vez, elenca algumas regras como:

- Uso do sufixo diminutivo (Fernanda → Fernandinha);
- Abreviação do prenome (Felipe → Lipe);
- Reduplicação de sílabas (Pedro → Pepê);
- Abreviação ou reduplicação com acréscimo do sufixo diminutivo (Gladis → Glazinha).

Por fim, Gonçalves (2004)<sup>14</sup> – com base na morfologia prosódica<sup>15</sup> do processo, levando em conta primitivos prosódicos e aspectos da interface Morfologia-Fonologia – analisa quatro tipos possíveis de hipocorização, a saber:

---

<sup>14</sup> Cf. Silva e Gonçalves (2004).

<sup>15</sup> A Morfologia Prosódica (MP), de acordo com Gonçalves (2004, p. 10), desenvolveu-se a partir dos avanços da fonologia não linear (décadas de 70 e 80). Trata-se de um “modelo teórico que tenta explicar a interação Morfologia-Fonologia nos sistemas gramaticais e, para isso, leva em conta o papel mediador da prosódia”. O autor, conforme a proposta de McCarthy e Prince (1990), traz os três princípios básicos desta teoria, que transcrevemos a seguir: (i) Hipótese básica da MP, em que os moldes são definidos em termos de autênticas unidades prosódicas (mora, sílaba, pé e palavra fonológica) e constituem afirmação geral a respeito da estrutura possível de determinados processos morfológicos; (ii) Condição de Satisfação ao

- Cópia dos segmentos do *input* para o *output*<sup>16</sup>, da direita para a esquerda (Felipe → Lipe);
- Cópia de segmentos da esquerda para a direita (Isabel → Isa);
- Reduplicação da sílaba tônica (Isabel → Bebel);
- Reduplicação da primeira sílaba. (Felipe → Fefê)

Nesta pesquisa, deter-nos-emos na análise dos hipocorísticos buscando compreender as pistas da identidade fonológica deixadas por falantes de PB, variedade são-carlense.

## 1.2 Antropônimos estrangeiros no Brasil

Por preocuparem-se, justamente, com a sonoridade do nome a ser dado a seus filhos, muitas vezes, as escolhas ou composições dos prenomes pelos pais pautam-se em critérios eufônicos baseados em línguas estrangeiras.

Neste sentido, muitos são os que buscam dar a seus filhos poder de exclusividade, dando-lhes um nome pouco comum no país em que habitam ou, muitas vezes, cunhados com base em modelos estrangeiros, resultando em processos de novas criações antroponímicas.

---

Molde, em que os processos morfológicos satisfazem um molde específico, que pode ser determinado tanto por princípios universais da Prosódia, quanto por princípios de boa-formação de línguas individuais; e (iii) Circunscrição Prosódica, definida como o domínio sobre o qual determinadas operações morfológicas se aplicam pode ser mapeado por primitivos prosódicos, da mesma forma que, na morfologia concatenativa, afixos se circunscrevem a domínios morfológicos como raiz, tema e radical (GONÇALVES, 2004, p. 10).

<sup>16</sup> “O uso de termos como *input* e *output* é comum no modelo teórico da Teoria da Otimalidade: *input* é entendido como a base, a forma não reduzida; *output*, como o resultado. Os movimentos direita e esquerda referem-se à direção” (LUCINI, 2010, p. 08).

As razões motivadoras para a escolha de nomes estrangeiros, sobretudo os da Língua Inglesa, são inúmeras<sup>17</sup>. Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 92), que se dedicaram ao estudo de nomes coletados nas paróquias do Rio de Janeiro, afirmam que a escolha de nomes de origem estrangeira:

pode se dever a uma admiração pelo “lá de fora”, como a exibição de erudição, à busca de exotismo, de *cor local*, de originalidade, de expressividade. Por um processo contrário usam-se xenismos afeiçoados à nossa fonologia, com desconhecimento de sua origem (Carina, Méri, etc.). Também ocorre de o desconhecimento levar a grafias insólitas, como Karina, Aparecida, etc.

Quanto às criações novas, as autoras sublinham a criatividade do povo brasileiro, que levou Eco (1989) a afirmar que jamais se sentira à vontade com os nomes próprios do Brasil, visto desafiarem qualquer dicionário onomástico, além de existirem somente neste país.<sup>18</sup>

Carvalho (2009) afirma que o Brasil se caracteriza por ser o país lusófono que mais adota, indiscriminadamente, nomes próprios de origem inglesa, sobretudo nos baixos extratos sociais urbanos. Segundo a autora,

nomes como João, Manuel, Severina, Francisco, vão sendo substituídos por Magaiver, Kelly, Marilyn, Kennedy, Tyronne, Daiane e muitos outros, mais estranhos, que constam na lista de chamada das escolas públicas. Parece que a escolha é baseada na paráfrase “quanto mais estranho, melhor”. (CARVALHO, 2009, p. 68-69)

As razões para estas escolhas podem fundamentar-se, muitas vezes, no modelo norte-americano imitado pelo cidadão brasileiro como, não raras vezes, uma escada que

---

<sup>17</sup> Dedicamo-nos também a analisar as possíveis motivações que levam às escolhas dos prenomes que compõem o *corpus* que coletamos na cidade de São Carlos-SP na seção “Análise dos dados”.

<sup>18</sup> De fato, nossa pesquisa encontrou dificuldades no momento da análise do *corpus*, já que, apesar de nos basearmos em dicionários onomásticos, estes não davam conta de prever tantos e tão diversificados nomes coletados, o que nos fez agrupá-los na categoria “Novas criações”, conforme se vê na seção de análise.

lhe permite ascender no poder político e econômico. Ainda de acordo com Carvalho (2009), é interessante observar que até mesmo nomes próprios como Mary, Peter, John, que possuem correspondentes vernáculos como Maria, Pedro, João, são formas eleitas no momento do registro de seus filhos.

### 1.3 A questão da identidade fonológica

De acordo com Rostas (2010, p. 22), “em termos linguísticos, pode-se inferir que ‘identidade linguística’ é o conjunto de características que identificam a língua(gem) de uma pessoa ou de um grupo que possui características semelhantes”. Massini-Cagliari (2010, 2011a,b), ao discutir questões de identidade a partir da (não) adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira no Brasil, afirma que prenomes próprios de origem estrangeira (inglesa, especificamente) nem sempre se enquadram bem nos parâmetros da fonologia do PB por apresentarem características, sobretudo prosódicas, que não lhes são comuns, como padrões silábicos inexistentes na língua de chegada ou adoção de um padrão excepcional de acentuação (proparoxítono ou paroxítono terminado em sílaba pesada), por exemplo.

Exemplificando aquilo que afirma, a autora cita alguns antropônimos realizados por falantes de PB que contrariam o padrão de seu próprio idioma<sup>19</sup>, como o caso de Wlamir (padrão silábico não comum no português), cuja primeira sílaba apresenta a sequência /vl/, presente no PB justamente apenas em nomes próprios emprestados de outras línguas; e Wáshington, com posição não-default de acentuação (isto é, padrões marginais, irregulares, menos recorrentes ou inexistentes na língua), trazendo na posição

---

<sup>19</sup> Nesta dissertação, os prenomes coletados que foram reunidos no *corpus* serão analisados ao longo da seção 4.

silábica pré-nuclear a semivogal /w/, que ocorre nessa posição em PB apenas após consoantes oclusivas velares /k, g/; ou, ainda, como em *Kleitton*, um paroxítono terminado em sílaba travada (MASSINI-CAGLIARI, 2010, p. 83-86).<sup>20</sup>

Assim, partindo das análises dos padrões acentuais de alguns antropônimos de origem estrangeira registrados no Brasil, Massini-Cagliari (2010, p. 85) alega que:

De maneira geral, o que se comprova é que, com relação a esses nomes, há um predomínio de padrões marginais de acentuação (proparoxítonos e paroxítonos terminados em sílaba pesada), quando se toma como referência a língua de chegada (o PB) e não a língua de origem. Desta forma, pode-se dizer que o caráter “estranho”, “alienígena” atribuído aos falantes de PB a esses nomes reside principalmente no padrão prosódico excepcional que assumem.

Ainda em conformidade com os escritos da autora quanto à preferência das pessoas pelo que é “diferente”, tem-se que, muitas vezes, as marcas de estrangeirismo restringem-se à grafia do nome, o que acaba por corresponder a uma pronúncia vernácula. Para exemplificar, cita nomes como Christiany, Josielly, Edwardo e Karla (MASSINI-CAGLIARI, 2010, p. 87). Ressalta ainda que, em outros casos, entretanto, o processo de adoção de uma ortografia “abrasileirada” pode revelar o processo de adaptação fonológica pelo qual o nome teria passado; exemplificando, cita a adaptação ocorrida em *Jonleno* (de *John Lennon*), em que,

na sílaba Jon, a vogal se nasaliza, uma vez que a sequência de vogal oral + consoante nasal em coda pode ser realizada foneticamente em PB como uma vogal nasal; assim, a sílaba Jon acaba por se realizar como [ʒõ] (ou [ʒõ̃]), uma vez que a ditongação da vogal nasal é comum no PB; nestes casos, a semivogal acompanha-os). (MASSINI-CAGLIARI, 2010, p. 82)

Após produtiva discussão sobre o assunto, Massini-Cagliari (2010, p. 88) conclui que os pais, geralmente responsáveis pela escolha do nome da criança,

---

<sup>20</sup> Os registros encontrados no *corpus* desta pesquisa serão analisados em tempo oportuno.

ao buscar um imaginário “estrangeiro” na nomeação de seus filhos, contraditoriamente, como falantes nativos de Português Brasileiro, acabam, com relação à sua própria língua materna, negando e reafirmando, ao mesmo tempo, sua identidade fonológica, uma vez que a fuga dos padrões prosódicos do PB acaba por evidenciar que esses falantes nativos conhecem muito bem a sua identidade linguística, em termos rítmicos, operando com/sobre ela perfeitamente.

É neste sentido que, com base na autora supracitada, defende-se a contribuição deste estudo nos estudos de fonologia do PB, pois toma como norte a questão de os falantes nativos carregarem para sua língua traços da pronúncia original do nome inglês, podendo, assim

[...] trazer importantes contribuições para a determinação da identidade fonológica do PB, por constituir-se em um caso em que os limites entre o que é e o que não é português são explorados pelos seus próprios falantes nativos. (MASSINI-CAGLIARI, 2010, p. 74)

Na quarta seção deste trabalho, serão analisados os casos de antropônimos constantes no *corpus* coletado, sendo investigadas as questões da influência do modelo estrangeiro.

#### **1.4 Considerações finais**

Nesta seção, foram abordadas questões concernentes aos antropônimos, incluindo-se nessa categoria os prenomes e os hipocorísticos. Discorreu-se sobre divergência de opiniões entre os teóricos quanto à importância do significado do nome eleito, além das características eufônicas que permeiam os nomes próprios. Ademais, tratou-se da importância que o ato de nomear o indivíduo assume em algumas sociedades e da questão de identidade que está estritamente vinculada aos nomes próprios.



Os estudos pioneiros de Massini-Cagliari (2010, 2011a,b), que versam sobre os temas confluentes, identidade linguística e fonológica dos nomes próprios de origem verdadeira ou supostamente estrangeira no PB, foram apresentados detalhadamente, a fim de fornecer informações relevantes para a compreensão deste estudo.

## 2 Fundamentação teórica: Fonologia

Como embasamento teórico do trabalho realizado, discutem-se questões relacionadas à fonologia. O objetivo desta seção é servir de apoio para análise dos dados coletados e, por isso, faz-se necessária uma breve apresentação da fonologia não linear, uma vez que, a partir dela, esta dissertação analisa, comparativamente, sílaba e acento no PB e no IA. A intenção é possibilitar o estudo do comportamento de falantes da língua de chegada frente às estruturas fonológicas da língua de partida, verificando se fazem adaptações ao seu sistema linguístico e em quais momentos isso (não) ocorre.

### 2.1 Considerações preliminares

Matzenauer (2010, p. 11) lembra que a fonologia é responsável pelo estudo dos sistemas de sons, de sua descrição, estrutura e funcionamento, bem como pela análise da forma das sílabas, morfemas, palavras e frases, como estes se organizam e como se estabelece a relação “mente e língua”, de modo que a comunicação se processe. Na evolução dos estudos sobre a fonologia das línguas, foram registrados diferentes modelos teóricos, que podem ser enquadrados em duas grandes classes: os modelos lineares e os não lineares.<sup>21</sup>

A seguir, faz-se um breve percurso histórico da Fonologia não linear (de agora em diante, FNL), que teve seu início como reação aos estudos chomskianos. Depois, abordam-se sucintamente outras teorias que a compõem. Dado que foi a teoria gerativa padrão (neste trabalho, TG) a responsável por abrir os caminhos para análises não

---

<sup>21</sup> Além desses dois tipos de modelos, a partir da emergência da Teoria da Otimalidade (TO), costuma-se dividir as teorias fonológicas em derivacionais (as anteriores à TO) e representacionais (TO). Não faz parte da proposta desta pesquisa a análise otimalista dos dados. Esta abordagem permanece como uma possibilidade para estudos futuros.

lineares, apresentam-se a seguir algumas informações relevantes para que o leitor, de posse delas, prossiga.

## **2.2 Fonologia não linear: gênese**

Noam Chomsky, a partir dos anos 50, deu uma grande guinada nas análises linguísticas, que, até então, eram de base estruturalista. Sua grande inovação foi propor a noção de regra linguística como indispensável a qualquer língua, visto que todo falante possui uma Gramática Universal (GU) e tem um conhecimento inconsciente da língua (competência), podendo executá-la (desempenho) de acordo com situações reais, concretas de uso (MATZENAUER, 2010, p. 15).

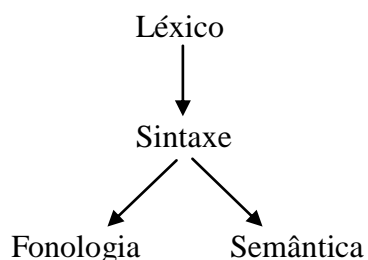
Opondo-se ao estruturalismo, Chomsky nega a ideia de que a linguagem é aprendida por imitação, como propunha a teoria behaviorista. Em sua concepção, a gramática deveria gerar – a partir de um conjunto limitado de regras e elementos – todas as frases possíveis na língua. Assim, no *Massachusetts Institute of Technology*, surgia, com ele, a Teoria Gerativa (TG), de cunho inatista e considerando a predisposição genética do ser humano para a linguagem.

A TG preocupa-se mais com as similaridades entre as línguas do que com as diferenças existentes entre elas, o que se reflete pela GU, uma herança genética carregada pelos seres humanos, cujos sistemas linguísticos têm características por eles compartilhadas. Segundo essa teoria, ao construir suas gramáticas com base na GU, as línguas fixam parâmetros particulares a partir dos princípios gerais (universais) que ela dita. Como exemplo, Matzenauer (2010, p. 15) toma o princípio da sílaba, que pode conter três elementos: ataque, núcleo e coda. Então, partindo desse princípio, cada língua criará a própria gramática, determinando quantos e que tipos de segmentos podem ocupar as

diferentes posições na estrutura silábica e fixando parâmetros; sendo que, dessa forma, a língua poderá estabelecer a obrigatoriedade do ataque, indispensável a todas as sílabas da língua, e a opcionalidade da coda.

A publicação de *The Sound Pattern of English*, o SPE, em 1968, foi um marco na fonologia gerativa, uma vez que foram traçadas as linhas gerais da teoria por Chomsky e Halle. Segundo Massini-Cagliari (1992a, p. 74), com o advento desta teoria, mudou-se o enfoque dos estudos linguísticos, sendo que não se debruçavam mais sobre a descrição de um *corpus*, mas sim sobre a competência linguística de um falante (ideal) – embora o tratamento dos dados continuasse a ser *linear*. O componente fonológico passa, então, a ser definido como a parte da gramática que atribui uma interpretação fonética à descrição sintática. Questionando esses momentos iniciais da TG, Massini-Cagliari (1999a, p. 71) mostra que “a interação entre a fonologia e o resto da gramática limitava-se a uma interface com a sintaxe, em que o *output* do componente sintático constituía o *input* do componente fonológico”, conforme ilustra o esquema em T (2.1), cuja ênfase está nos processos derivacionais:<sup>22</sup>

(2.1)



<sup>22</sup> Exemplo retirado de Massini-Cagliari (1999a, p. 71).

Nessa concepção, o componente sintático assume um grau maior de importância sobre a Fonologia e a Semântica, pois, enquanto cabe a ele a tarefa de produzir sentenças, cabe ao componente fonológico descrever como cada sentença superficial produzida é pronunciada.

Matzenauer (2010, p. 16-17) interpreta que, para os autores do SPE, subjacente ao nível fonético – preocupado com o isolamento das propriedades articulatórias e acústicas dos sons para a realização e a decodificação do sinal da fala –, existe uma representação fonológica, que só contém informação não previsível (distintiva), responsável por estabelecer a relação dos sons com significado; sendo, portanto, mais abstrata.

Nesse novo modelo gerativo proposto por Chomsky e Halle (1968), a representação fonética passa a trazer consigo um conjunto de traços especificados, chamados de propriedades mínimas (nasalidade, sonoridade, etc.)<sup>23</sup>. Com função classificatória e distintiva, os traços propostos são binários, o que significa que um deles representa a presença e o outro, a ausência da propriedade. Há, por exemplo, o traço [+sonoro] e o traço [-sonoro]. No nível fonológico, os traços identificam os itens lexicais da língua e, no fonético, as línguas escolhem apenas alguns deles como distintivos ou fonológicos<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Em 1952, com o trabalho de Jakobson, Fant e Halle, *Preliminaries to Speech Analysis (PSA)*, houve a primeira formalização de um modelo de traços distintivos. Esse modelo reduziu todas as oposições a um sistema binário, composto de traços que representavam propriedades fundamentalmente acústicas, cuja definição se alicerçava unicamente em oposição funcional, ou seja, propriedades fonéticas não distintivas não eram codificadas como traços nesse modelo. Dessa proposta vem a denominação de “traços distintivos” para as unidades mínimas dos segmentos. Muitos aspectos do funcionamento dos sistemas linguísticos, entretanto, permaneciam sem explicação adequada e, na tentativa de solução desses problemas fonológicos, Chomsky e Halle (1968) propuseram um sistema revisado de traços distintivos, distinguindo suas funções fonéticas e fonológicas. Assim, afirma-se que a publicação do SPE foi, sem dúvidas, um divisor de águas nos estudos fonológicos, possibilitando o surgimento dos modelos não lineares (cf. MATZENAUER, 2010, p. 27-28).

<sup>24</sup> Do conjunto de traços do modelo de Chomsky e Halle (1968, p. 298-329), os seguintes traços têm sido utilizados para a descrição do português: Traços de Classes Principais (soante; silábico e consonantal). Traços de Cavidade (coronal, anterior, alto, baixo, posterior, arredondado, nasal, lateral); Traços de Modo de Articulação (contínuo, metástase retardada, tenso); Traços de fonte (sonoro, estridente); Traços Prosódicos (acento, tom, duração). A este respeito, remete-se o leitor ao trabalho de Matzenauer (2010, p. 20-21).

Posteriormente, substituições foram propostas ao modelo de Chomsky e Halle, como a do traço [vocálico] pelo [silábico] e, também, a utilização do traço [labial] por Hymann (1975).

Cagliari (2008) propõe as *Matrizes das Vogais* e o *Gráfico dos traços das vogais em forma de árvore*, como se pode ver, respectivamente, no quadro 2.1 e na figura 2.1 a seguir:

Propriedades	Segmentos				
	i	e	a	o	u
alta	+	-	-	-	+
baixa	-	-	+	-	-
posterior	-	-	+	+	+
arredondada	-	-	-	+	+

Quadro 2.1 - Matrizes das Vogais  
Fonte: Cagliari (2008, p. 89)

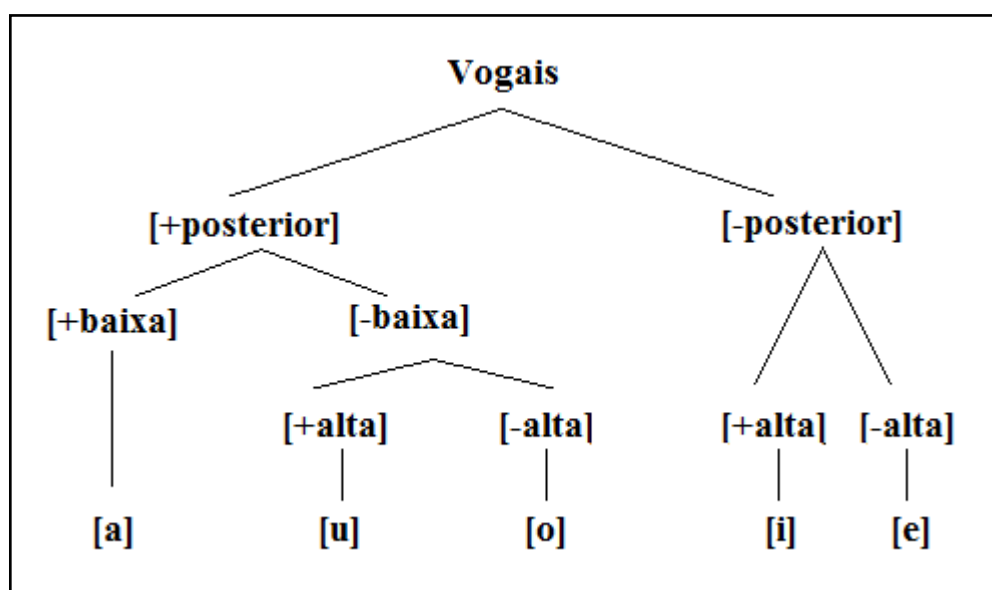


Figura 2.1 - Matrizes de traços distintivos das vogais  
Fonte: Cagliari (2008, p. 89)

Assim, a partir do breve percurso traçado da fonologia gerativa, pode-se afirmar que os estudos fonológicos estão em constante desenvolvimento, merecendo destaques as teorias desenvolvidas nas últimas décadas do século XX, que possibilitaram ao componente fonológico o *status* de um sistema heterogêneo, sendo organizado hierarquicamente e governado com autonomia por seus próprios princípios.

Abrangendo alguns desses princípios, a seguir, perpassa-se a Fonologia não linear e algumas das teorias que a compõem.

### **2.3 Fonologia Lexical**

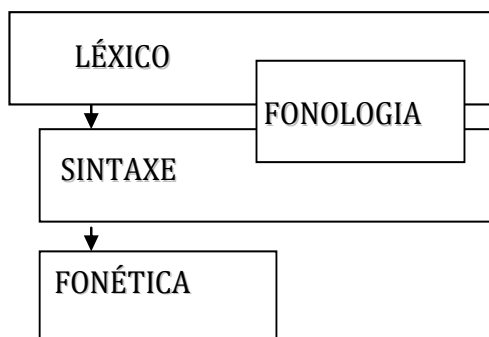
Iniciada com os estudos de Kiparsky (1982) e de Mohanan (1982) e com o propósito de olhar o léxico como um “domínio de regras fonológicas que interagem com regras morfológicas”, a fonologia lexical, doravante FL, propôs e discutiu “desde o grau de abstração da estrutura profunda até a opacidade e propriedades das regras” (BISOL, 2010, p. 82).

A grande diferença entre as fonologias lexical e a gerativa padrão é o modo de olhar para o léxico. Enquanto na primeira ele é “uma coleção não estruturada de idiossincrasias e de fatos imprevisíveis na língua”, na segunda, o léxico é tido como uma importante parte que integra a gramática, em que há a necessidade de inter-relação da morfologia e da fonologia (MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p. 94).

De acordo com Massini-Cagliari (1999a, p. 94), os estudos mais recentes de Mohanan (1986, p. 55) e Durand (1990, p. 170) mostram que o conteúdo do léxico é formado por três tipos de objetos, a saber: “(a) uma lista finita de morfemas, (b) um *output* infinito de palavras geradas pela combinação dos morfemas de (a), e (c) uma lista finita de palavras, que constitui um subconjunto de (b)”. A autora, adaptando o que propõe

Pulleyblank (1986, p. 08), apresenta o resultado de um modelo gramatical em que existe a intersecção da fonologia tanto com o léxico como com a sintaxe:<sup>25</sup>

(2.2)



Distinguindo-os entre *lexical* e *pós-lexical*, Mohanan (1986) estabelece que o léxico de uma língua compõe-se de “estratos”, isto é, níveis em que se aplicam regras morfológicas e fonológicas. Nesta teoria, destaca-se que somente após uma operação morfológica é que se podem aplicar as regras fonológicas e, ainda, que ambas podem ser aplicadas em um mesmo nível.

De acordo com Lee (1992, p. 110), “as representações lexicais são as palavras geradas pelo léxico e são inseridas nas estruturas sintáticas para fazerem sintagmas pelas regras de inserção lexical em sintaxe”. Sobre as Regras Lexicais e as Pós-Lexicais, o autor postula que aquelas são aplicadas no léxico, enquanto a aplicação destas últimas se dá na saída da sintaxe, isto é, fora do léxico.

Lee (1992) adaptou para o Português a oposição entre ambas as regras, que foram estabelecidas resumidamente por Pulleyblank (1986, p. 07), como se vê no quadro 2.2 a seguir.

<sup>25</sup> Exemplo retirado de Massini-Cagliari (1999a, p. 94).



<b>LEXICAL</b>	<b>PÓS-LEXICAL</b>
a. pode referir-se à estrutura interna das palavras b. não pode se aplicar fora de palavras c. pode ser cíclica d. se cíclica, está sujeita ao ciclo estrito e. submete-se à “structure-preserving” f. pode ter exceções lexicais g. deve preceder todas as aplicações das regras pós-lexicais	a. não pode se referir à estrutura interna das palavras b. pode aplicar-se fora de palavras c. não pode ser cíclica d. é não-cíclica; portanto, “across-the-board” e. não precisa de “structure-preserving” f. não pode ter exceções lexicais; g. deve ser precedida de todas as aplicações das regras lexicais.

Quadro 2.2 - Regras lexicais e pós-lexicais do Português  
 Fonte: Lee (1992, p. 110)

Vale ressaltar que é de Pulleyblank (1986) a proposta de que apenas as regras lexicais têm exceções, sendo esta uma significativa diferença entre as regras que operam no nível lexical e as que operam no pós-léxico. De Kiparsky (1982) é a postulação de que regras que operam lexicalmente estão mais sujeitas à preservação de estrutura do que as que operam pós-lexicalmente, não sendo obrigatórias nesta última. Também é deste último a proposta de ciclicidade, que, de acordo com Massini-Cagliari (1999a, p. 100) difere um pouco da noção presente no SPE, visto que, para Kiparsky (1982), a ciclicidade é resultado da confluência entre os estratos lexicais e o sistema de regras fonológicas.

Mohanan (1986, p. 07) afirma que a fonologia lexical herdou os legados da fonêmica clássica e da fonologia do SPE:

*Lexical Phonology tries to regain what was intuitively true about the classical phonemic representation. In fact, one may even say that Lexical Phonology achieves what classical phonemic fails to do, namely, to make sense of the intuition in terms of formal theory. It may therefore be claimed that Lexical Phonology is the true heir of the legacies of classical phonemics as well as SPE phonology.*<sup>26</sup>

E, de acordo com Migliorini e Massini-Cagliari (2011, p. 79, grifos das autoras) “o fator que diferencia totalmente a fonologia lexical das teorias anteriores é o fato de essa abordagem considerar dois tipos de *aplicação* de regras e não dois tipos de *regras*”.

De posse dessas informações e que serão retomadas em momento oportuno quando da análise dos dados desta pesquisa, analisemos, a seguir, a sílaba segundo a FNL.<sup>27</sup>

## 2.4 Sílaba

Com diferentes abordagens teóricas e metodológicas, a sílaba ocupa lugar de destaque nas análises fonológicas e, segundo Blevins (1995, p. 206), seu papel tem se tornado cada vez mais significativo com o passar das décadas.

Muito embora vários traços dependessem da noção de sílaba para serem interpretados, a fonologia gerativa clássica trazida pelo *SPE* deixou de contemplá-la. Com a obra de Chomsky e Halle publicada em 1968, o papel que a sílaba tinha nas análises fonológicas estruturalistas<sup>28</sup> de Trubetzkoy e Pike fora esquecido, sendo retomado apenas nos anos 70 com os trabalhos de Hooper (1976) e Kahn (1976). Somente

---

<sup>26</sup>“A Fonologia Lexical tenta recuperar o que era intuitivamente verdadeiro na representação fonêmica clássica. De fato, pode-se até dizer que Fonologia Lexical consegue alcançar o que a fonêmica clássica não conseguia, ou seja, fazer sentido da intuição em termos de teoria formal. Portanto, pode-se afirmar que a Fonologia Lexical é a verdadeira herdeira dos legados da fonêmica clássica, bem como da fonologia do *SPE*.” (Tradução nossa)

<sup>27</sup> A FL será retomada na subseção 4.4.1.4.

<sup>28</sup> Para os estudos da sílaba no PB pela vertente estruturalista, temos a análise de Câmara Jr (1978 [1969]), que a define sendo formada por um aclave, um ápice e um declive, constituídos, respectivamente, por uma vogal, uma ou duas consoantes e pelas consoantes /S/, /r/, /l/ ou pelas semivogais /y, w/.

então, segundo Collischonn (2010, p. 99), é que “a sílaba foi gradativamente sendo aceita como unidade fonológica, e rapidamente aumentou o número de pesquisas em torno de sua natureza e do papel por ela desempenhado na fonologia das línguas”.

A seguir, faz-se uma breve revisão de estudos fonológicos não lineares que abordam e das duas teorias que versam a seu respeito.<sup>29</sup>

#### **2.4.1 Definição de sílaba**

A sílaba, para Nespor e Vogel (1986), trata-se de uma estrutura basilar, isto é, um elemento presente na fonologia de todas as línguas do mundo como domínio de muitas regras ou processos fonológicos<sup>30</sup>. Blevins (1995) a define como uma unidade estrutural, que tem a finalidade de possibilitar a organização melódica em uma frase, e Selkirk (1982) a classifica como uma unidade hierárquica cuja estrutura é atribuída por princípios gerais. Esta última autora nos justifica sua importância como unidade fonológica por se tratar de um elemento hierarquicamente organizado na estrutura prosódica. Seu primeiro argumento é que, somente com base na estrutura silábica de uma língua, podem-se explicar suas restrições fonotáticas; o segundo é que, por meio dela, se fazem as aplicações de regras fonológicas e, por último, o tratamento adequado de fenômenos suprasegmentais, como entonação e acento (SELKIRK, 1982, p. 337).

#### **2.4.2 A sílaba na fonologia autosegmental**

A teoria autosegmental a respeito da estrutura interna da sílaba, formulada por Kahn (1976), pressupõe, nas palavras de Collischonn (2010, p. 99), “camadas

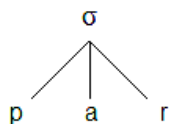
---

<sup>29</sup> Como Collischonn (2010), considera-se, neste trabalho, a teoria autosegmental e a teoria métrica da sílaba.

<sup>30</sup> De acordo com Bisol (1999).

independentes, uma das quais representa as sílabas (indicadas pela letra grega  $\sigma$ ) às quais estão ligados diretamente os segmentos”.<sup>31</sup>

(2.3)



Biondo (1993, p. 38) chama a atenção para o nível da palavra (ou nível P), onde a “silabificação serve como uma condição de boa-formação sobre as representações”<sup>32</sup>. É com base nisto que a fonologia autossegmental atua em relação ao estudo da sílaba, pois estabelece os princípios universais que funcionam como condições *sine qua non*, no nível P, para que a silabação básica exista.

O fato de esta teoria propor uma estrutura interna básica para a sílaba tem como principal motivação

esta ser descrita tradicionalmente (cf. Malmberg, 1954) como um agrupamento de vogais e consoantes que formam um constituinte fonológico composto de três subpartes: (i) uma cadeia de zero ou mais consoantes, (ii) um segmento vocálico e (iii) uma cadeia mais curta de zero ou mais consoantes. Chamaremos a primeira parte de *onset*, a segunda de núcleo e a terceira de cauda<sup>33</sup>. O núcleo é sempre uma posição obrigatória e, segundo a hipótese mais forte, tem apenas uma posição disponível, ao contrário do *onset* e da cauda. (BIONDO, 1993, p. 38)

Bloomfield (1933) propõe a sonoridade inerente a cada um dos segmentos, que poderia predizer a ordem em que estes apareceriam dentro do *onset* e da coda, sendo as

<sup>31</sup> Exemplo retirado de Collischonn (2010, p. 99).

<sup>32</sup> Tomamos, assim como Bisol (1999), os termos silabação e silabificação como sinônimos.

<sup>33</sup> Cauda e coda são palavras sinônimas.

sílabas construídas a partir de um “crescendo de sonoridade até alcançarem o pico sonoro e procederem, então, ao diminuendo de sonoridade” (BIONDO, 1993, p. 40).

Ainda outro princípio da fonologia autosegmental é o licenciamento silábico, cuja finalidade é “explicar e prever a diversidade de contrastes existentes no *onset* e na cauda de diferentes línguas”, uma vez que “todo autosegmento ou conjunto de traços fonológicos de uma língua deve receber uma autorização dos licenciadores silábicos no nível P para que possam ser realizados foneticamente, caso contrário, serão apagados” (BIONDO, 1993, p. 41).

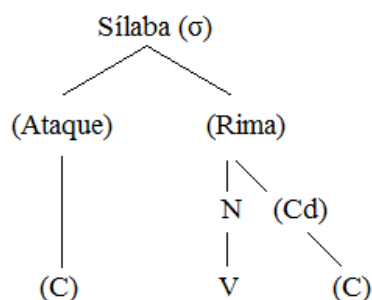
### **2.4.3 A sílaba na fonologia métrica**

A teoria métrica (TM) demonstra a estruturação silábica interna sendo constituída por ataque e rima, sendo esta última subdividida em núcleo e coda, podendo qualquer categoria ser vazia, com exceção do núcleo. O principal trabalho defensor desta teoria é de Selkirk, datado de 1982, que se baseia nas propostas de Pike e Pike (1947) e Fudge (1969).

De acordo com Bisol (1999, p. 702), há dois modelos métricos possíveis: (i) CV, que limita a três camadas a constituição da sílaba e tem origens em Kahn (1976), seguidos por Clements e Keyser (1983) e que é aprimorado por Itô (1986); e (ii) o da hipótese da estrutura hierarquizada, por árvore representável, com defensores como Kiparsky (1979), Selkirk (1982) e Harris (1983). A autora, com base em Nespor e Vogel (1986), apoia-se neste último para examinar a estrutura interna de constituintes silábicos, ressaltando ser importante reconhecer que “a sílaba ocupa uma posição fixa na hierarquia prosódica, pois ela é um elemento fundamental na fonologia das línguas como domínio de muitas regras ou processos fonológicos” (BISOL, 1999, p. 702).

Na TM, seus constituintes são reconhecidos por ataque (dispensável) e rima (obrigatório), sendo que o segundo é formado por um núcleo, seguido, opcionalmente, por uma coda (BISOL, 1999, p. 702). A seguir, o exemplo (2.4) ilustra uma estruturação silábica.<sup>34</sup>

(2.4)



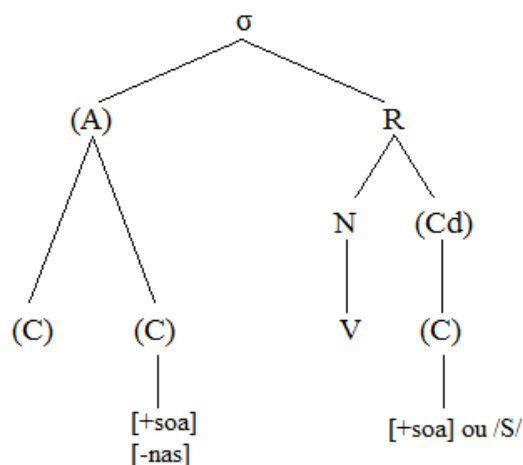
Estrutura silábica e silabificação, para Bisol (1999, p. 703), apesar de andarem juntas, podem ser entendidas como instruções diferentes. De acordo com a linguista, “a primeira é uma teoria sobre a sílaba, em forma de árvore, que diz respeito aos princípios gerais de composição da sílaba básica (PCSB)”, enquanto a segunda é, por sua vez, “o mapeamento de uma cadeia de sons ao molde canônico, depreendido de PCSB, para fins de análise”. Os PCSB, conforme a referida autora, atuam no léxico profundo e são responsáveis por representar o conhecimento que o indivíduo tem da estrutura silábica de sua língua, sendo “um saber que vai emergindo à medida que a capacidade da linguagem se desenvolve” (BISOL, 1999, p. 703).

A seguir, em (2.5), tem-se os PCSB, que, no português, geram o padrão canônico CCVC(C), sendo (C) o resultado de uma regra particular (BISOL, 1999) e, na sequência, em (2.6), tem-se um exemplo cuja silabificação tem os núcleos identificados via escala

<sup>34</sup> Exemplo retirado de Bisol (1999, p. 702).

de sonoridade. Por isso, de acordo com Bisol (1999, p. 705), é importante que se distinga PCSB e silabificação, uma vez que esta última deve ser entendida essa como “escansão dos segmentos de uma cadeia de sons, de acordo com o padrão canônico”.

(2.5)<sup>35</sup>



(2.6)<sup>36</sup>



Nesta teoria, como recorda Collischonn (2010), rimas constituídas por uma vogal são leves e rimas constituídas por vogal + consoante ou por vogal + vogal (ditongo ou vogal longa) são pesadas.

Sobre os princípios universais, na TM, existem alguns que constituem condições para que haja uma boa formação da sílaba, como a sequência de sonoridade (que é crescente em direção ao núcleo) e o licenciamento prosódico, formulado por Itô (1986),

<sup>35</sup> Exemplo retirado de Bisol (1999, p. 703).

<sup>36</sup> Exemplo retirado de Bisol (1999, p. 705).

que propõe que “toda a sequência fonológica é exaustivamente dividida em sílabas, isto é, qualquer segmento tem de ser associado a uma sílaba” (COLLISCHONN, 2010, p. 111).

O molde silábico é quem determina o número máximo (e o mínimo) de elementos permitidos numa sílaba e, de acordo com Collischonn (2010, p. 115), “para o português, não há acordo entre os autores quanto ao número máximo de elementos que uma sílaba possa conter”, sendo que a autora propõe os seguintes padrões exemplificados a seguir:

V	<u>é</u>
VC	ar
VCC	<u>instante</u>
CV	<u>cá</u>
CVC	<u>lar</u>
CVCC	<u>monstro</u>
CCV	<u>tri</u>
CCVC	<u>três</u>
CCVCC	<u>transporte</u>
VV	aula
CVV	<u>lei</u>
CCVV	<u>grau</u>
CCVVC	<u>claustr</u>

Quadro 2.3 - Molde silábico do PB  
Fonte: Collinschonn (2010, p. 115)

É importante considerar ainda os padrões silábicos da língua inglesa, a fim de se possibilitar a análise de como os sistemas se inter-relacionam quando ocorrem os processos de transferência de antropônimos do IA para o PB.

Para o inglês, Hogg e McCully (1991[1987], p. 35) propõem os seguintes padrões silábicos, em posição tônica, e nos fornecem os seguintes exemplos:



VC	id
CVC	bad
CCVC	bread
CVCC	band
CCVCC	brand
VV	I
VVC	isle
CVV	bye
CVVC	bide
CVVCC	bind
CCVVC	bride
CCVVCC	grind

Quadro 2.4 -Padrões silábicos do IA em posição tônica  
Adaptado de Hogg e McCully (1991[1987], p. 35)

Além destes, deve-se ressaltar que, em posição átona, ocorrem, em inglês, os padrões V (exemplo: *a* ‘um(a)’) e CV (exemplo: *the* ‘o/a’).

No quadro 2.5 a seguir, compilam-se os padrões silábicos possíveis no PB e no IA, com base em Collinschonn (2010, p. 115), para o PB, e em Hogg e McCully (1991[1987], p. 35), para o IA:

Possibilidades silábicas do PB	Possibilidades silábicas do IA
V	V
VC	VC
CV	CV
CVC	CVC
CCVC	CCVC
CCVCC	CCVCC
VV	VV
CVV	CVV
CVCC	CVCC
VCC	VVC
CCV	CCVVC
CCVV	CCVVCC
CCVVC	CVVC
	CVVCC

Quadro 2.5-Possibilidades silábicas do PB e do IA  
Adaptado de Collischonn (2010, p. 15) e Hogg e McCully (1991[1987], p. 35)

## 2.5 Acento

Se, na Gramática Normativa, a concepção de *acento* nos remete a uma série de regras que consideram somente a questão gráfica, na Linguística, conforme Massini-Cagliari (1992a, p. 13), analisá-lo significa, além de entender seus aspectos regulatórios, estudá-lo enquanto *elemento prosódico*, isto é, como um fenômeno que ocorre dentro de uma palavra e que faz com que uma sílaba seja considerada mais proeminente (tônica)

em relação a outra menos proeminente (átona). Santiago-Almeida (2007, p. 12, grifos do autor) observa que “na estrutura profunda, tanto *prosódia*, do grego, quanto *acento*, do latim, referem-se ao canto ou melodia das sílabas na pronúncia das palavras”.

Nos dicionários de Linguística, define-se acento como um “processo que permite valorizar uma unidade linguística superior ao fonema (sílabas, morfemas, palavras, sintagma, frase) para distingui-la das outras unidades linguísticas do mesmo nível” (DUBOIS et al., 1973, p. 14) ou como “grau de proeminência de uma vogal ou sílaba numa determinada sequência fonética” (XAVIER; MATEUS, 1992, p. 14-15).

O acento “tornou-se alvo das mais variadas descrições fonológicas” (MASSINI-CAGLIARI, 1992a, p. 71) e, a seguir, propõe-se uma breve análise comparativa entre o padrão acentual do PB e do IA por meio de uma delimitada revisão da literatura sobre o assunto.

Considerando as análises feitas com base no estruturalismo e na teoria métrica, intenciona-se constatar a existência de regras diferentes que posicionam o acento tanto no PB quanto no IA, uma vez que esta pesquisa analisa o comportamento do falante da língua de chegada (PB) frente à manutenção (ou não) do acento da língua de origem (IA).

### **2.5.1 O acento na teoria métrica**

A fonologia métrica nasceu com o desenvolvimento das teorias não lineares no final da década de 70 e sua principal preocupação era voltar-se para os fenômenos dependentes da fonotática, particularmente para a sílaba e para os fenômenos rítmicos em geral (CAGLIARI, 2008).

O modelo teórico que se propõe a partir de então utiliza a concepção hierárquica das estruturas linguísticas, o que permite uma nova representação da *sílaba* e do *acento*. Nessas representações, ressalta Cagliari (1999), diferentemente do que se propunha na

teoria gerativa padrão, a sílaba passa a ser reconhecida como uma unidade fonológica, e o acento passa a ser tratado não mais como um traço, mas como uma propriedade da sílaba, de uma proeminência nascida da relação entre os elementos prosódicos de um mesmo nível, isto é, da sílaba ( $\sigma$ ), do pé ( $\Sigma$ ) ou da palavra fonológica ( $\omega$ ), sendo, pois, um fenômeno suprasegmental, ou seja, além do segmento.

Assim, diferindo das teorias estruturalistas e gerativistas que localizavam o acento somente na vogal, essa nova teoria estabelece uma relação entre sílaba e acento com um maior comprometimento no que podia ser observado em relação à acentuação em nível fonético.<sup>37</sup>

Liberman e Prince (1977) foram os precursores da proposta de análise do acento como uma proeminência relativa decorrente de uma estrutura hierárquica. Para tanto, propuseram uma representação em diagrama de “árvore” e uma “grade métrica” para que o acento fosse atribuído com base na relação entre constituintes prosódicos.

A ideia de representação em “árvore” estabeleceu-se a partir de sílabas que formam pés, sempre binários, rotulados como forte (“s” – *strong*) e fraco (“w” – *weak*).

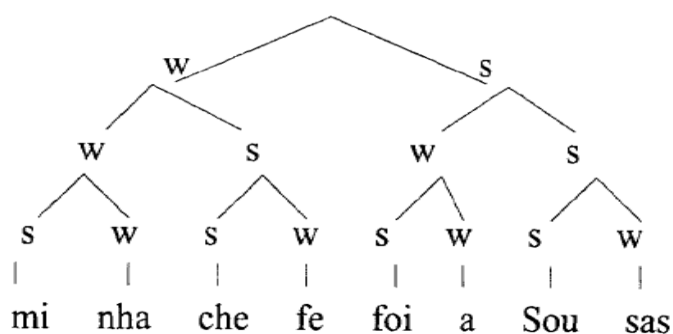
A seguir, em (2.7), observam-se as saliências das sílabas do enunciado “Minha chefe foi a Sousas”, proposto por Cagliari (2008):<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Na TG, de acordo com Chomsky e Halle (1968), “o acento é considerado uma propriedade da vogal, pois uma vogal pode receber o traço [ $\pm$ acento], da mesma forma que se apresenta com as propriedades [ $\pm$ alto] ou [ $\pm$ posterior], ou seja, o acento seria equivalente a qualquer propriedade vocálica. Portanto, nesse modelo teórico, o acento é um traço distintivo como os demais, sendo atribuído por uma regra, pois, na estrutura, as vogais não são acentuadas” (MATZENAUER, 2010, p. 69).

<sup>38</sup> Exemplo retirado de Cagliari (2008, p. 120).

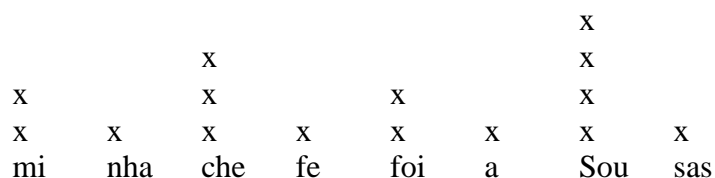
(2.7)



No esquema arbóreo, que inclui as ramificações ligadas aos nós, as sílabas são determinadas em função de suas saliências e, neste caso, constata-se que a sílaba *Sou-* é a sílaba mais forte em comparação às outras, sendo marcada três vezes com *s*.

A representação em “grade”, por sua vez, organiza hierarquicamente, em colunas, as relações entre os elementos, expressando sua força relativa e sendo eficaz para solucionar os “choques de acento” que ocorrem quando duas sílabas adjacentes são acentuadas. Nesse tipo de representação, o enunciado anterior pode ser representado da seguinte forma:<sup>39</sup>

(2.8)



No esquema de grade, em que se eliminam as ramificações, todas as sílabas recebem uma marca (x) no primeiro nível, depois, apenas as saliências são assinaladas.

<sup>39</sup> Exemplo retirado de Cagliari (2008, p. 120).

No exemplo supracitado (2.8), retirado de Cagliari (2008, p. 120), observa-se que no segundo nível as sílabas *mi-*, *che-*, *foi* e *Sou-* recebem uma marcação de saliência (x), depois, no terceiro, apenas as sílabas *che-* e *Sou-*, sendo que somente essa última (*Sou-*) receberá, no grau mais alto da representação, a marcação de proeminência, sendo a responsável por carrear o acento frasal do enunciado. Dessa forma, segundo o autor, constata-se que a planilha métrica do enunciado pode revelar fatos rítmicos da língua.

Porém, tal proposta de Liberman e Prince (1977) recebeu críticas pelo fato de as grades serem derivadas das árvores métricas, apresentando, portanto, parte da informação já contida nas árvores.

A teoria métrica de Liberman e Prince (1977), de acordo com Massini-Cagliari (1999a, p. 75), teve sua versão *standard* delineada por Hayes (1980) em sua tese de doutorado e preocupava-se com a construção de uma teoria paramétrica do ritmo. Em seguida, outro grande marco, segundo a autora, foi o trabalho de Prince (1983), que propunha o abandono das representações arbóreas e a utilização somente das grades (*grid-only*).

Para Prince (1983), as grades seriam mais adequadas para representar os fenômenos rítmicos, uma vez que explicavam de forma mais satisfatória a ocorrência dos fenômenos como os que chamou de “regra rítmica”<sup>40</sup>.

Porém, os trabalhos de Selkirk (1980, 1984) e Nespor e Vogel (1986), com a finalidade de dar conta de outros fenômenos prosódicos, além do acento, defendiam as representações arbóreas (*tree-only*), o que deu origem a um novo tipo de representação na teoria fonológica, o *modelo prosódico*.

Diante da melhor representação fonológica, entre a utilização somente das grades ou somente das representações arbóreas, os trabalhos de Halle e Vergnaud (1987), Kager

---

<sup>40</sup> Cf. Massini-Cagliari (1999a, p. 91-93).

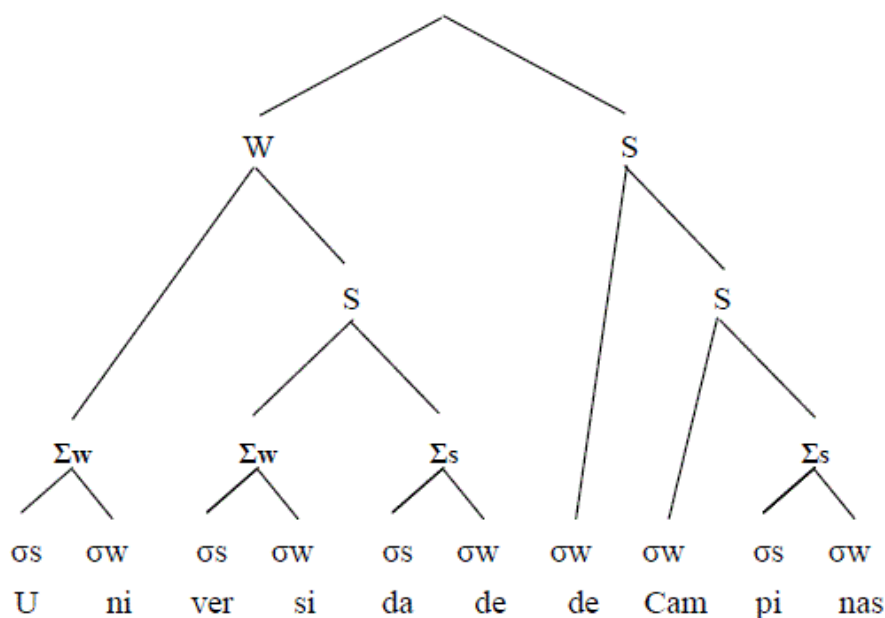
(1989), Goldmith (1990) e Hayes (1995) convergiram as vantagens dos dois tipos de representação através das grades parentetizadas (*bracketed grids*), mostrando a necessidade de se considerar os constituintes hierarquizados na abordagem do acento.

Nas palavras de Massini-Cagliari (1999a, p. 77),

a representação do acento em grades parentetizadas equivale à representação dos constituintes feita através de árvores, mas conservava as vantagens de visualização – como no caso de colisão de acentos (*clash*) – da representação em grades puras.

Assim, reunindo vantagens das representações feitas através de árvores (exemplo 2.9) e de grades puras (exemplo 2.10), Massini-Cagliari (1999a) usa o sintagma “Universidade de Campinas” para exemplificar a representação do acento em grades parentetizadas (exemplo 2.11), conforme se observa a seguir:

(2.9)<sup>41</sup>



<sup>41</sup> Exemplo retirado de Massini-Cagliari (1999a, p. 78).

(2.10)<sup>42</sup>

								x	
				x				x	
x				x		x		x	
x		x		x		x	x	x	
x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
U	ni	ver	si	da	de	de	Cam	pi	nas

(2.11)<sup>43</sup>

(								x	)
(				x	)	(		x	)
(x	)	(		x	)	(x)	(	x	)
(x	.)	(x	)	(x	.)	(x)	(x)	(x	.)
U	ni	ver	si	da	de	de	Cam	pi	nas

A autora explica que na representação do acento em grades parentetizadas feita em (2.11), cada x marca a sílaba proeminente do pé, enquanto o ponto representa a sílaba não-proeminente. Esclarece ainda que cada par de parênteses contém somente um x, isto é, uma marca de proeminência, chamado de cabeça, que tem um grau de acentuação maior do que o(s) outro(s) elemento(s) do constituinte.

Porém, diante dessas três possíveis representações, Massini-Cagliari (1999a) afirma que o mais importante nesse momento é a sustentação de uma teoria de princípios e parâmetros com maior poder explicativo, representativo e de cunho mais globalizante.

A essência da teoria métrica paramétrica, inspirada na teoria de princípios e parâmetros de Chomsky, “está no fato de que um sistema de regras é visto como um conjunto de escolhas que cada língua faz dentre uma lista finita de opções”, e os padrões

<sup>42</sup> Exemplo retirado de Massini-Cagliari (1999a, p. 78).

<sup>43</sup> Exemplo retirado de Massini-Cagliari (1999a, p. 79).



acentuais constituem “o resultado da estrutura métrica originada por essas escolhas, ou parâmetros” (COSTA, 2006, p. 57). Conseqüentemente, isso permite que o acento seja localizado a partir da segmentação das palavras nesses constituintes.

A escolha do tipo de pé é o primeiro parâmetro a ser estabelecido, isto é, se será unitário, binário, ternário ou ilimitado.

A seguir, tendo se decidido por pés binários, o próximo passo para que a língua obtenha o seu pé básico (canônico), segundo Massini-Cagliari (1999a, p. 82-83), é analisar a questão do peso silábico e da adjacência da cabeça em relação à posição da cabeça no pé (à direita ou à esquerda). Assim, serão classificados como *iambos* os pés cuja cabeça final tiver dominância à direita (. x), e como *troqueus* aqueles que possuírem a cabeça inicial com dominância à esquerda (x .).

Com relação ao peso silábico, nas línguas que o consideram, há três possibilidades para o pé básico (Hayes, 1995, p. 71), sendo o **troqueu silábico** (que não leva em consideração o peso silábico), o **troqueu moraico** (que considera o peso silábico) e o **iambo** (constituído por uma sílaba breve seguida de uma longa):<sup>44</sup>

(2.12)

Troqueu silábico:	(x .)	
	σ σ	
Troqueu moraico:	(x .)	(x)
	∪ ∪	ou —
Iambo:	(. x)	(x)
	∪ σ	ou —

<sup>44</sup> Exemplo adaptado de Massini-Cagliari (1999a, p. 84).

O próximo parâmetro a ser definido, após o pé básico, refere-se à direcionalidade na construção dos pés: se estes serão construídos da esquerda para a direita ou se da direita para a esquerda, conforme pode ser visualizado na figura 2.2.

TROQUEUS SILÁBICOS	
construídos da esquerda para a direita:	construídos da direita para a esquerda:
(x.) (x.) (x.) (x... σ σ σ σ σ σ ... ----->	... x)(x.) (x.) (x.) ... σ σ σ σ σ σ <-----
TROQUEUS MORAICOS	
construídos da esquerda para a direita: <sup>21</sup>	construídos da direita para a esquerda:
(x.) (x) (x) (x) (x) (x) (x.) (x.) ... UU U — — — — UU UU ... ----->	.) (x.) (x) (x) (x) (x) (x.) (x.) ... U UU — — — — UU UU <-----
IAMBOS	
construídos da esquerda para a direita:	construídos da direita para a esquerda:
(. x) (. x) (x) (x) (. x) (. x) (x) ... UU U — — — — UU UU — ... ----->	.) (. x) (. x) (x) (x) (x) (. x) (. x) ... U UU U — — — — UU UU <-----

Figura 2.2 - Direcionalidade na construção dos pés  
Fonte: Massini-Cagliari (1999a, p. 85)

Em terceiro lugar, observa-se a iteratividade ou não da construção do pé, isto é: se a palavra for fragmentada em pés, será iterativa, mas será não iterativa até que um pé canônico tenha sido construído.

Finalmente, as línguas devem estabelecer o valor da Regra Final. De acordo com a interpretação de Collischonn (2010, p. 138), “a proeminência relativa entre os pés que formam uma palavra é atribuída através da Regra Final, que cria um novo constituinte no topo da grade, atribuindo acento ao cabeça de pé mais à esquerda ou mais à direita na palavra”.

(2.13)

**Regra Final**

- a. Crie um novo constituinte métrico acima da estrutura existente
- b. Localize a marca da grade (x), formando a cabeça deste constituinte *o mais à direita/o mais à esquerda* possível.

(MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p.86)

Outro recurso importante na teoria métrica é o da extrametricidade. Os elementos extramétricos são desconsiderados temporariamente nas regras de atribuição de acento, com a função de simplificar as regras e evitar, por conseguinte, que o inventário dos pés básicos se expanda. Para Collischonn (2010, p. 135), este é um poderoso recurso que explica o motivo de, em determinadas línguas, o acento não cair na última sílaba, mas na penúltima ou na antepenúltima.

Conforme Massini-Cagliari (1999a, p.131), essa estratégia explica a extrametricidade da última sílaba em palavras proparoxítonas no léxico do PB, como se vê, a seguir, na estruturação métrica da palavra *fonética*, cuja sílaba <ca> é considerada extramétrica:<sup>45</sup>

(2.14)

(x .)  
fo né ti <ca>

Quanto à extrametricidade na língua inglesa, Cagliari (2008, p. 121) escreve:

Em inglês, a regra de atribuição de acento diz que a última consoante da última sílaba é extramétrica. A última sílaba será acentuada se for pesada, caso contrário, o acento cairá na sílaba anterior. Veja as palavras *atén(d)* e *astóni(sh)*.<sup>46</sup>

<sup>45</sup> Exemplo retirado de Massini-Cagliari (1999a, p. 131).

<sup>46</sup> Hogg e McCully (1991 [1987], p. 110), referindo-se à extrametricidade no inglês, fornecem ainda os seguintes exemplos: *decrépi<t>*, *nórma<l>*, *consíde<r>*, entre outros.

Tratando-se ainda da teoria métrica paramétrica do acento, é importante reconhecer que esta se liga a outras teorias sobre a estrutura silábica, pelo fato de ser a sílaba a unidade que, universalmente, carrega o acento.<sup>47</sup> Por essa razão, é necessário que se faça a distinção entre sílabas leves e pesadas em sistemas em que se deva considerar o peso silábico<sup>48</sup>.

De acordo com Cagliari e Massini-Cagliari (1998)<sup>49</sup>, no modelo métrico paramétrico de Hayes (1995), a subteoria do peso silábico baseia-se no valor moraic da sílaba, conferindo maior importância aos fenômenos prosódicos e suprasegmentais como unidades e processos constitutivos do sistema fonológico das línguas.

Assim, é preciso observar o número de elementos no núcleo ou na rima<sup>50</sup>, pois as línguas podem optar por contar apenas os elementos do núcleo (sendo, portanto, monomoraica) ou por contar os elementos da rima (bimoraica) (HAYES, 1995, p. 299-301).

A seguir, no quadro 2.6, segundo a teoria de Hayes (1995) e com informações extraídas de Cagliari e Massini-Cagliari (1998), tem-se que:

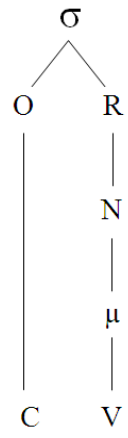
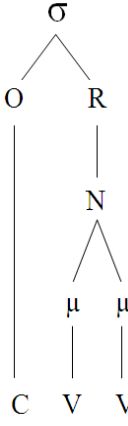
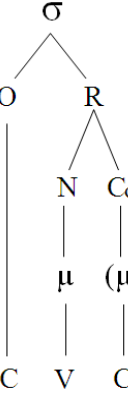
---

<sup>47</sup>Em sistemas insensíveis ao peso silábico, as afirmações feitas até aqui são suficientes (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p. 89).

<sup>48</sup>Para um estudo aprofundado sobre a sensibilidade do acento ao peso silábico, no PB, ver os trabalhos de Bisol (1992), Wetzels (1992), Cagliari e Massini-Cagliari (1998), Cagliari (1999) e Massini-Cagliari (1999a).

<sup>49</sup>Cagliari e Massini-Cagliari (1998) citam os trabalhos de Liberman e Prince (1977); Selkirk, (1980); Nespore e Vogel (1986) e Durand (1990).

<sup>50</sup>Regras de acento só levam em consideração os elementos da rima, porque uma mora nunca pode ser licenciada pela(s) consoante(s) do *onset*, de acordo com Goldsmith (1990).

Sílaba	Quantidade de elementos	Peso silábico	Representação
CV	1 (tanto na rima quanto no núcleo)	✓ Monomoraica (sílaba leve)	
CVV	2 (na rima e no núcleo)	✓ Bimoraica (sílaba pesada)	
CVC	Na rima: 2 No núcleo: 1	✓ Monomoraica (línguas que contam apenas os elementos no núcleo) ou ✓ Bimoraica (línguas que optam por contar os elementos da rima)	

Quadro 2.6-Quantidade silábica  
Adaptado de Hayes (1995) e Cagliari e Massini-Cagliari (1998)

### 2.5.2 O Acento em PB e em IA

Ao referir as teorias fonológicas que abordaram o acento no PB, Massini-Cagliari (1992a) lembra que este assunto recebeu os primeiros tratamentos pela escola estruturalista. Segundo a autora, o acento esteve sempre muito ligado à sílaba, o que levou Pike e Pike (1947) a classificarem-no como graus de intensidade que, por consequência, tornam a sílaba mais proeminente ou forte do que uma outra que seja átona.

A estreita relação entre sílaba e acento se dá, como escrevem Massini-Cagliari e Cagliari (2001, p. 113), pelo fato de que “uma sílaba só é tônica ou átona por comparação às demais”. Assim, dependendo da posição do acento das sílabas tônicas nas palavras, elas podem ser classificadas como oxítonas (última sílaba mais proeminente), paroxítonas (quando é a penúltima sílaba) e proparoxítonas (antepenúltima). Desses três tipos possíveis, adianta-se que, no PB, a ampla maioria é paroxítona, sugerindo uma alternância binária do tipo forte-fraca (MASSINI-CAGLIARI, 1999b, p. 150).

No domínio fraseológico, Massini-Cagliari e Cagliari (2001) elencam as sílabas que recebem o acento primário, as que recebem o secundário<sup>51</sup> e, por fim, as que recebem o acento frasal. A seguir, com base em Collischonn (2007, p. 196), compila-se, no quadro 2.7, a distinção entre os três tipos básicos de acento.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Neste trabalho, não se aprofunda a revisão sobre acento secundário, visto que, no momento da análise dos dados, será considerado apenas o acento primário dos antropônimos.

<sup>52</sup> Nota da autora: o símbolo agudo (´) indica acento primário e o símbolo grave (`) indica acento secundário.

	<b>Definição</b>	<b>Caracterização</b>	<b>Exemplo em PB</b>
<b>Acento primário</b>	Acento mais forte de uma palavra	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Duração maior da sílaba tônica como um todo em relação às demais sílabas da palavra (Massini-Cagliari, 1992a); ou,</li> <li>✓ Queda de intensidade na pós-tônica; ou,</li> <li>✓ Qualidade da vogal, diferenciada da qualidade das vogais das outras sílabas.</li> </ul>	<i>cása</i>
<b>Acento frasal (ou principal)</b>	Acento mais forte de uma sequência de palavras	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Variação da frequência fundamental que destaca a sílaba acentuada em relação ao resto do enunciado</li> </ul>	<i>vamos cantár</i>
<b>Acento secundário</b>	Sílaba mais proeminente em uma palavra do que as demais que não carregam acento primário	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Em português, a variação na frequência fundamental pode ser comumente associada ao acento secundário (Moraes, 2003)</li> <li>✓ Mesmos correlatos do acento primário</li> </ul>	<i>bèlaménte</i>

Quadro 2.7-Distinção entre os três tipos básicos do acento  
Adaptado de Collischonn (2007, p. 196)

Ainda sobre o acento na língua portuguesa, Ferreira Netto (2007, p. 21) detecta três hipóteses básicas que tratam de sua atribuição.<sup>53</sup> São elas:

(2.15)

- i) Hipótese do acento livre: previamente definido no léxico
- ii) Hipótese do molde trocaico: definido pela característica rítmica padrão
- iii) Hipótese do acento morfológico: definido pela qualidade do morfema portador.

A primeira hipótese é sustentada pelos trabalhos de Câmara Jr. (2009 [1970]) e Barbosa (1994), seguindo as definições de Trubetzkoy (1970 [1939]). Neles, defendia-se que o acento era marcado no próprio léxico da língua, sendo que não cabiam regras para sua atribuição, pois “seria um fenômeno atribuído diretamente à cadeia segmental da língua”, cuja posição era livre e não previsível<sup>54</sup> (FERREIRA NETTO, 2007, p. 21-22).

Frente a essa postulação, Câmara Jr. (2009 [1970], p. 65) afirma que, no português, o mais comum é serem oxítonas as palavras terminadas em *-r*; contudo, ressalta que existem ainda palavras como *açúcar*, *alcáçar* e *revólver*, podendo-se dizer o mesmo a respeito de vocábulos terminados em *-l* ou arquifonema nasal, como em *hábil x abril* e *servem x convém*. Depois, sobre o tipo de acentuação mais generalizado no PB, e que é responsável por imprimir à língua o seu ritmo característico, o autor afirma ser o paroxítono, que dá à língua um “ritmo grave”.

Já a segunda hipótese (do molde trocaico) é definida pela característica rítmica padrão, conforme Bisol (1992), Wetzels (1992) e Massini-Cagliari (1999a). Nesta hipótese, “devem ser levados em consideração também – e principalmente – os processos

---

<sup>53</sup> O autor indica outros trabalhos para uma descrição mais detalhada dessas hipóteses: Cagliari (1999) e Ferreira Netto (2001).

<sup>54</sup> Sobre o acento livre, no sentido de sua posição não depender da estrutura fonêmica do vocábulo, Câmara Jr. (2009 [1970], p. 65) afirma: “Não há em português terminações de fonemas que imponham uma dada acentuação. Quando muito, há uma maior frequência, fonologicamente indeterminável, para dada terminação.”



fonológicos relacionados com a colocação do acento” (MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p. 119-120).<sup>55</sup>

Por fim, a última hipótese básica a respeito da atribuição do acento no Português constatada por Ferreira Netto (2007) refere-se ao acento morfológico definido pela qualidade do morfema portador. Defendida por Bisol (1992), d’Andrade (1994), Lee (1995), Cagliari (1999) e Mateus e d’Andrade (2000), tal hipótese propõe que a acentuação deveria ser feita na última vogal do radical, excluindo-se a vogal temática, visando, desse modo, dar conta tanto das formas paroxítonas quanto das oxítonas. Porém, a questão relacionada às formas proparoxítonas não derivadas – em que nenhuma regra poderia prever a acentuação – permanecia aberta.

Diante de tais propostas para a análise do acento em PB, assumimos a mesma posição de Prado (2014, p. 194): “embora este seja ainda um assunto controverso, o mais importante é perceber que o resultado das duas regras descritas acaba por atribuir o acento na mesma posição”, uma vez que

[...] a opção por uma ou outra regra de atribuição do acento não influencia a análise deste trabalho, já que, mesmo diferentes, todas as regras anteriormente propostas têm que, obrigatoriamente, posicionar o acento sobre a sílaba em que ele de fato ocorre. No entanto, notamos que as descrições do acento que consideram o pé básico do português como sendo iâmbico acabam, em algum momento, considerando alternâncias trocaicas em suas análises.

Portanto, a fim de comparar os sistemas do português e do inglês, opta-se, neste trabalho, pelo padrão trocaico.

---

<sup>55</sup> Indicam-se também os trabalhos de Massini-Cagliari (1992a,b) para uma revisão mais aprofundada da literatura fonológica sobre o acento em PB.

Regressando à abordagem estruturalista de Mattoso Câmara Jr (primeira hipótese), no PB, o acento possui a função distintiva e a função delimitativa (terminologia empregada pelo Círculo de Praga).<sup>56</sup>

O valor distintivo pode ser percebido nas palavras a seguir:<sup>57</sup>

(2.16)

cáqui x caquí  
fábrica x fabríca

A função delimitativa, por sua vez, pode ser percebida pela pauta acentual que se segue a rigor, na pronúncia padrão do PB, para cada vocábulo:

No registro formal da pronúncia padrão do português do Brasil há a rigor uma pauta acentual para cada vocábulo. As sílabas pretônicas, antes do acento, são menos débeis do que as postônicas, depois do acento. Se designarmos o acento, ou tonicidade por 3, em cada, temos o seguinte esquema:

...(1)+(3)+(0)+(0)+(0)

indicando os parênteses a possibilidade de ausência de sílaba átona (nos monossílabos tônicos) e as reticências um número indefinido de sílabas pretônicas<sup>58</sup> (CÂMARA JR., 2009 [1970], p. 63).

De acordo com Massini-Cagliari (1992b), apesar de que, segundo essa interpretação mattosiana, o acento poderia ser considerado no mesmo nível dos fonemas, na sua função distintiva, é importante ressaltar que o linguista “sempre teve muito claro que o acento não poderia ser definido por si só, podendo ser definido apenas através das relações entre as sílabas” (MASSINI-CAGLIARI, 1992b, p. 122). A afirmação da autora baseia-se no fato de Câmara Jr. ter classificado o acento como “uma maior força

<sup>56</sup> De acordo com o linguista, “o acento em português tem tanto a função distintiva quanto a delimitativa, na terminologia de Trubetzkoy” (CÂMARA JR., 2009 [1970], p. 62).

<sup>57</sup> Exemplos retirados de Câmara Jr. (2009 [1970], p. 64-65).

<sup>58</sup> Ao leitor que possa interessar, os trabalhos de Massini-Cagliari (1992a,b) fazem uma avaliação acústica dos diferentes pesos das sílabas tônica, pré-tônica(s) e pós-tônica(s) no português.

expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas” (CÂMARA JR., 2009 [1970], p. 63).<sup>59</sup>

Continuando o percurso sobre o acento no PB, na abordagem gerativista do fenômeno, os linguistas se preocupavam em formular regras a respeito da colocação do acento de palavra (MASSINI-CAGLIARI, 1992b). São representantes dessa abordagem os trabalhos de Mateus (1982 [1975]), no Português Europeu (PE), que apresentam regras que são criticadas por não explicarem a colocação do acento em palavras esdrúxulas – proparoxítonas e oxítonas – e os de Costa (1978) e Maia (1981), no PB, que também recebem críticas.<sup>60</sup>

Já a descrição não linear do acento, feita pela teoria métrica, permitiu que se levassem em conta vários níveis hierárquicos, considerando a relação entre sílaba e acento.<sup>61</sup> A teoria lexical, por sua vez, possibilitou a construção de um argumento a favor do acento como regra lexical no português, ratificando o que desde Mateus (1983) já se sabia, i.e., a localização do acento leva em conta a estrutura morfológica da palavra (MASSINI-CAGLIARI, 1992b, p. 127-135).

No presente trabalho, em consonância com os estudos de Bisol (1992), Wetzels (1992) e Massini-Cagliari (1999a,b), também se considera a palavra como domínio de acentuação em PB e argumenta-se a favor da escolha do troqueu moraico como pé básico

---

<sup>59</sup>Collischonn (2010, p. 139) formula a questão se “Seria o caso de considerar o acento um fonema da língua?” e nos fornece a seguinte resposta: “Muitos autores responderam afirmativamente a esta pergunta; só que o acento é um fonema de tipo especial, porque ele não aparece colocado linearmente entre os segmentos, mas sim, se sobrepõe a eles. Ele se acrescenta a segmentos e, por isto, é chamado de suprassegimento.”

<sup>60</sup>“Dentro da perspectiva do modelo gerativo padrão”, de acordo com Massini-Cagliari em seu artigo que revisita as teorias estruturalista e gerativista sobre o acento no português, “quando se tentava qualquer ligação do acento a padrões rítmicos, as tentativas se resumiam a casos isolados, ou à formulação de regras que ficavam ‘desencaixadas’ dentro de um modelo teórico do qual não são parte integrante os fenômenos prosódicos” (MASSINI-CAGLIARI, 1992b, p. 127). Daí infere-se o “insucesso” destas teorias no estabelecimento de regras para o lugar do acento no português.

<sup>61</sup>Recentemente, o acento tem sido abordado também dentro da perspectiva da Teoria da Otimalidade, de Prince e Smolensky (1993); no PB, destaca-se o trabalho de Lee (1998).

do PB, construído da direita para a esquerda, não-iterativamente, e levando em consideração a quantidade de elementos na rima.<sup>62</sup>

A regra *default* de acentuação no PB pode ser visualizada no quadro 2.8 abaixo:

<b>Estrutura métrica</b>	<b>Peso da sílaba</b>	<b>Exceções</b>
Paroxítonas	Terminadas em sílaba leve	Paroxítonas terminadas em sílaba pesada ( <i>exemplos: lápis, jóquei, órgão, homem, túnel, revólver, tórax</i> )
Oxítonas	Terminadas em sílaba pesada e monossílabos pesados	Oxítonas terminadas em vogais ( <i>exemplos: sofá, café</i> )
		Todas as proparoxítonas

Quadro 2.8 - Regra *default* de acentuação no PB  
Adaptado de Massini-Cagliari (1999a, p. 128)

Isso posto, prova-se que, no PB, conforme abordado na seção 2.2, o acento é sensível ao peso silábico, sendo que a maior parte das palavras é paroxítona, isto é, tem o acento na penúltima sílaba, enquanto a minoria é proparoxítona.

De acordo com Collischonn (2010, p. 138), o grupo das proparoxítonas é o menor em português. Segundo a pesquisadora, “este grupo é constituído principalmente por empréstimos do latim e do grego, os quais entraram na língua portuguesa a partir da Renascença, com o ressurgimento do interesse, por parte dos escritores, artistas e estudiosos em geral, pelo período clássico”. A prova do “caráter não nativo” dessas

<sup>62</sup> Lee (1995) considera iâmbico o acento lexical do PB e do PE, porém, à semelhança da postura adotada por Assis (2007, p. 06), baseada em Massini-Cagliari (1995, 1999a, 2005), neste trabalho não se discute tal controvérsia.

palavras é a tendência de se regularizar o acento para a posição paroxítona com o apagamento da penúltima sílaba:<sup>63</sup>

(2.17)<sup>64</sup>

abóbora > abobra  
 árvore > arvri  
 fósforo > fosfru  
 xícara > xicra  
 cócegas > cosca

As palavras oxítonas, por sua vez, são mais abundantes no português que as proparoxítonas e, conforme a referida autora, as que têm consoante final e as que não têm podem ser separadas em dois grandes grupos, conforme o quadro 2.9:

Oxítonas terminadas em consoante	Oxítonas terminadas em vogal
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Têm o acento menos marcado em comparação às paroxítonas (o que se observa também na ortografia, que acentua graficamente as paroxítonas e não as oxítonas com consoante final).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pequeno número de palavras do léxico português;</li> <li>• Grande número de empréstimos<sup>65</sup></li> </ul>

Quadro 2.9 -Palavras oxítonas no PB  
 Adaptado de Collischonn (2010, p. 141)

Por fim, para o PB, elencam-se as seguintes regularidades no que diz respeito a este suprasegmento, de acordo com a proposta de Collischonn, (2010, p. 142):

<sup>63</sup> Câmara Jr. (2009 [1970], p. 65) afirma que a redução de proparoxítonas a paroxítonas pela supressão de um segmento postônico (*exérço* em vez de *exército*; *Petrópolis* por *Petrópolis*) é também uma característica que diferencia a língua popular da língua padrão no Brasil.

<sup>64</sup> Exemplo retirado de Collischonn (2010, p. 140).

<sup>65</sup> Esses empréstimos vêm, sobretudo, do léxico tupi e africano, de acordo Câmara Jr (2009 [1970], p. 65), e também do francês, de acordo com Collischonn (2010, p. 141).

o acento somente pode cair sobre uma das três últimas sílabas da palavra;  
 a posição do acento na penúltima sílaba é a preferida, quando a palavra for terminada em vogal;  
 a posição do acento sobre a última sílaba é a preferida, quando a palavra for terminada em consoante (sílabas pesadas);  
 quando a penúltima sílaba for pesada, o acento nunca cairá sobre a antepenúltima sílaba.

No que se refere ao IA, de forma semelhante ao PB, segundo a análise de Ladefoged e Johnson (2010), a língua também apresenta contraste acentual distintivo, como se vê no exemplo 2.18 a seguir:<sup>66</sup>

(2.18)

(to) insúlt x (an) ínult  
 belów x bíllow  
 Márket x Marquétte

Sobre a atribuição do acento primário no IA, com base na Fonologia Métrica, pode-se afirmar que, à semelhança do PB, essa língua também é sensível ao peso silábico.

Baseando-se em pés, Hogg e McCully (1991 [1987], p. 113) propõe regras para a acentuação do inglês aplicadas após a referida regra de extrametricidade:

*English Stress Rule, foot-based (final version)*  
*Proceeding from right to left from the edge of the domain and on the rhyme projection only:*

- (i) *Assign rightmost syllable foot status if it branches;*
- (ii) *Assign every second syllable (counting from the rightmost foot or the edge of the domain if there is no rightmost foot) foot status;*
- (iii) *Assign the leftmost syllable the foot status.*<sup>67</sup>

<sup>66</sup> Exemplos adaptados de Ladefoged e Johnson (2010, p. 249).

<sup>67</sup> “Regra do acento em inglês, baseada em pé (versão final)

Procedendo da direita para a esquerda a partir da borda do domínio e somente na projeção da rima:

- i) Atribuir acento à sílaba com *status* de pé que estiver mais à direita, se ela se ramificar.
- ii) Atribuir acento a cada segunda sílaba com *status* de pé (contando a partir do pé que estiver mais à direita ou a partir da extremidade do domínio, se não houver nenhum pé mais à direita).
- iii) Atribuir acento à sílaba com *status* de pé que estiver mais à esquerda.” (Tradução nossa).

A seguir, expõem-se dois quadros (2.10 e 2.11) compilados por Farias (2007, p. 33), com base em Hogg e McCully (1991 [1987], p. 113), em que se estabelece a atribuição do acento primário (*default* e excepcional, respectivamente) em verbos e não-verbos no IA:

<b>Acento <i>Default</i> (não marcado)</b>	
<i>Substantivos</i>	Acentua-se a <b>penúltima sílaba</b> se ela for pesada (ex. in.spéct.or)
	Acentua-se a <b>antepenúltima sílaba</b> se a penúltima sílaba for leve (ex. po.lýg.a.my)
<i>Adjetivos e verbos</i>	Acentua-se a <b>última sílaba</b> se ela possuir vogal longa ou pelo menos duas consoantes em coda (ex. tor.mént; di.vért)
	Acentua-se a <b>penúltima sílaba</b> se ela for pesada e a sílaba final não possuir vogal longa ou pelo menos duas consoantes em coda (ex. nór.mal; con.síd.er)

Quadro 2.10-Regra *default* de acentuação no IA  
Adaptado de Farias (2007, p. 33)

<b>Acento Excepcional (marcado)</b>	
<i>Substantivos</i>	Acentua-se a <b>última sílaba</b> se ela possuir vogal longa ou ditongo (ex. bal.lóon)
	Acentua-se a <b>penúltima sílaba</b> se ela possuir sílaba leve (ex. me.dúl.la)
<i>Adjetivos e verbos</i>	Acentua-se a <b>penúltima sílaba</b> se ela for leve (ex. me.dúl.lar)

Quadro 2.11 -Acentuação marcada no IA  
Adaptado de Farias (2007, p. 33)

## 2.6 Considerações finais

Nesta seção, abordou-se o embasamento teórico desta pesquisa, comparando alguns aspectos da estrutura fonológica do PB e do IA, no que diz respeito ao acento e à constituição silábica. O principal interesse é possibilitar, no momento da análise dos dados coletados, o estudo da posição assumida pelo acento nos nomes próprios de origem verdadeira ou supostamente estrangeira, investigando se ocorre ou não a sua manutenção. A manutenção (ou não) de estruturas silábicas do IA inexistentes em PB será também verificada.



### 3 Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentam-se as etapas de realização da pesquisa empreendida. Primeiramente, explica-se a composição do *corpus*. Na sequência, descrevem-se o modo de realização das gravações de vozes de falantes do português brasileiro, variedade são-carlense, e as entrevistas feitas aos alunos designados pelos nomes coletados que se voluntariaram a participar deste estudo. Por fim, apresentam-se as transcrições fonéticas e fonológicas dos dados gravados e os hipocorísticos analisados neste trabalho.

#### 3.1 *Corpus* da pesquisa

Esta pesquisa visa verificar como se dá o processo de transferência de antropônimos de origem verdadeira ou supostamente estrangeira para o PB, buscando investigar aqueles que fogem aos padrões de seu sistema fonológico e ortográfico. O estudo objetiva também analisar prenomes criados por usuários da língua por questões estilísticas, bem como alguns hipocorísticos, sobretudo aqueles que trazem consigo pistas que revelem e reafirmem a identidade linguística e cultural de seus sujeitos.

Para tanto, recorreu-se a um *corpus* constituído de prenomes coletados em listas de frequência das escolas municipais da cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo, e que reuniu também informações referentes a seus respectivos hipocorísticos.

A pesquisa de campo consistiu em visitas realizadas às escolas a fim de se obter informações sobre os antropônimos (prenomes e hipocorísticos), possibilitando assim uma amostragem de dados que se aproxima da realidade da variedade linguística analisada.

Para a realização da coleta dos prenomes, consultou-se a lista de frequência de 66 escolas municipais, sendo contabilizado um montante de 14.716 prenomes de crianças de 4 meses a 14 anos. Posteriormente, os alunos<sup>68</sup> foram convidados a responder um questionário referente a seus nomes e apelidos<sup>69</sup>, voluntariando-se para essa etapa da pesquisa um total de 1.122 participantes e sendo recolhida, portanto, a mesma quantidade de prenomes e informações sobre as motivações de escolha. Destes, 738 informaram seus apelidos.

Todos os prenomes foram consultados em dois dicionários antroponímicos: Guérios (2004) e Oliver (2010), sendo que o de Oliver (2010) mostrou-se mais adequado para a finalidade deste trabalho por contemplar um maior número de antropônimos, além de reunir uma quantidade maior de informações relevantes para a pesquisa. Dessa forma, elegeu-se este último para fazer a distribuição amostral dos prenomes em categorias, conforme se explica a seguir, uma vez que registra a possível origem do nome e suas variantes em outros idiomas, sendo útil para selecionar os nomes advindos do idioma inglês.

### **3.2 Distribuição amostral**

A fim de se investigar alguns dos processos de adaptação fonológica que ocorrem na variedade são-carlense, coletou-se uma amostragem de 14.716 prenomes de crianças com idade de 4 meses a 14 anos, matriculadas na rede municipal de ensino.

---

<sup>68</sup> Nas escolas de Educação Infantil, muitas vezes, os questionários foram respondidos pelos pais e/ou responsáveis.

<sup>69</sup> No questionário respondido pelos alunos, optamos por utilizar o termo apelido, visto que muitos poderiam desconhecer o significado do termo hipocorístico e, assim, deixarem de contribuir com suas informações. No entanto, como foi pedido aos informantes que detalhassem seus apelidos em casos de os possuírem, nos foi possível, no momento da análise dos dados, na subseção 4.5, considerar tão somente os hipocorísticos informados.

Todos os prenomes recolhidos foram consultados nos dicionários antroponímicos de Guérios (2004) e Oliver (2010) e, com base neste último, foram agrupados em duas categorias: (i) Nomes usuais no PB e (ii) Nomes não usuais no PB.

Por “nomes usuais no PB”, entendem-se os prenomes que, mesmo tendo uma origem etimológica incerta, são populares e utilizados por brasileiros com naturalidade, sem nenhuma referência direta ou indireta à língua inglesa. Já os nomes classificados como “não usuais” são, nesta pesquisa, aqueles que não constam no dicionário antroponímico de Oliver (2010) – sendo denominados como “novas criações” – ou importados da língua inglesa, possuindo a grafia idêntica à da língua de origem ou adaptada ao sistema do PB, conforme notações do referido autor.

Destas duas categorias supracitadas, ramificam-se as subcategorias: os prenomes usuais no PB foram distinguidos entre “nomes dicionarizados com ortografia padrão” e “nomes com ortografia estilizada ou variantes de nomes dicionarizados”, enquanto os nomes não usuais no PB, por sua vez, foram classificados em outras três subcategorias, a saber: “nomes de origem inglesa”, “nomes com adaptações fonológicas ou ortográficas ou que são variantes de nomes ingleses” e nomes classificados como “novas criações antroponímicas”, como pode ser visto na figura 3.1 a seguir.

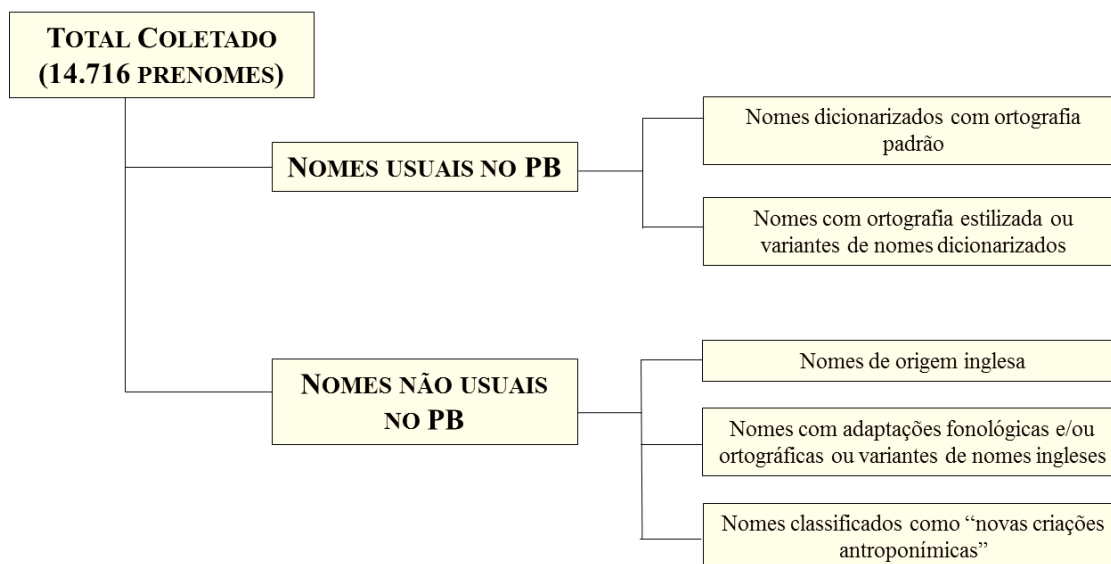


Figura 3.1 – Distribuição dos prenomes em categorias e subcategorias

### 3.3 Entrevistas

Para a realização das entrevistas com os alunos designados pelos nomes coletados, utilizou-se um questionário que reuniu informações sobre os prenomes e seus respectivos hipocorísticos.

A metodologia aplicada revelou-se eficiente, permitindo a coleta de informações relevantes para a pesquisa, sobretudo para a investigação de questões de identidade linguística e cultural referentes aos falantes da comunidade linguística estudada.

Como este trabalho investiga sobretudo os prenomes de origem verdadeira ou supostamente estrangeira, solicitou-se aos informantes que declarassem, quando soubessem, a origem de seus nomes, dada a intenção de investigar a influência da língua inglesa no processo de escolha dos antropônimos.

Apesar de muitos alunos não se voluntariarem a participar da pesquisa preenchendo o questionário, foi considerado satisfatório o montante recolhido (1.122 questionários) para efeito de análise das investigações.

Ressalta-se ainda que a pesquisa está registrada na Plataforma Brasil e obteve aprovação do Comitê de Ética da Instituição a que se vincula, sendo que os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para responder ao questionário aplicado.<sup>70</sup>

### 3.4 Gravações

Para a análise dos processos de adaptação fonológica realizados por falantes de PB, variedade são-carlense, ao pronunciar antropônimos de origem verdadeira ou supostamente estrangeira, faz-se necessário transcrever fonética e fonologicamente os dados coletados. Para tanto, os nomes a serem investigados foram previamente selecionados e, concluída essa etapa, foram gravadas as pronúncias dos falantes dessa variedade.

Dada a dificuldade enfrentada para adentrar às salas de aula e entrevistar os alunos designados pelos nomes coletados, as entrevistas foram realizadas em duas escolas, com duas funcionárias (com a diretora de uma e a secretária de outra), que mantêm contato diário mais próximo com os alunos e puderam, portanto, pronunciar de forma semelhante a como o próprio aluno pronunciaria seu nome.

As escolas escolhidas para a realização das gravações estão localizadas em um bairro periférico da cidade de São Carlos e, ao todo, contabilizam 330 alunos. Destes, foram selecionados 75 nomes que poderiam fornecer pistas fonológicas e/ou ortográficas deixadas pelos falantes quanto à afirmação de sua identidade cultural e linguística.

Procedeu-se à gravação solicitando aos informantes que produzissem a seguinte frase-padrão “Ele (*ela*) se chama (*prenome do aluno*)”, viabilizando assim a análise das

---

<sup>70</sup> Número do CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética): 23060114.8.0000.5400

gravações. Para este procedimento, foi utilizado o conjunto de fone e microfone Microsoft® LifeChat™ LX-3000.

### **3.5 Transcrições dos dados**

Os nomes selecionados para esta etapa da pesquisa encontram-se no quadro 3.1, bem como suas correspondentes transcrições fonéticas e fonológicas, de acordo com o IPA (*The International Phonetic Alphabet*), seguidas de seus padrões silábicos. Este procedimento visa possibilitar as análises dos processos de adaptações fonológicas realizadas por falantes de PB que são detalhadas na seção 4 deste trabalho.

Dada a impossibilidade de se gravar a pronúncia destes nomes por falantes de IA, quando oportuno, recorreu-se aos dados de Souza (2011) para a comparação das realizações de falantes de ambas as línguas.

Nome analisado	Transcrição fonética no PB	Transcrição fonológica no PB	Padrão silábico do PB
Adilson	[a'dʒiʊsõõ]	/a.'dil.soN/	v.cvc.cvc
Adrian	['adriẽ]	/'a.drjaN/	v.ccvvc
Alexsander	[alɛk'sẽder]	/a.lɛ.ki.'saN.deR/	v.cv.cv.cvc.cvc
Allan	[a'lẽ]	/a.'laN/	v.cvc
Andrew	['ẽɹdrew]	/'eN.drew/	vc.ccvv
Andrey	[ẽ'drej]	/aN.'drej/	vc.ccvv
Anthony	['ẽntoni]	/'aN.to.ni/	vc.cv.cv
Brayan/ Bryan	['brajẽ]	/'braj.aN/	ccvv.vc
Brendo	['brẽĩdo]	/'breN.do/	ccvc.cv
Camile	[ka'milɪ]	/ka.'mi.li/	cv.cv.cv
Cauet	[kaʊ'ʊe]	/kaw.'we/	cvv.vv
Cleiton	['kleiɹtõõ]	/'klej.toN/	ccvv.cvc
Cristofer	['kristofer]	/'kris.to.feR/	ccvc.cv.cvc
Daiane	[daɪ'anɪ]	/daj.'a.ni/	cvv.v.cv
Deivid	['deɪvidʒɪ]	/'dej.vi.di/	cvv.cv.cv
Deniel	['deniɛʊ]	/'de.ni.ew/	cv.cv.vv
Dhienifer	['dʒjenifer]	/'dʒje.ni.feR/	cvv.cv.cvc
Ednan	[edʒɪ'nẽ]	/e.dʒi.'naN/	v.cv.cvc
Emili/ Hemilly	['emilɪ]	/'e.mi.li/	v.cv.cv
Endrel	['ẽɹdrew]	/'eN.drew/	vc.ccvv
Erick	['erikɪ]	/'ɛ.ri.ki/	v.cv.cv
Gleici	['gleɪsɪ]	/'glej.si/	ccvv.cv
Ingrid	['ĩŋgridʒɪ]	/'iN.gri.di/	vc.ccv.cv

Jacqueline	[ʒake'lini]	/ʒa.ke.'li.ni/	cv.cv.cv.cv
Jenifer	['dʒenifer]	/'dʒe.ni.feR/	cv.cv.cvc
Jonatan	['dʒonatɛ]	/'dʒo.na.taN/	cv.cv.cvc
Joyce	['ʒɔjsi]	/'ʒɔj.si/	cvv.cv
Kaíke	[ka'iki]	/ka.'i.ki/	cv.v.cv
Kailaine	[kaɪ'lɛini]	/kaj'laj.ni/	cvv.cvv.cv
Kamily	[ka'mili]	/ka.'mi.li/	cv.cv.cv
Karoline	[karo'lini]	/ka.ro.'li.ni/	cv.cv.cv.cv
Kauan	[kaʊ'ɛ]	/kaw.'aN/	cvv.vc
Keilla	['keɪla]	/'kej.la/	cvv.cv
Kelly	['kɛli]	/'kɛ.li/	cv.cv
Kemilly	['kemili]	/'ke.mi.li/	cv.cv.cv
Kenedy	['kenedʒi]	/'ke.ne.di/	cv.cv.cv
Kerin	['kɛriN]	/'kɛ.riN/	cv.cvc
Kerollany	[kɛro'lɛini]	/kɛ.ro.'laj.ni/	cv.cv.cvv.cv
Kerollyn	['kɛrolɪN]	/'kɛ.ro.liN/	cv.cv.cvc
Ketelyn	['kɛtɪlɪN]	/'kɛ.ti.liN /	cv.cv.cvc
Kethanli	['kɛtɛli]	/'kɛ.taN.li/	cv.cvc.cv
Ketlen	['kɛtlɪN]	/'kɛ.liN/	cvc.cvc
Ketlin	['kɛtlɪŋ]	/'kɛ.tliN/	cv.cvc
Keven	['kɛvɛi]	/'kɛ.veN/	cv.cvc
Lorrayny	[lo'hɛini]	/lo.'haj.ni/	cv.cvv.cv
Maila	['maɪla]	/'maj.la/	cvv.cv
Maycon	['majkɔŋ]	/'maj.koN/	cvv.cvc



Nataly	[ˈnatalɪ]	/ˈna.ta.li/	cv.cv.cv
Nickolas	[ˈnikolas]	/ˈni.ko.laS/	cv.cv.cvc
Nicolý	[niˈkɔli]	/ni.ˈkɔ.li/	cv.cv.cv
Nilton	[ˈniɔ̃tõõ]	/ˈnil.toN/	cvc.cvc
Patrick	paˈtriki]	/pa.ˈtri.ki/	cv.ccv.cv
Peter	[ˈpeter]	/ˈpɛ.teR/	cv.cvc
Quétele	[ˈkɛtɪli]	/ˈkɛ.ti.li/	cv.cv.cv
Rayani	haɪˈɛni]	/haj.ˈa.ni/	cvv.v.cv
Rayca	[ˈhaɪka]	/ˈhaj.ka/	cvv.cv
Renan	[heˈnɛ]	/he.ˈnaN/	cv.cvc
Rian	[hiˈɛŋ]	/hi.ˈaN/	cv.vc
Richard	[ˈhiʃardʒɪ]	/hi.ʃaR.di/	cv.cvc.cv
Rillary	[ˈhilarɪ]	/ˈhi.la.ri/	cv.cv.cv
Ritchelly	hiˈʃɛli]	/hi.ˈtɛ.li/	cv.cv.cv
Robson	[ˈhɔ̃bisõõ]	/ˈhɔ̃.bi.soN/	cv.cv.cvc
Ronald	[ˈhonaɔ̃dʒɪ]	/ˈho.naL.di/	cv.cvc.cv
Sahymon	[ˈsaɪmõõ]	/ˈsaj.moN/	cvv.cvc
Sahyron	[ˈsaɪrõõ]	/ˈsaj.roN/	cvv.cvc
Shakyronhyw	[ʃakiroˈniɔ̃]	/ʃa.ki.ro.ˈniw/	cv.cv.cv.cvv
Stefani/ Stefhany	[isˈtɛfɛni]	/iS.ˈtɛ.fa.ni/	vc.cv.cv.cv
Thairiny	[taɪˈriɪni]	/taj.ˈri.ni/	cvv.cv.cv
Thalison	[ˈtalisõõ]	/ˈta.li.soN/	cv.cv.cvc
Villen	[ˈvilɛn]	/ˈvi.leN/	cv.cvc
Wallacy	[ˈɔ̃lasɪ]	/ˈwa.la.si/	vv.cv.cv

Wervelen	[ˈwɛɪvɛlẽĩ]	/'wɛR.ve.leN/	vvc.cv.cvc
Wesley	[ˈwɛsleĩ]	/'wɛS.lej/	vvc.cvv
Willian	[ˈʔiliẽ]	/'wi.li.aN/	vv.cv.vc

Quadro 3.1 - Pronúncia, transcrição fonológica e padrão silábico no PB

No quadro 3.2, a seguir, listam-se os hipocorísticos coletados nesta pesquisa e que serão analisados na seção 4.5. Ressalta-se, porém, que não foram considerados todos os tipos de apelidos reunidos pela aplicação dos questionários, como os cognomes ou tratamentos afetuosos. Desta maneira, foram desconsiderados os apelidos que não têm relação formal com o nome de origem, como, por exemplo, Gordo como apelido de João.

Ao todo, foram coletados 738 apelidos, sendo que, destes, analisamos um montante de 183 hipocorísticos, que apresentavam alguma relação formal com o nome original, como, por exemplo, a manutenção da sílaba tônica ou da sílaba inicial, a manutenção do radical, etc.

<b>Nome</b>	<b>Hipocorístico</b>
Arthur	Tu
Akilys	Kilys
Alessandro	Sandro
Alexandre	Ale
Alexandre	Xandinho
Alexsander	Alex
Alice	Lili
Alice	Alicinha
Aline	Line

Ana	Aninha
Andrey	Dey
Antônio	Toninho
Arthur	Turzinho
Arthur	Arthurzinho
Arthur	Tutu
Augusto	Guto
Barbara	Bá
Beatris	Bia
Bernardo	Be
Bianca	Bi
Breno	Be
Bruna	Bruninha
Bruno	Bú
Bruno	Bruninho
Caio	KK
Camila	Mila
Camila	Camilinha
Carlos	Carlinhos
Cauã	Caca
Clara	Clarinha
Cleber	Clebinho
Cristofer	Cris
Danilo	Dani

Davi	Davizinho
Denis	Dede
Dhienifer	Dhe
Dhulya	Dhu
Diana	Didi
Diogo	Oguo
Diogo	Di
Doughlas	Dô
Doughlas	Dodô
Dylan	Di
Ectan	Tan
Elis	Lis
Ellen	Ellenzinha
Eloá	Elo
Enzo	Enzinho
Fabrcio	Bibicio
Felipe	Lipe
Felipe	Fê
Felipe	Lipão
Felipe	Fefe
Fernanda	Nandinha
Fernando	Fernandinho
Gabriel	Gabi
Gabriely	Gaby

Geovana	Gê
Giovana	Gi
Gregori	Gréguinho
Guilherme	Gui
Gustavo	Gú
Gustavo	Tavinho
Hallana	Laninha
Heitor	Tor
Heitor	Toi
Helder	Helderzinho
Hemilly	Mi
Hillary	Hillinha
Ingrid	Guid
Isabela	Be
Isabela	Bebé
Isabela	Bela
Isabela	Isa
Isabelle	Bela
Isabelle	Belinha
Isabelli	Belli
Isabelly	Bebela
Isabely	Bebeli
Israel	I
Jamily	Mily

Jennifer	Fefe
Jhonatan	Jhow
Jhonatan	Jhonjhon
João	Joãozinho
Jonathan	Joninha
Julia	Juju
Julia	Julinha
Júlia	Ju
Juliana	Ju
Kaike	Kaikinho
Kamili	Mili
Kamilly	Mi
Kawê	Kawêzinho
Kemily	Keminha
Kenyd	Ke
Kerollyn	Kelinha
Kethily	Keti
Kettylin	Kétty
Lara	Larinha
Lauany	Lau
Laura	Lala
Laura	Laurinha
Leandro	Lê
Leticia	Lê

Lívia	Lili
Lívia	Livinha
Lorena	Lô
Lorrany	Rany
Luane	Ani
Lucas	Luquinhas
Lucas	Lucão
Luciene	Lu
Luiza	Lu
Maisa	Isa
Marcos	Marquinhos
Marcos	Marcão
Mateus	Tete
Matheus	Theus
Matheus	Teteu
Matheus	Matheuzinho
Miguel	Guel
Miguel	Miguelzinho
Mikaelly	Mi
Murilo	Lilo
Murilo	Mú
Nadla	Ná
Nicolas	Ni
Nicoli	Ni

Nicollas	Nico
Nicollas	Nick
Nicolly	Colly
Nicolly	Ni
Otávio	Tatá
Otávio	Tavinho
Othavio	Otavinho
Pablo	Pablê, Pabezinho
Paulo	Paulinho
Pedro	Pe
Pedro	Pepê
Pedro	Pedrinho
Radyme	Dydy
Rayssa	Rayssinha
Rebeca	Beca
Renam	Re
Renato	Rê
Renato	Nana
Rhaynara	Nara
Rillary	Ri
Rodrigo	Didigo
Rodrigo	Digo
Ryan	Ry
Ryan	Ryazinho



Sabrina	Bina
Sabrina	Sá
Sadryna	Sá
Samara	Sá
Samira	Mi
Sara	Sarinha
Sofia	Fia
Sofia	So
Sthefhany	Teté
Taciany	Tacy
Taina	Tatá
Thiago	Ti
Thiago	Thiaguinho
Valentine	Titiny
Valentine	Titiny
Vicenzo	Vi
Victor	Vitinho
Victor	Vitão
Victória	Vi
Villen	Vi
Villen	Vilão
Vinícius	Vi
Vitor	Vi
Vitoria	Toia

Yasmin	Mim
Yasmin	Mimi
Yasmin	Mimica
Yasmin	Mimica
Yéchilin	Lili
Ysabelli	Belinha

Quadro 3.2 - Hipocorísticos analisados nesta pesquisa

### 3.6 Considerações finais

Nesta seção, foram apresentados os procedimentos metodológicos adotados para a realização deste trabalho e a constituição do *corpus*, além de listados os nomes eleitos para a etapa de gravação, bem como suas respectivas transcrições fonético-fonológicas e os hipocorísticos que serão analisados na seção 4.

## 4 Análise dos dados

Nesta seção, serão analisados os dados coletados nesta pesquisa. Primeiramente, realizar-se-á uma análise quantitativa, para, em sequência, analisarem-se questões referentes à ortografia, à morfologia e à fonologia dos nomes próprios que constituem o *corpus* deste estudo.

### 4.1 Descrição e quantificação dos dados coletados

Esta é uma pesquisa tanto quantitativa quanto qualitativa. Da análise porcentual dos dados obtidos, pode-se observar que a categoria “Nomes usuais no PB” representa 76% do total de nomes coletados, enquanto “Nomes não usuais no PB” representa os 24% restantes do total de 14.716 nomes próprios (Tabela 1).

Tabela 4.1- Distribuição porcentual dos nomes próprios divididos nas categorias “Nomes usuais” e “Nomes não usuais no PB”

<b>Categorias</b>	<b>Nomes coletados</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
Nomes usuais no PB	11160	76
Nomes não usuais no PB	3556	24
<b>Total</b>	<b>14716</b>	<b>100</b>

Com relação às categorias “Nomes usuais no PB” e “Nomes não usuais no PB”, pode-se observar que, no primeiro grupo, os nomes concentram-se de modo ligeiramente superior na subcategoria “Nomes dicionarizados com ortografia padrão”, isto é, 55%, enquanto a subcategoria “Nomes com ortografia estilizada ou variantes de nomes

dicionarizados” representa pouco menos da metade da categoria (45%). Já para “Nomes não usuais no PB”, ocorre maior variação na porcentagem de distribuição nas subcategorias, ou seja, 19% enquadram-se em “origem inglesa”, 23% em “adaptações fonológicas e/ou ortográficas ou variantes do inglês” e 58% ficam em “novas criações”, ou seja, mais que a metade dos nomes enquadrados na categoria “Nomes não usuais no PB” são representados por novas criações (Gráficos 4.1 e 4.2).

Gráfico 4.1 - Porcentagem das subcategorias encontradas na categoria “Nomes usuais no PB”

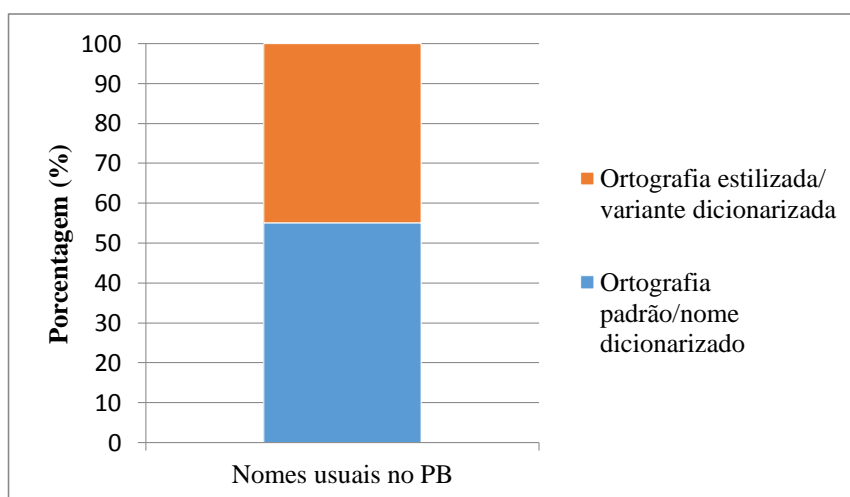
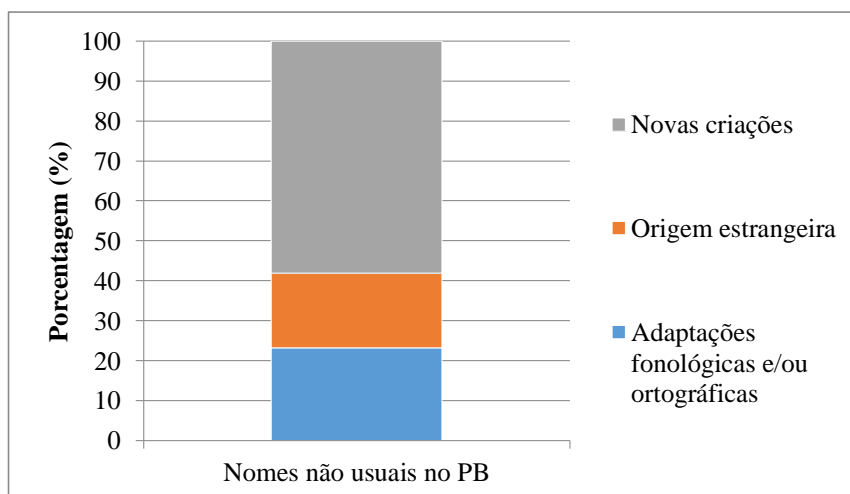
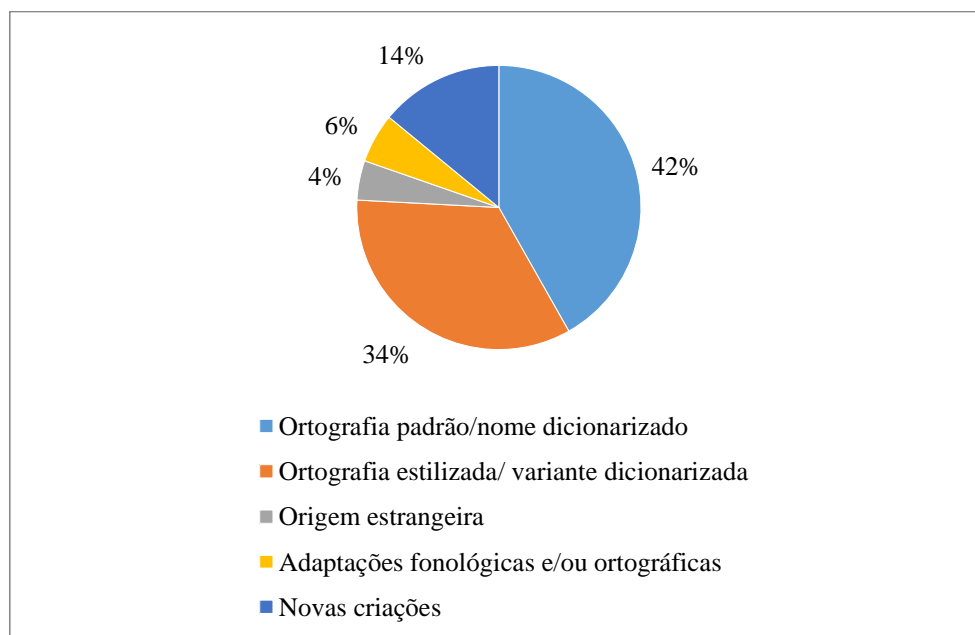


Gráfico 4.2 - Porcentagem das subcategorias encontradas na categoria “Nomes não usuais no PB”



Com relação ao total de nomes coletados, ou seja, 14.716 nomes amostrados, observa-se que a maior porcentagem, isto é, 42% do total de nomes analisados enquadram-se como nomes dicionarizados com ortografia padrão, seguindo-se ortografia estilizada ou variante de nomes dicionarizados (34%), novas criações (14%), adaptações fonológicas e/ou ortográficas ou variantes do inglês (6%) e origem inglesa (4%) (Gráfico 4.3). Assim, observa-se que, apesar de as novas criações representarem a maior porcentagem dentro da categoria “Nomes não usuais no PB”, esta subcategoria representa apenas 14% do total amostrado.

Gráfico 4.3 - Distribuição percentual das subcategorias na amostragem total



#### 4.1.1 Categoria “Nomes usuais no PB” e suas subcategorias

Esta categoria representa 76% dos nomes coletados. Nela, são reunidos os nomes vernáculos, registrados no dicionário antroponímico de Oliver (2010). Nomes como Ana, Beatriz, Bruno, Daniel, Eduardo, Gabriel, Gustavo, João, Letícia, Lucas, Maria e Pedro

são os mais frequentes na subcategoria “ortografia padrão/nome dicionarizado”, que contabiliza 55% do total desta categoria, provando que muitos dos nomes contidos na Bíblia ou que se baseiam em palavras do léxico latino continuam em alta recorrência e motivando as escolhas tradicionais.

Os outros 45% dos nomes restantes da categoria “nomes usuais” compõe a subcategoria “ortografia estilizada/variante dicionarizada”. Nomes como Akilys, Heloysa, Julhia, Jullya, Klara, Henrik, Dhavy, Felipy, Felype, Fillipy, Haghatha, Kayo e Nathalya exemplificam a categoria. Aqui, alocam-se todos aqueles nomes que, ao invés de seguirem o padrão da ortografia da língua portuguesa previsto pela Gramática Normativa, tiveram as marcas estilísticas de seus criadores expressas, como no caso da duplicação de consoantes (como em Fillipy, no lugar de Felipe), inserção de <k>, <w> e <y> (Akique, Dhavy, Matthews ao invés de Aquiles, Davi e Mateus) ou <h>, como Thiago, ou o fato de serem desconsideradas as normas previstas pela gramática para a acentuação gráfica dos prenomes, como em Luis, que deveria receber o acento agudo em <i>, por exemplo. Também são inclusos nesta segunda subcategoria as variantes de nomes que não foram dicionarizados por Oliver (2010), mas que, como falantes do português, temos tais nomes como “usuais”, como é o caso de Gabriely/Gabriele ao invés da forma dicionarizada Gabriela.

#### **4.1.2 Categoria “Nomes não usuais no PB” e suas subcategorias**

Os nomes restantes (34% do total coletado) preencheram a categoria “Nomes não usuais no PB”, sendo compostos por aqueles de origem estrangeira, isto é, da língua inglesa (como Bryan, Hudson, Ryan, Henry, Richard), adaptados fonológica ou

ortograficamente (como Leyd Daiane) ao PB e também as novas criações, sendo que algumas tomaram como base o idioma estrangeiro para a composição (Jeyni, Gudryan, Hendryck, Jádson, Jéfyt, Jhãn, Kaliston, Ainder, Ákissa, Allag, Alysther, Cêllyne, Clawford, Dekster, Hendjemille, Rakemilly, entre outros).

#### **4.2 Quantificação dos dados obtidos pela aplicação dos questionários**

Intencionando-se investigar as possíveis motivações que levam os pais a eleger nomes para seus filhos, foram aplicados questionários nas escolas municipais de São Carlos – SP. Do total de alunos, 1.122 voluntariaram-se a respondê-los, e as informações coletadas como motivações de escolha dos prenomes foram transcritas a seguir:

##### ***Motivações de escolha dos prenomes:***

- Escolha pelo significado
- Homenagem a algum personagem
- Homenagem a artista brasileiro
- Homenagem a artista estrangeiro
- Homenagem a jogador
- Homenagem a parente ou amigo
- Homenagem a político brasileiro
- Homenagem a político estrangeiro
- Junção de outros nomes
- Motivo não especificado
- Motivo específico
- Motivo religioso
- Por ser um nome bonito
- Pronúncia agradável/ nome “soa bem”/ nome “forte”

A princípio, não foram listadas no questionário previamente formulado as motivações “por ser um nome bonito”, “motivo religioso”, “escolha pelo significado” e “pronúncia agradável/ nome soa bem/ nome forte” (isto é, eufônico). Porém, como muitos informantes apontaram tais motivos, optou-se por considerá-los na tabulação dos dados. A Tabela 4.2 a seguir compila os dados coletados.



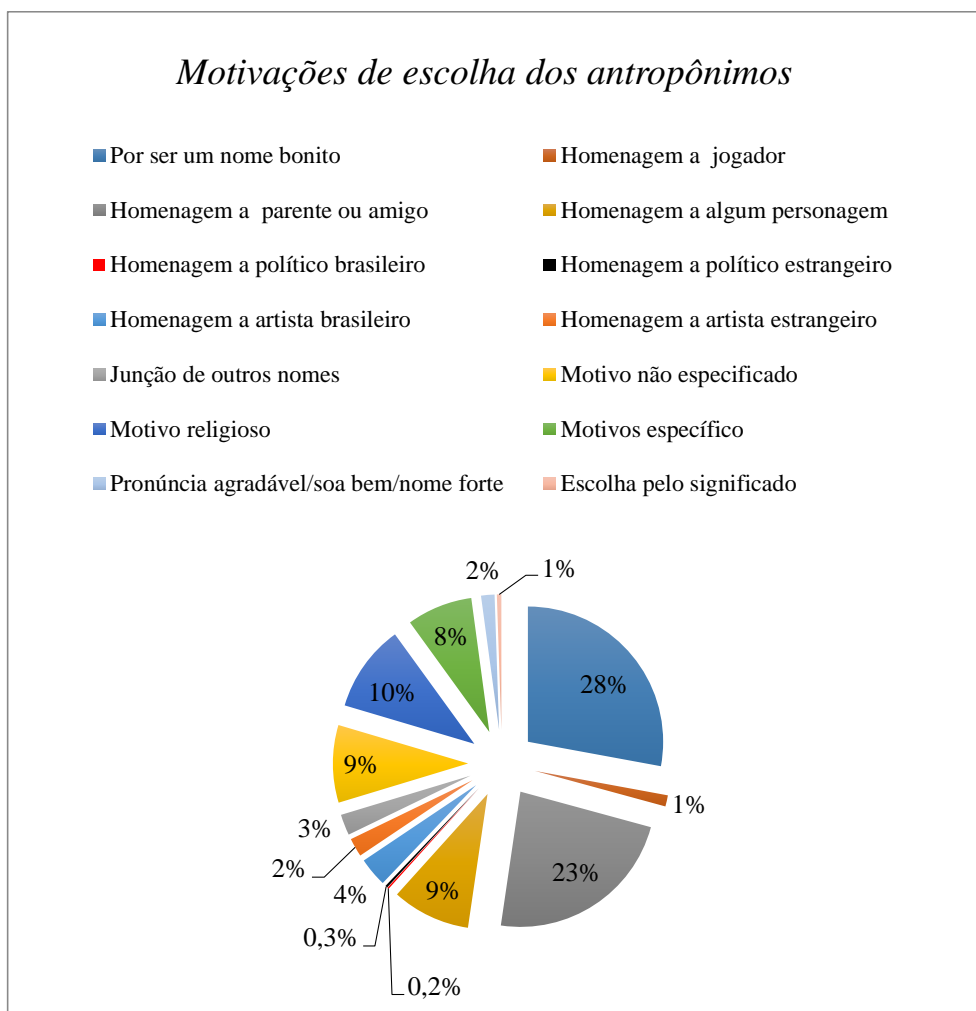
Tabela 4.2 - Dados obtidos por meio da aplicação dos questionários aos alunos

Motivações de escolha	Total de respostas	Porcentagem (%)	Quem escolheu o nome					Conhece o significado do nome	Possui apelido	Gosta do apelido	Não gosta do apelido	Não opinou	Nome de origem estrangeira
			Pai	Mãe	Pai e Mãe	Outro	Não opinou						
Por ser um nome bonito	313	27,9	59	158	38	15	43	121	203	144	4	55	72
Homenagem a jogador	15	1,3	6	2	4	1	2	4	10	6	2	2	3
Homenagem a parente ou amigo	259	23,1	67	119	32	27	14	72	182	142	3	37	31
Homenagem a algum personagem	105	9,4	33	58	9	4	1	35	64	53	3	8	25
Homenagem a político brasileiro	2	0,2	1	1	0	0	0	1	1	0	0	1	0
Homenagem a político estrangeiro	3	0,3	1	1	1		0	3	1	0	0	1	3
Homenagem a artista brasileiro	39	3,5	12	17	3	4	3	10	27	22	1	4	5
Homenagem a artista estrangeiro	25	2,2	6	12	5	2	0	8	17	13	1	3	15
Junção de outros nomes	28	2,5	5	16	6	0	1	5	18	14	0	4	1
Motivo não especificado	104	9,3	24	47	5	12	16	27	61	44	3	14	16
Motivo religioso	117	10,4	31	49	22	12	3	81	75	59	3	13	30
Motivos específico	88	7,8	24	35	13	9	7	41	63	50	3	10	30
Pronúncia agradável/soa bem/nome forte	18	1,6	4	6	4	3	1	7	12	9	1	2	3
Escolha pelo significado	6	0,5	0	3	2	1	0	6	4	3	0	1	5
<b>TOTAL</b>	<b>1122</b>	<b>100</b>	<b>273</b>	<b>524</b>	<b>144</b>	<b>90</b>	<b>91</b>	<b>421</b>	<b>738</b>	<b>559</b>	<b>24</b>	<b>155</b>	<b>239</b>

O “total de respostas” refere-se à quantidade de prenomes que foram recolhidos pela aplicação dos questionários levando-se em consideração os motivos listados. Na sequência, seguem as informações sobre quem escolheu o nome do aluno entrevistado. A informação “conhece o significado” refere-se àqueles prenomes cujos portadores conheciam o significado e/ou a etimologia de seus nomes. Outra informação fornecida pelos informantes foi quanto aos seus nomes possuírem apelidos e quanto a gostarem ou não deles. Por fim, computaram-se, de acordo com os informantes da pesquisa, os nomes coletados que eram de origem estrangeira.

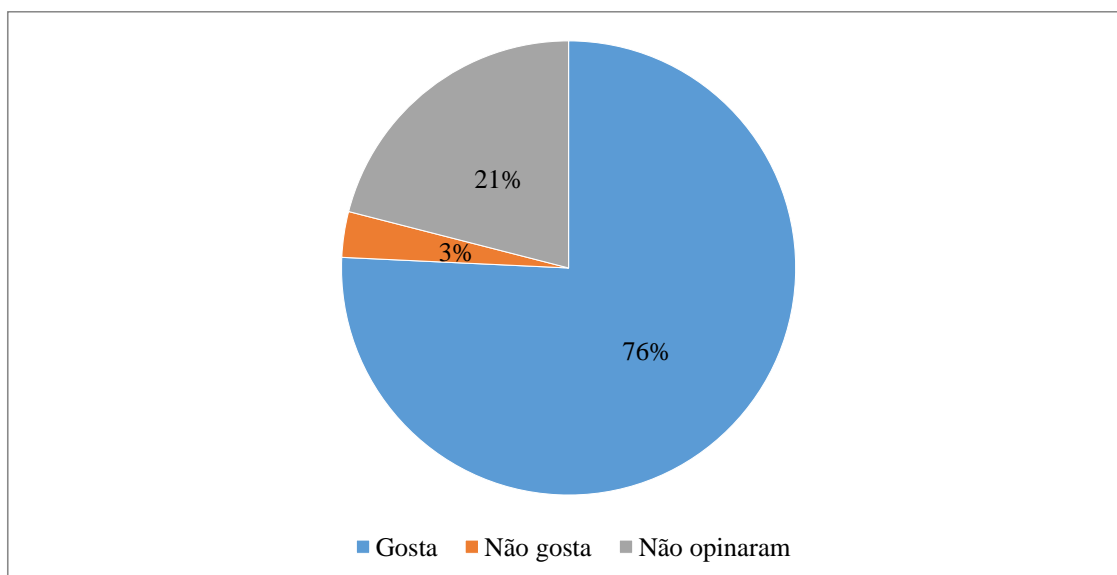
Conforme se observa no gráfico 4.4 a seguir, as motivações de escolha mais representativas foram “Por ser um nome bonito” (28%) e “Homenagem a parente ou amigo” (23%). “Motivo religioso”, “Homenagem a algum personagem” representaram 10% e 9% dos questionários respondidos, respectivamente. Em seguida aparecem “Outros motivos não especificados pelos informantes” (9%) e “Outros motivos específicos” (8%). A motivação “Homenagem a artista brasileiro” representou 3% dos nomes coletados, enquanto “Homenagem a artista estrangeiro”, “Junção de nomes de outras pessoas” e “Pronúncia agradável (ou) soa bem (ou) nome forte” representaram 2% cada. “Escolha pelo significado”, “Homenagem a algum jogador” e “Homenagem a algum político brasileiro” representaram, cada um, apenas 1% dos dados coletados, enquanto “Homenagem a político estrangeiro” apenas 0,3%.

Gráfico 4.4 - Motivações de escolha dos antropônimos



Com relação aos apelidos, 738 (66%) dos entrevistados declararam possuí-los. Destes, 76% dos informantes afirmaram que gostam deles, enquanto 3% não gostam. Vinte e um por cento das pessoas que possuem apelidos não opinaram se gostam ou não.

Gráfico 4.5 - Afeição aos apelidos



De um total de 1.122 informantes, 239 (21%) afirmaram que seus nomes são de origem estrangeira. Destes, 65 alunos informaram que seus nomes são oriundos da língua inglesa.

Nesta etapa da pesquisa, pôde-se observar que foram mais expressivos os números dos informantes que disseram ser seus nomes oriundos do hebraico, principalmente aqueles que os receberam por “motivos religiosos”, representando assim 15% do total dos “nomes estrangeiros” categorizados pelos que se voluntariaram a responder os questionários. Em números menos expressivos, seguiram-se os nomes de origem russa, japonesa, italiana, etc.

### **4.3 Análise de questões ortográficas e morfológicas**

Monteiro (2002, p. 208) afirma que, “embora a escrita dos nomes próprios se submeta às mesmas regras ortográficas dos nomes comuns, o que se observa é o gosto pelo exótico, muitas vezes fazendo com que letras expurgadas de nossa ortografia sejam

usadas inclusive em prenomes bem familiares”. No *corpus* coletado, pôde-se constatar que, muitas vezes, na tentativa de conferir exclusividade ou diferenciar os prenomes dados a seus filhos dos demais comumente usados no PB, os pais optam por marcar suas preferências estilísticas por meio das grafias excêntricas dos prenomes.

As razões pelas quais são possíveis tantas grafias estilizadas para nomes próprios de pessoas registrados no Brasil podem ser inúmeras, dentre elas ressalta-se, com base em Massini-Cagliari (2010, p. 80-81), a liberdade que a legislação brasileira confere aos pais para registrarem seus filhos com a ortografia que lhes parecer mais conveniente. Para a autora,

é justamente a possibilidade de variação ortográfica de nomes próprios no Brasil que faz com que, apesar de nativos, alguns dos nomes adotados no Brasil pareçam estrangeiros, por causa da ortografia não-padrão que adotam.

De acordo com as considerações de Cagliari (2004), e em consonância com Massini-Cagliari (2010, 2011a,b) e Souza (2011, p. 185), pode-se relacionar a escrita diferente da usual – por exemplo, a duplicação de grafemas (como ocorre em *Affonso*, *Anna*, *Felippe*, *Rebecca*, *Vittória*, *Yzabell*), o agrupamento de consoante + <h> (como em *Bheatriz*, *Rafhael*, *Rhonaldo*, *Sarha*, *Vithória*) e a presença das letras <k, y, w> (em nomes como *Henrik*, *Euclides*, *Winiccus*) – ao fato de que o falante intenciona, com o seu gosto pelo diferente, criar um traço distintivo aos nomes próprios, assemelhando-os aos estrangeiros por meio de grafias incomuns ao sistema ortográfico da língua portuguesa.<sup>71</sup>

A seguir, em (4.1), expõe-se alguns dos nomes presentes no *corpus* que, apesar de previstos em suas formas canônicas no dicionário antroponímico de Oliver (2010),

---

<sup>71</sup> Os exemplos de antropônimos que foram citados constam no *corpus* desta pesquisa.

apresentam grafias que fogem, por questões de estilo, do que é previsto pelo sistema ortográfico do PB:

(4.1)

Affonso	Emanuelly
Akilles	Emmanuel
Akilys	Érika
Alicy	Estella
Anna	Euclides
Anyta	Feliphe
Arthur	Felippe
Bheatriz	Felipy
Bianka	Felype
Brunno	Filippy
Byanca	Fillipy
Camilly	Gabrielly
Carolline	Gabryel
Carolliny	Gabryella
Carolyna	Henryck
Carolyne	Henryque
Carolyny	Héryka
Clarah	Ihara
Cristyano	Isabelly
Crystiane	Jackeliny
Danielly	Jacyntho
Eduarda	Janayna
Edwardo	Jaquelinny
Elloisa	Jhackline
Ellyza	Jhoel
Eloysa	Jhulia
Emanoella	Jhuliana
Emanuel	Jhulio

Jhullya	Matheus
Julhia	Mathias
Jullia	Matteus
Jullya	Matthews
Jullyana	Michelle
Julya	Michelly
Julyane	Miguell
Karoliny	Millena
Karolline	Monike
Karollyne	Monyk
Karolyna	Moyses
Karolyne	Murillo
Karolynne	Muryllo
Karolyny	Myguel
Karyna	Myllena
Kassiana	Phelipp
Kassio	Rafaella
Katarina	Rafaelly
Katharina	Rafhael
Katia	Rafhaella
Kayo	Raphael
Khaio	Raphaella
Kharolynna	Rebecca
Laryssa	Rhonaldo
Lethicia	Rutty
Letycia	Samantha
Levy	Samuell
Lívya	Sarah
Mariah	Sarha
Marianne	Saullo
Mariany	Sofhia
Marya	Sophia
Maryah	Sophya
Maryana	Stella

Susany	Viktor
Theodoro	Viktorya
Thereza	Vinycius
Thiago	Vithor
Thobias	Vithória
Thyago	Vittor
Ulysses	Vittória
Vicktória	Vyctor
Victhor	Vyctória
Victor	Vyttoria
Victória	

No que tange a questão de adaptação ortográfica, Massini-Cagliari (2010, p. 81) afirma que esta pode ser um índice da adaptação sofrida por nomes estrangeiros, inclusive no caso dos antropônimos. Para exemplificar, a autora cita alguns prenomes como Magaiver (adaptação de *MacGyver*) e Taison (adaptação de *Tyson*). Neste último, pode-se observar que o grafema <y>, correspondente ao ditongo [aɪ] na língua de partida, foi adaptado ortograficamente na língua de chegada com o intento de se reproduzir a pronúncia “original” do nome.

Em consonância com a referida autora, Souza (2011, p. 183) também atenta para os casos em que os ditongos do inglês [aɪ] e [eɪ], e que são representados por <i> e <y> e <a> na língua de origem, seguem o modelo de ortografia dos ditongos correspondentes na língua de chegada, como é o caso dos prenomes *Jeymes*, *Deivid* e *Carolayni*, entre outros que constam no *corpus* de sua pesquisa.

A seguir, apresentam-se em (4.2) algumas das ocorrências de nomes de origem inglesa adaptados graficamente ao PB coletados na cidade de São Carlos – SP:



(4.2)

Alleyn	Karolayne
Ayron	Kerolaini
Bhrayam	Kerollayne
Braian	Kleyton
Brayam	Layon
Brayan	Leyd Daiane
Cleiton	Maick
Cleyton	Máicon
Daiane	Maychel
Daiany	Mayco
Dauthon	Maycon
Dayane	Mayk
Deivid	Mayke
Deyvd	Maykel
Greice	Mayki
Hesheley	Maykon
Jeyni	Mhayk
Karolainy	Theyllor

Outros nomes como *Rillary*, *Petrick*, *Endriw* e *Hechilyn* também demonstram a preocupação do usuário do PB em garantir a pronúncia do prenome semelhante à inglesa por meio da grafia adaptada dos segmentos. Há aqueles que registram, por meio da acentuação gráfica, o padrão esdrúxulo de acentuação dos prenomes, como vemos em (4.3) a seguir:

(4.3)

Ádrian	Évellyn
Ákissa	Évelym
Álex	Jádson
Állan	Jéfyt
Ândreina	Késia
Cêllyne	Máicon
Dáfne	Márlio
Dálete	Nágylla
Dérick	Nícolás
Domínick	Quétele
Émilly	Rúrick
Érick	Sídiny

Ainda outra questão que merece ser observada, no que tange a influência da língua inglesa em antropônimos coletados na cidade de São Carlos–SP, como anteriormente já constatarem Massini-Cagliari (2010, 2011a,b) e Souza (2011), é o fato de que, apesar de se tentar manter a pronúncia original de alguns grafemas, muitas vezes, o falante se rende, em algum momento, à adaptação ao sistema do PB.

Existem ainda casos no presente *corpus* em que o grafema <h> se presta a múltiplas funções. Algumas vezes são utilizados em nomes vernáculos puramente por questões estilísticas, como *Jhoel*; outras, dão aos nomes um “ar” de estrangeirismo, como em *Jhepherson*. Em outras ainda, o grafema inserido assegura a forma como os pais escolheram que os nomes de seus filhos devam ser pronunciados, mesmo em contexto de PB, como em *Jhãn*. Por fim, existem as novas criações, como *Jhulifer* em que, na tentativa de compor um prenome que se diferencie de outros, os pais fizeram uma amalgamação

das pronúncias inglesas dos nomes *Julia* e *Jennifer*. Essas composições podem ser observadas no exemplo (4.4) a seguir.

(4.4)

Dhenifer	Jhepherson
Djéssica	Jhoel
Djhenifer	Jhonas
Jhackline	Jhonatan
Jhãn	Jhoni
Jheferson	Jhonny
Jhefter	Jhordan
Jheíson	Jhúlia
Jheneffer	Jhuliana
Jheniffer	Jhulifer
Jhennifer	Jhulio
Jhennyfer	Jhully
Jhenyfer	Jhullya

No campo dos sons consonantais em prenomes de origem verdadeira ou supostamente estrangeira, Massini-Cagliari (2010, 2011a,b) chama a atenção para aqueles que fazem uso de *clusters* incomuns no PB. Souza (2011, p. 183), da mesma forma, constata que

a representação gráfica de prenomes de origem inglesa no PB faz uso de *clusters* incomuns ao padrão da ortografia da língua nativa no intuito de “mimetizar” os sons da língua fonte, isto é, a forma ortográfica do PB, também neste caso, representa a realização fonética do inglês. Esse é o caso, por exemplo, da consoante africada /dʒ/, geralmente representada ortograficamente em inglês por <j> e <g>. Em contexto de PB, identifica-se o uso de agrupamentos como <dh> e <dj>, como na forma de representação da consoante do inglês.

Entretanto, em alguns nomes como *Dheyvid* e *Dhemily*, a grafia do <h> se dá exclusivamente por questões estilísticas, não influenciando na pronúncia do nome.

Coletaram-se também nomes que, originalmente, não possuem grafias pertencentes nem ao Português nem ao Inglês, de acordo com o dicionário de Oliver (2010). Alguns registros do *corpus* podem ser vistos no exemplo (4.5) seguinte:

(4.5)

Charllys	Jennyfe
Davids	Jhepherson
Dekster	Khelryn
Denyffer	Khenyffer
Dionatham	Phelipe
Dyeferson	Phelippy
Dyenifer	Phillip
Ewerthon	Sttephanie
Hendjemille	Stter
Jenifher	Wellington
Jenipher	Whilian

Em conformidade com os trabalhos precursores de Massini-Cagliari (2010, 2011a,b) e Souza (2011), afirma-se que as grafias alienígenas de tais nomes muitas vezes são mantidas por vontade própria do nomeador, que deseja imprimir uma marca estrangeira a estes, mesmo que já tenham sido modificados de sua forma original, como é o caso do prenome de um jogador de futebol brasileiro, *Wallacer*, analisado por Massini-Cagliari (2010, p. 86):

O nome inglês *Wallace*, do qual deriva, já apresenta um padrão acentual proparoxítono, excepcional, do ponto de vista do português. No entanto, por não apresentar uma sílaba travada no final, talvez tenha parecido não-suficientemente “estranho”, no sentido de “estrangeiro”, aos seus pais, que preferiram nomeá-lo como *Wallacer*, muito mais marginal, do ponto de vista do PB, do que *Wallace*, que contém duas sílabas CV em posição postônica.

Outro exemplo é o que ocorre no processo de adaptação do prenome *Máicon*, a partir de *Michael*, que, de acordo com Massini-Cagliari (2010, p. 86), é um dos nomes estrangeiros mais comuns no Brasil atualmente, sendo utilizado sobretudo para homenagear *Michael Jackson*. A seguir, transcreve-se a análise do prenome feita pela autora:

O nome *Michael* apresenta uma lateral em coda, no final da palavra; a partir dos processos fonológicos do PB que costumam ser aplicados na adaptação de nomes comuns de origem inglesa, deveria ser mais comum a forma *Máicou*. No entanto, essa forma não apresenta uma nasal (e nem uma rótica) na posição átona final da palavra – elementos que parecem ser cruciais para que um falante de PB reconheça um nome próprio como sendo de origem inglesa. Ao contrário, a forma *Máicon* enquadra-se perfeitamente nessa expectativa.

No *corpus* desta pesquisa, foram registradas três grafias distintas para o prenome inglês *Michael* que se adequam à análise acima feita por Massini-Cagliari (2010): *Máicon*, *Maycon* e *Maykon*.

#### **4.3.1 Processos de novas criações antroponímicas com base na língua inglesa**

De acordo com Villalva (2008, p. 50), neologismos são “palavras que não fazem parte do léxico de uma língua desde a sua fundação como língua”, são, pois, “palavras que num dado momento da existência de uma língua são consideradas palavras novas”. Sobre o processo de novas criações, a autora afirma que:

Independentemente do momento em que surgem, os neologismos devem ser analisados quanto à sua gênese. Não existe uma só maneira de gerar neologismos: alguns são palavras inventadas ou criadas, de forma mais ou menos aleatória, a partir de palavras já existentes; outros são palavras introduzidas na língua por empréstimos a outras línguas; e outros ainda são palavras formadas a partir dos recursos morfológicos disponíveis na língua. A criação de neologismos encontra na morfologia uma potente ferramenta, que tem como fortes aliados a sistematicidade e previsibilidade, mas não se esgota aí.

Para se determinar o que é e o que não é considerado neologismo, Prado (2014, p. 33) cita o estudo de Correia e Lemos (2009), em que as autoras elencam alguns critérios objetivos para identificar um neologismo, incluindo entre eles o ato de conferir se a palavra consta em um dicionário ou não. Assim sendo, justificou-se o critério adotado nesta pesquisa para a classificação como “novas criações antroponímicas”, baseando-se no dicionário de nomes próprios da autoria de Oliver (2010). Porém, Prado (2014, p. 34) lembra ainda a consideração de Alves (1990) de que, “se for bastante frequente, o neologismo é inserido em dicionários e passa a ser considerado parte integrante do sistema linguístico”.

Monteiro (2002, p. 205-208) afirma que as gramáticas costumam omitir os processos de formação de antropônimos, embora estes sejam praticamente iguais aos dos nomes comuns. Dentre os processos e exemplos que cita, estão:

- Derivação imprópria (como em *Hortência, Margarida, Rosa*);
- Sufixação (*Angélica, Antonieta, Faustino*);
- Composição (*José Maria, Rosalva, Rosamaria*);
- Braquissemia (*Alex, Elis, Max*);
- Acrossemia (*Claudionor, Jomar, Silvanir*);
- Anagrama (*Belisa, Elmano, Iracema*) e
- Empréstimos (*Kennedy, Nixon, Washington*).

Muito embora Alves (1984, p. 119) afirme que “ao ser criado, o neologismo deve ser integrado ao sistema de uma língua”, sendo que “esta integração deve obedecer aos critérios ortográficos, fonológicos e morfossintáticos desse idioma”, Guérios (2004, p. 32) afirma que são numerosos os antropônimos “esquisitos, extravagantes, e muitas vezes produzidos por uma pretensa estética sônica ou gráfica em que predomina, as letras *y*, *w*, *h*, *k*, e as terminações *-il*, *-ina*, *-ete*, *-on*, etc.”.

De acordo com Massini-Cagliari (2010, p. 87),

por considerarem nomes de origem estrangeira mais ‘fino’, mais ‘chiques’ do que os prenomes comuns em português muitos pais escolhem esses nomes, justamente por seu caráter diferente. Outras vezes, o fazem apenas para que seu filho não possua um nome comum, na crença de que nomes únicos representam pessoas singulares.

É nesse sentido, que, de acordo com a autora, muitos pais brasileiros se baseiam no modelo de nomes de origem inglesa para criar antropônimos para seus filhos, como é o caso de prenomes como *Silgleison*, *Vander*, *Ilton*, *Onibson*, *Ghardney*, *Weberth*, entre outros, que apesar de parecerem ingleses para falantes de PB, na verdade não são. Esses casos são caracterizados principalmente pela presença das terminações como *-son*, *-ton* e *-er*, que “*in the opinion of the BP speakers who have chosen to name their children in this way, these unstressed endings and the exceptional stress pattern lend a different, exotic sound to these words*”<sup>72</sup> (MASSINI-CAGLIARI, 2011a, p. 63)

No *corpus* coletado na variedade são-carlense, muitos são os nomes próprios classificados como “nova criação” que foram cunhados a partir de modelos estrangeiros, como expõe-se em (4.6):

---

<sup>72</sup> “Na opinião dos falantes de PB que escolhem nomear seus filhos dessa maneira, as terminações átonas e os padrões excepcionais de acento conferem a essas palavras um som exótico, diferente.” (Tradução nossa)

(4.6)

Adailson	Gerijhames
Ailton	Gleudson
Aleilson	Gleison
Alysther	Gleyson
Andry	Guyfferson
Andryél	Henderson
Arley	Hendjemille
Aysllan	Hendrow
Ayverson	Hendryck
Bryand	Hycon
Cleanderson	Iarley
Cristonfer	Iarlym
Deilson	Jaddyson
Deimon	Jádson
Dekster	Jailton
Dhenner	Jamisson
Dheryck	Janderson
Echely	Jarom
Edemilson	Jasson
Edenilson	Jeanderson
Edrick	Jéfyt
Elielson	Jhã
Elinton	Jhefter
Elinton	Jheíson
Elivelthon	Jhulifer
Elivelton	Jhully
Emellyn	Joalison
Endny	Joedson
Ewerthon	Joevellyn
Geanderson	Joilson
Gelson	Joilton



Joseferson	Michaélen
Kaliston	Naylson
Kariston	Nywesley
Kelves	Oslan
Kemilin	Petelen
Kerolen	Queren
Kerulen	Ranfley
Kesley	Rhitchery
Ketlen	Richarlison
Ketley	Ricthely
Kethylen	Ruandson
Kettily	Rulyffer
Kevelin	Sahymon
Kevilin	Sahyron
Khelryn	Shakyrnhyw
Khenyffer	Sigourney
Khethylyn	Smedhyly
Klayston	Snyllisson
Klemerson	Talisom
Krislan	Talyson
Krystty	Thailon
Laurrane	Thalison
Lesley	Thalyson
Lexander	Uélison
Leydson	Vilson
Liedson	Wallyson
Lielison	Wanderson
Luanderson	Weisler
Luydson	Welisson
Maderson	Weliton
Mailson	Wellinton
Mawillie	Welyson
Mendson	Welyton
Meyriélen	Wemilly

Wender	Wevingllen
Wenderson	Wharley
Wendrew	Wichelly
Wescley	Wilkerson
Weshiley	Willhen
Weskley	Winderson
Weslany	Witalia
Weslen	Wyslley
Wevertton	Wythan

Além das novas criações como *Joseferson*, *Jailton*, *Richely*, etc., a partir dos sufixos supracitados, observamos que alguns destes nomes, por sua vez, baseiam-se em outros preexistentes, como supomos ser o caso de *Shakyrnhyw*, cunhado a partir de *Shaquille O' Neal*, ex-basquetebolista norte-americano, ou de *Kerolen*, baseado em *Carolyn* (como o prenome de *Carolyn Jones*, atriz estadunidense que interpretou a personagem Mortícia no seriado de televisão *A família Addams*) ou ainda como em *Wythan*, a partir de *Ethan* (protagonista do filme *Missão Impossível*, interpretado por Tom Cruise).

Ademais, segundo Massini-Cagliari (2010, p. 84) é importante que se analise o distanciamento do padrão canônico do PB que geralmente ocorre nessas composições.<sup>73</sup>

#### 4.4 Análise de questões fonológicas

Analisa-se, doravante, as gravações realizadas com falantes de PB, variedade são-carlense, que pronunciaram alguns nomes próprios de origem estrangeira e novas criações coletados nesta pesquisa. De forma análoga aos trabalhos Massini-Cagliari

---

<sup>73</sup> Na subseção 4.4.1.5, a questão do acento em antropônimos de origem verdadeira ou supostamente estrangeira, com base nas afirmações da autora, será retomada.

(2010, 2011a,b) e Souza (2011), após análise das transcrições fonéticas e fonológicas dos dados coletados, reconhecemos processos fonológicos típicos do PB em que houve adaptação no momento da produção dos prenomes, constando, entre eles, os seguintes: palatalização, vocalização do /l/ ocupando lugar de coda silábica, nasalização e epêntese, e momentos em que o falante, buscando uma aproximação intencional ao idioma inglês, não se rendeu a esses processos, mas, cuidadosamente, produziu prenomes com padrões excepcionais no que tange às questões silábicas e acentuais do PB. Para a realização deste propósito, foram analisados 75 antropônimos, conforme apresentados nas subseções a seguir.

#### **4.4.1 Processos de adaptação fonológica**

Houaiss (2009) define o termo “adaptação” como um processo em que há um ajuste de uma coisa a outra. No que se refere à “adaptação dos empréstimos vocabulares ao sistema fonológico da língua receptora”, Câmara Jr. (1973), de acordo com Freitas e Neiva (2006, p. 18), considera sua existência “quando sua reprodução fônica se faz de acordo com as regras fonológicas da língua importadora”. Sobre esse processo, ainda de acordo com as autoras, em conformidade com Paradis e Lacharité (1997) e Sankoff (2001), não há um consenso ao longo da evolução dos estudos fonológicos, sendo que os empréstimos constituem ainda um tema de estudos relacionados a diversas situações, como bilinguismo, contato linguístico e aquisição de segunda língua.

Para Câmara Jr. (1973), um termo estrangeiro pode ser considerado totalmente adaptado se funcionar como qualquer outra palavra do idioma nativo, obedecendo às suas regras e deixando-se moldar por ele, com o passar do tempo. Cagliari (2008, p. 27), em seu trabalho dedicado a questões de análise fonológica, atenta para o fato de que as

adaptações ocorrem porque “todo falante nativo age linguisticamente em função do sistema de sua língua”. Assim, ambos os linguistas destacam a propensão do falante que, diante de uma língua estrangeira e do conseqüente desconhecimento de como o seu sistema fonológico funciona, tende a interpretá-la tomando por base o funcionamento do seu próprio sistema.

Por essa razão, falantes nativos de PB, de acordo com Freitas e Neiva (2006, p. 08), diante de palavras oriundas da língua inglesa, tendem a valer-se de estratégias de adaptação fonológica, tomando por base o que é permitido ocorrer em sua língua materna. Após empreenderem um estudo sobre empréstimos e aquisição do IA por falantes de PB, as autoras concluem que, em relação à estruturação silábica e processos fonológicos que ocorrem, tudo indica que o molde silábico da língua nativa é o primeiro fator a se impor quando o falante se depara com formas estrangeiras. Portanto, nessa perspectiva, foram estudados, a seguir, processos de adaptação fonológica ocorridos quando prenomes de origem estrangeira ou criados a partir de elementos da língua inglesa são pronunciados por falantes de PB.

#### **4.4.1.1 Palatalização das oclusivas alveolares**

Na definição de Silva (2002, p. 35), a palatalização consiste em levantar a língua em direção ao palato duro. No momento da produção de uma consoante africada ([tʃ] e [dʃ]), primeiramente tem-se uma oclusão (com /t/ e /d/) e, logo em seguida uma fricção (com /ʃ/ e /ʒ/).

A figura (4.1) abaixo, retirada de Silva (2012, p. 136), ilustra como acontece a articulação dos sons [tʃ] e [dʃ] na língua inglesa:

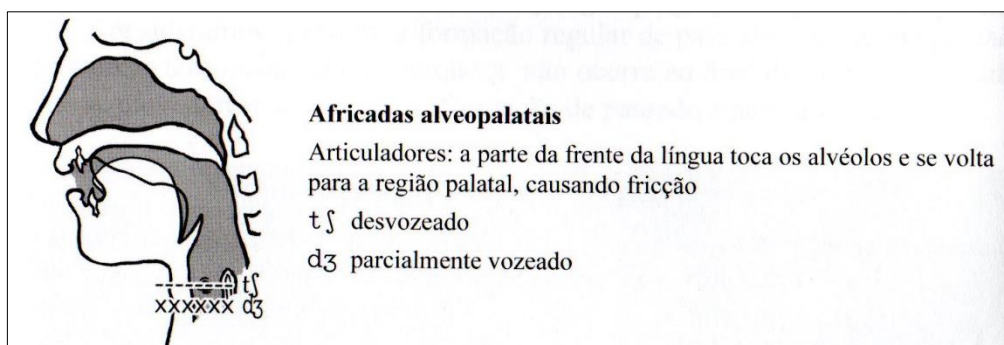


Figura 4.1 - Articulação dos sons [tʃ] e [dʒ] em inglês  
 Silva (2012, p. 136)

Sob uma visão diacrônica da língua portuguesa, trata-se, de acordo com Neuschrnk (2011, p. 71), de um processo mais recente, uma vez que as consoantes palatais não pertenciam à fonologia do latim. A palatalização ocorre em diversos dialetos do Brasil, sobretudo na região Sudeste (SILVA, 2002, p. 57) e, desde Câmara Jr. (2009 [1970], p. 35), assume importância nos estudos fonológicos do PB.

Cagliari (2008, p. 103), citando os pares mínimos *tia* x *dia*, realizados fonética e fonologicamente como /tia/ e /dia/, [tʃia] e [dʒia], respectivamente, afirma que “uma consoante oclusiva alveolar [t] torna-se uma africada palatoalveolar [tʃ], quando se encontra diante de uma vogal anterior fechada [i].”

De acordo com Monaretto, Quednau e Hora (2010, p. 227), são possíveis várias perspectivas teóricas para analisar este fenômeno linguístico, como a visão linear de Lopez (1979) e a não linear de Hora (1990, 1993). No entanto, para todas elas, vale a definição supracitada de que as consoantes oclusivas dentais do português /t/ e /d/ tornam-se palatalizadas quando estão sob influência da vogal [i] ou do glide [y], como resultado de um processo assimilatório.

Em termos fonéticos, Cagliari (2008, p. 102-103) explica que

um segmento torna-se palatal ou mais semelhante a um som palatal ao adquirir uma articulação secundária palatalizada (do tipo [tʲ]), ou africativizada (do tipo [tʃ] ou um deslocamento articulatório em direção ao lugar de articulação palatal (como uma velar anteriorizada [k]).

No PB, de acordo com Silva, Barboza, Guimarães e Nascimento (2012), o fenômeno de palatalização de oclusivas alveolares encontra-se em larga expansão também em palavras importadas do idioma inglês e em neologismos criados por falantes nativos.

Partindo das transcrições fonológicas de prenomes de origem inglesa pronunciados por falantes nativos de IA feitas por Souza (2011, p. 170-172), constataram-se alguns processos de palatalização que ocorrem na variedade são-carlense quando da pronúncia dos mesmos. Dentre alguns que constam no *corpus* em questão – cujas transcrições ortográficas, fonéticas e fonológicas foram apresentadas na seção 3 desta dissertação – e que sofreram o processo ora analisado, estão: *Adilson, Dhienifer, Ingrid, Richard e Ronald*.

As figuras (4.2) e (4.3), a seguir ilustram, por meio de modelos arbóreos, os processos de transferência dos antropônimos *Richard*<sup>74</sup> e *Dhienifer*<sup>75</sup>, respectivamente, de um sistema para o outro (IA → PB). Nas representações, à esquerda está a pronúncia original dos prenomes na língua de partida e, à direita, a realização adaptada na língua de chegada.

---

<sup>74</sup> Há ainda a ocorrência de epêntese vocálica no processo de transferência para o PB, que será tratado a seguir, em 4.4.1.4.

<sup>75</sup> Originalmente grafado como *Jennifer* no IA, conforme Souza (2011, p. 166) e Oliver (2010, p. 417).

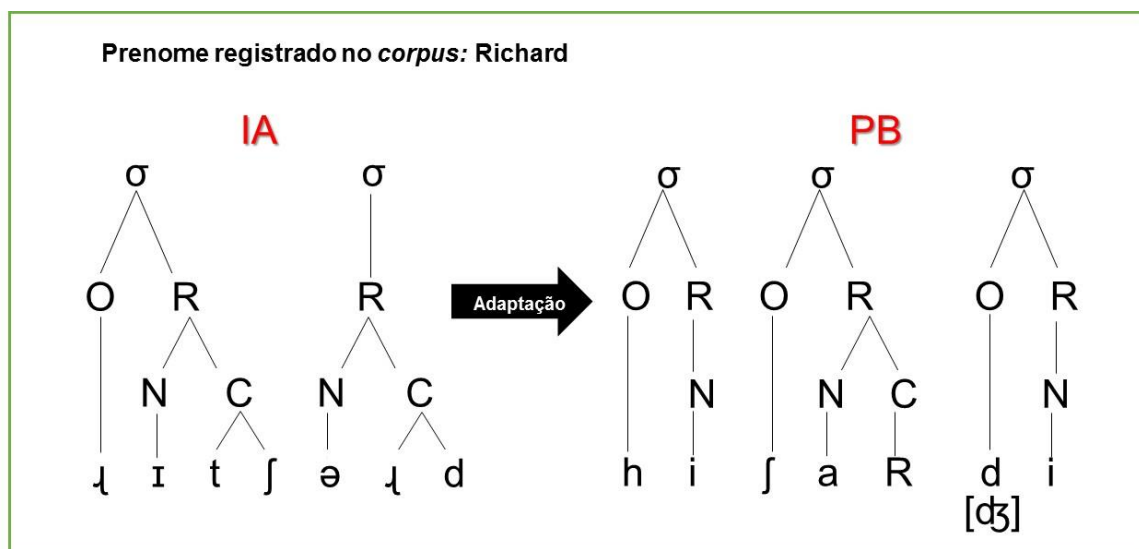


Figura 4.2 - Processo de adaptação fonológica sofrido pelo prenome Richard na passagem do IA para o PB, variedade são-carlense, com base na transcrição fonológica de Souza (2011) para o inglês.

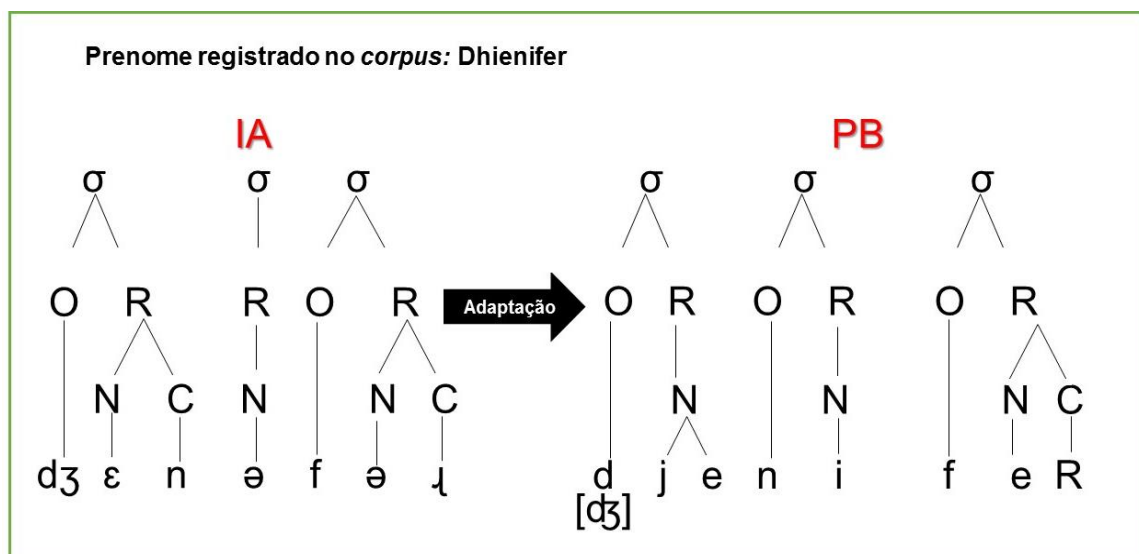


Figura 4.3 - Processo de adaptação fonológica sofrido pelo prenome Dhienifer na passagem do IA para o PB, variedade são-carlense, com base na transcrição fonológica de Souza (2011) para o inglês.

Como se pode observar, o falante ignora que os sons [d] e [dʒ] são distintivos em inglês e, dessa forma, faz a substituição de um pelo outro naturalmente, uma vez que, em sua variedade, é comum ocorrer palatalização nesse contexto, à semelhança do que ocorre com outras palavras importadas do inglês e que fazem parte do seu cotidiano, como *jeans*.

É interessante notar ainda a relação existente entre palatalização e epêntese no processo de adaptação fonológica de nomes de origem verdadeira ou supostamente

estrangeira. De acordo com os linguistas Silva, Barboza, Guimarães e Nascimento (2012, p. 62), “a palatalização de oclusivas alveolares interage com outros casos de variação sonora. Por exemplo, em uma palavra como at[i]mosfera a epêntese cria o contexto para que a palatalização ocorra”. Essa interação foi observada em nomes como *Ingrid*, *Richard* e *Ronald*<sup>76</sup>, em que a vogal epentética [i] aparece para “consertar” a estrutura silábica, adaptando-a ao PB e motivando, assim, a palatalização.

#### 4.4.1.2 Vocalização do /l/ em posição de coda silábica

Em português, de acordo com Câmara Jr (2009 [1970], p. 53), em posição de coda, podem ocorrer quatro consoantes: a lateral /l/, o arquifonema fricativo labial /S/, o arquifonema nasal /N/ e o arquifonema vibrante /R/. Neste trabalho, analisa-se a lateral /l/, nesse contexto, em processos de adaptação fonológica no PB.

Hora (2006, p. 33) afirma, com base em Callou, Leite e Moraes (1998), que o processo de vocalização do fonema /l/ iniciou-se no latim entre os séculos VI e VII d.C, estendendo-se ao português atual. Caracteriza-se, pois, uma mudança já efetivada na língua portuguesa, assim como em outras muitas línguas românicas.

Considerando o grafema <l> em final de sílaba nas palavras “sal” e “salta”, por exemplo, Silva (2002, p. 63) aponta duas possíveis realizações no PB, sendo que uma é mais limitada a certos dialetos do sul do Brasil e a Portugal: [ˈsaɫ] e [ˈsaɫa] – em que a consoante lateral alveolar é articulada juntamente com a propriedade articulatória secundária de velarização – e outra que ocorre mais frequentemente nos dialetos do PB: [ˈsaw] e [ˈsawta] - em que é articulado um segmento com a qualidade vocálica do grafema <u>, por isso chamado de “vocalização”.

---

<sup>76</sup> Mais casos que apresentam processos de epêntese isoladamente serão tratados no final desta seção.



Na literatura sobre a consoante <l> no idioma inglês, constata-se que seu som ocorre de dois tipos, de acordo com Roach (2002, p. 61): *clear l* e *dark l*<sup>77</sup>. Ambos são laterais, alveolares e vozeados, mas cada um possui particularidades articatórias.

O primeiro (l claro), aponta Silva (2012, p. 155), tem as propriedades articatórias do <l> em início de sílaba no PB, como a palavra *light*, pronunciada [lat] por nativos ingleses, ou seguindo outra consoante na mesma sílaba, formando um encontro consonantal tautossilábico, como em *play*, realizada [pleɪ]. Trata-se de uma lateral alveolar vozeada, como podemos ver na figura (4.4), que ilustra sua produção.

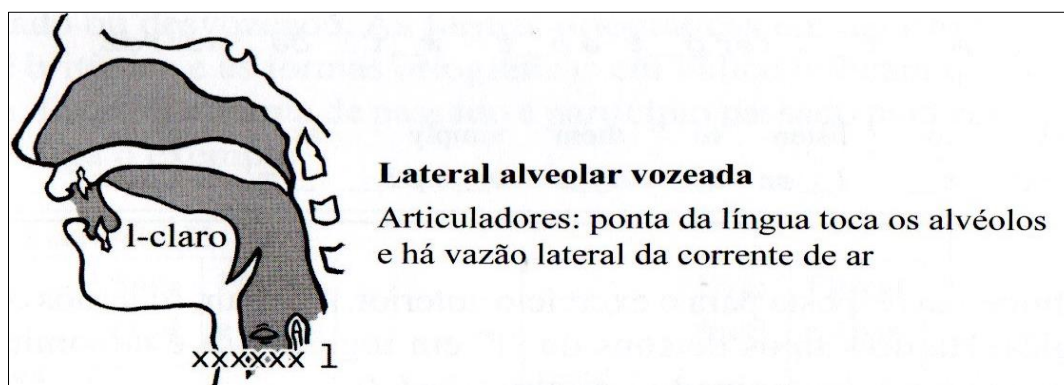


Figura 4.4 - Articulação da lateral vozeada “l claro”

Fonte: Silva (2012, p. 154)

O segundo, isto é, o l escuro, também é uma consoante lateral, mas toca os alvéolos com o ápice da língua, direcionando-a, concomitantemente, para a parte posterior da boca e sendo, por isso, chamado também de velarizado (SILVA, 2012, p. 155). Sua produção é demonstrada a seguir na figura (4.5):

<sup>77</sup> Silva (2012, p. 154) faz a correspondência no PB como “l claro” e “l escuro”, respectivamente.

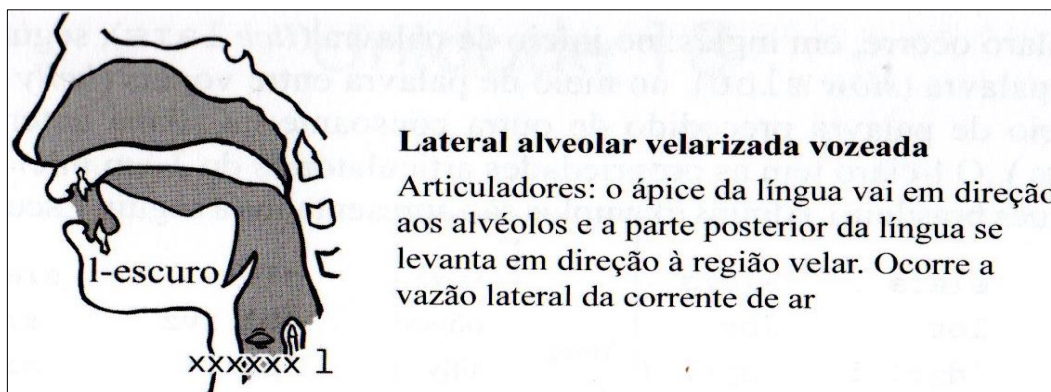


Figura 4.5 - Articulação da lateral alveolar velarizada vozeada “l escuro”

Fonte: Silva (2012, p. 156)

Segundo Silva (2012, p. 156), o l escuro ocorre geralmente em posição final de sílaba no inglês, podendo coincidir ou não com final de palavra, como sucede, respectivamente, em *oil*, pronunciado [ɔɪl], e *always*, realizado como [ɔlweɪz]. O seu símbolo fonético, representado de acordo com o IPA, é /ɫ/, indicando sua velarização, ou seja, durante a articulação do /ɫ/, a língua é direcionada para a região velar.<sup>78</sup>

Em manuais que se dedicam a ensinar a correta forma de se pronunciar palavras de origem inglesa a aprendizes brasileiros, encontram-se dicas como:

- “o ‘l’ ortográfico no **final da sílaba** é uma pista para que o falante brasileiro do inglês pronuncie o som l’”. (SILVA, 2012, p. 158, grifos da autora)
- “In English [...], the final /ɫ/ **is** pronounced as /ɫ/. Say “la-la-la.” Observe your tongue touches the area just behind your upper front teeth. Observe your lips. They are not supposed to be rounded when you produce a final /ɫ/. If you round your lips, you’re saying “u” instead.” (GODOY, GONTOW; MARCELINO, 2006, p. 84, grifos dos autores)<sup>79</sup>

<sup>78</sup> Silva (2012) ressalta que, em algumas variedades do inglês britânico, americano e australiano, o /ɫ/ escuro, quando ocorre em final de sílaba, pode sofrer o processo de vocalização, sendo pronunciado como [w] (equivalente ao [ʊ] no IPA). Neste trabalho, não será aprofundada essa questão, uma vez que somente o interesse é analisar quando o falante de PB, ao pronunciar um antropônimo de origem verdadeira ou supostamente estrangeira, vocaliza o /ɫ/ que ocorre na pronúncia nativa inglesa, naquele contexto.

<sup>79</sup> Em inglês [...], o /ɫ/ final é pronunciado como /ɫ/. Diga "la-la-la." Preste atenção se a sua língua toca a área logo atrás dos seus dentes frontais superiores. Observe seus lábios. Eles não devem se arredondar quando você produz um /ɫ/. Se você arredondá-los, estará dizendo "u". (Tradução nossa)

De fato, falantes de PB muitas vezes não têm consciência de que, ao pronunciar nomes próprios de origem (verdadeira ou supostamente) estrangeira – como *Adilson*, *Endrel*, *Nilson*, *Ronald*, *Deniel* ou *Shakyronhyw*, que foram coletados nesta pesquisa – são, na verdade, caso de velarização do fonema na língua de partida. Assim, adaptam esses nomes, como anteriormente observaram Massini-Cagliari (2010; 2011a,b) e Souza (2011), ao sistema fonológico do PB, neutralizando a oposição entre [l] e [w], à semelhança do que acontece com as palavras *mal* e *mau*, pronunciadas de forma idêntica em muitos dialetos do PB.

Em *Shakyronhyw*, cunhado a partir do modelo inglês *Shaquille O' Neal*, observa-se que o processo de vocalização do /l/ em posição de coda passou para a forma de base, sendo pronunciado /ʃakiro'niw/. Além disso, nota-se a adaptação fonológica de outros segmentos, muito provavelmente em decorrência do fato de que o antropônimo entrou para o PB a partir de um empréstimo por via oral, sem a devida preocupação com a forma gráfica e ignorando o fato de ser uma sequência de nome e sobrenome do famoso basquetebolista norte-americano.

Dentre outros casos constante no *corpus* desta pesquisa, está o prenome *Ronald*, em que o falante acaba por se render ao processo de vocalização do /l/ em posição de coda, como observado na representação arbórea, figura (4.6) seguir, a partir da transcrição feita por Souza (2011, p. 172) para o IA.

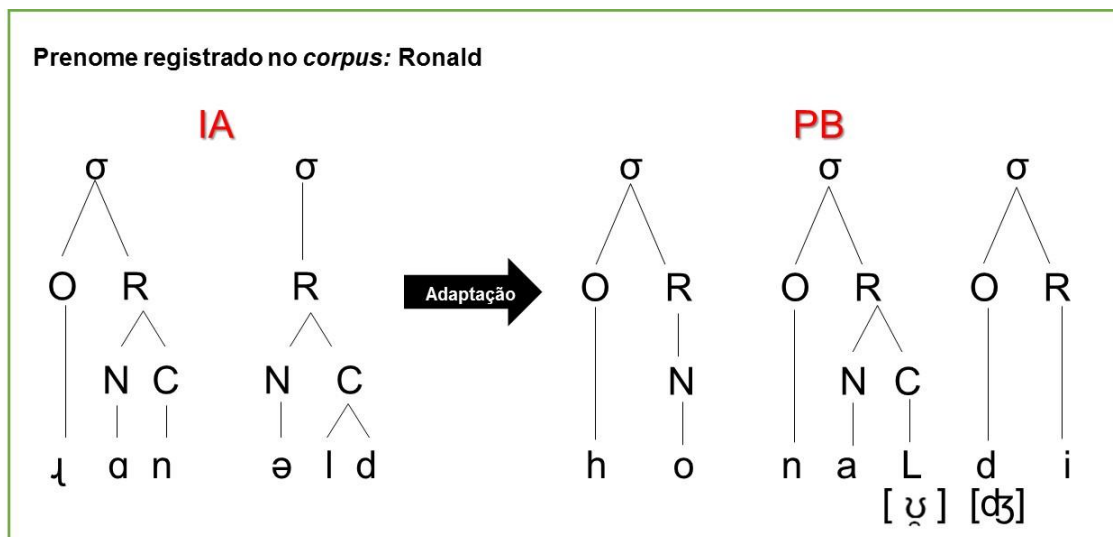


Figura 4.6 - Processo de adaptação fonológica sofrido pelo prenome Ronald na passagem do IA para o PB, variedade são-carlense, com base na transcrição fonológica de Souza (2011) para o inglês.

#### 4.4.1.3 Nasalização

Segundo Silva (2002, p. 71), “se durante a articulação de uma vogal ocorrer o abaixamento do véu palatino, parte do fluxo de ar penetrará na cavidade nasal, sendo expelido pelas narinas e produzindo assim uma qualidade vocálica nasalizada”<sup>80</sup>.

Câmara Jr., em “Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa”, que data de 1953, chama-nos atenção, no PB, para a “ressonância nasal”. Sobre sua importância, o fonólogo escreve: “ao lado do quadro de vogais orais [...], há para considerar as que se acompanham de ressonância nasal”, e cita para tanto palavras como *campo*, *lenda*, *som*, *bem*, *sim*, *rum* e *lã* (CÂMARA JR., 2008 [1953], p. 66).

Cagliari e Massini-Cagliari (2007) lembram a “prova empírica, científica” de Nobile (1904) discutida por Câmara Jr. (2008 [1953]). Esta “prova” consistia em que toda vogal nasal diante de pausa ou de outra consoante apresentava um segmento consonantal nasal travando a sílaba, cuja duração era variável.

<sup>80</sup> Para um aprofundamento sobre a nasalidade do ponto de vista fonético, sugerimos os trabalhos de Cagliari (1983, 2007).

Câmara Jr. reconheceu, para o PB, dois tipos diferentes de nasalidade que mereciam ser estudados, diferenciando a consoante nasal que trava a sílaba (“ressonância nasal”) da nasal que ocupa a posição de *onset* silábico.

Escrevem Cagliari e Massini-Cagliari (2007, p. 24):

Mattoso Câmara deu à “ressonância nasal” fonética o *status* de arquifonema /N/, igualando-o aos demais elementos consonantais nasais, que ocorriam na posição de travamento de sílaba, ou seja, /l, R, S/. Com isso o /N/ distinguia-se dos outros fonemas consonantais nasais, que ocorriam somente em início de sílaba /m/, /n/, /ɲ/. Assim, era preciso interpretar a nasalidade fonológica em Português em função da estrutura silábica. Havia uma nasalidade vocálica fonética, que ocorria em decorrência da presença do arquifonema /N/, e outra, sem valor distintivo na língua, que ocorria em decorrência do contexto contíguo a um fonema consonantal no início da sílaba seguinte. Estava, assim, definido o *status* da nasalidade em Português.

Assim tem-se que, no PB, a partir de Câmara Jr., a nasalidade passa a ser distinguida em dois tipos, sendo uma a *fonêmica*, isto é, “quando ocorre uma ressonância nasal ‘que a fonética apurada registra’” e, a outra, “*não fonêmica*, quando a vogal ocorre diante de uma consoante nasal no início da sílaba seguinte” (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 2007, p. 25, grifos nossos).

Noutras palavras, conforme interpretam Oliveira e Silva (2005, não paginado), existem no PB dois tipos de nasalidade: a distintiva e a não distintiva, sendo a primeira chamada também fonológica, constituindo um caso de nasalização. Pode ser percebida na oposição entre *junta* e *juta*, pronunciadas dessa forma em qualquer dialeto do PB, além do que a não articulação da vogal nasal implica na diferença de significado. Já a segunda, isto é, a não distintiva, corresponde a um caso de nasalidade, ou seja, a vogal oral, quando seguida de consoante nasal, pode se tornar nasal ou não, como na pronúncia das palavras *fome* ou *Bruno*, exemplificadas pelas autoras, sendo que pode ocorrer a assimilação da consoante nasal de uma sílaba seguinte.

Já na língua inglesa, as vogais são tipicamente orais, sem marcas de nasalidade.

Souza (2011, p. 202), comparando os dois sistemas, adverte que, no inglês,

os fonemas nasais /m, n, ŋ/ são plenamente articulados em posição de coda medial e final, diferentemente do PB, em que o segmento nasal não se realiza nesse contexto. No âmbito fonético, a consoante nasal é excluída após espriar o traço nasal para a vogal antecedente.

A autora supracitada remete-nos à visão de O'Connor (2006) de que algumas línguas, como o português, por exemplo, podem encontrar dificuldade com estas consoantes – /m, n, ŋ/ – em posição final ou antes de outras consoantes, como ocorre nas palavras *can*, pronunciadas como /kæn/ ou *camp*, realizada como /kæmp/ por um nativo. Sobre tal dificuldade, Silva (2012) explica que ela se dá quando o falante se depara com vogais como /æ/, /ɔ/, /ɛ/, /ʌ/ e /ə/ ou vogais longas<sup>81</sup> como /ɜ/, /ɑ/, /ɔ/.

De acordo com Silva (2012, p. 191),

a consoante ŋ é nasal vozeada e velar. Como as demais consoantes nasais, ocorre abaixamento do véu palatino durante a sua articulação, e o ar que vem dos pulmões sai pela narina e pela boca. Durante a produção desta consoante, ocorre a vibração das cordas vocais e essa é, portanto, uma consoante vozeada.

Suas características articulatórias podem ser vistas na figura (4.7) a seguir, em que a parte posterior do corpo da língua se levanta em direção à região velar, ocorrendo a obstrução da passagem da corrente de ar.

---

<sup>81</sup> Vogais longas - comuns na língua inglesa - são, de acordo com Silva (2012, p. 37), aquelas que contam como duas unidades em termos de pronúncia, por exemplo, “é como se pronunciássemos continuamente, sem interrupção, a mesma vogal pelo dobro de tempo: ii”.

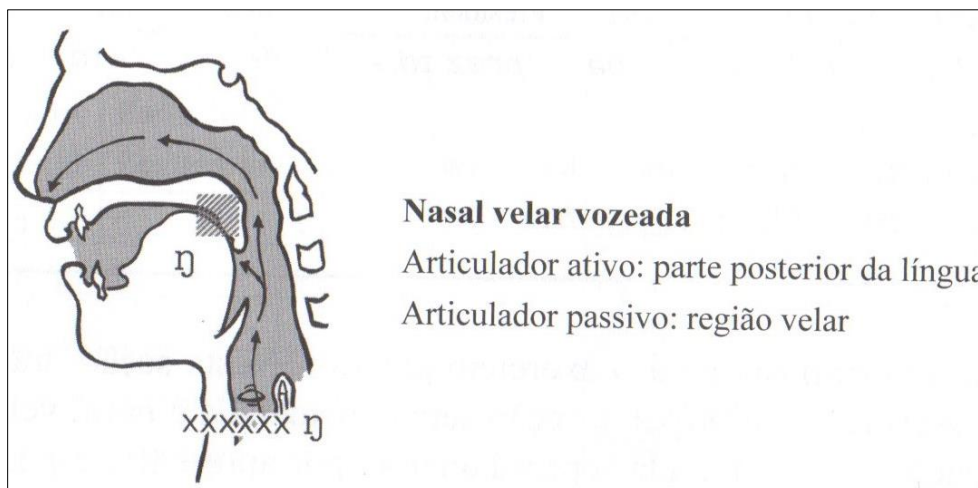


Figura 4.7 - Articulação da consoante nasal velar vozeada /ŋ/  
 Fonte: Silva (2012, p. 156)

Na verdade, Silva (2012, p. 191) considera esta a consoante inglesa mais difícil de ser produzida por falantes brasileiros de inglês, sobretudo quando está em posição intervocálica, como na palavra *singer*, que se pronuncia [sɪŋə], no idioma inglês. Além disso, a autora ressalta a dificuldade perceptual que há nas vogais /æ/ e /ʌ/ quando seguidas de consoantes nasais, sendo que o falante brasileiro, como consequência, nasaliza a vogal e não produz a consoante /ŋ/.

Neste trabalho, as constatações são semelhantes às de Massini-Cagliari (2010, 2011a,b) e Souza (2011, p. 203), quando observaram antropônimos estrangeiros adaptados ao PB: “como consequência da pronúncia marcada pela nasalidade no falar do PB, os sujeitos informantes desta pesquisa pronunciaram os nomes estrangeiros com essa característica”.

A seguir, nos exemplos (4.7) e (4.8), dividiram-se os prenomes que, quando pronunciados na variedade são-carlense, sofrem o processo de nasalização distintiva e não distintiva, respectivamente.

(4.7)

<b>Nome</b>	<b>Transcrição fonológica</b>
Adilson	/a.'dil.soN/
Adrian	/'a.drjaN/
Allan	/a.'laN/
Alexsander	/a.lɛ.ki.'saN.deR/
Anthony	/'aN.to.ni/
Brayan	/'braj.aN/
Brendo	/'breN.do/
Ednan	/e.dʒi.'naN/
Endrel	/'eN.drew/
Jonatan	/'djo.na.taN/
Kerin	/'kɛ.riN/
Kerollyn	/'kɛ.ro.liN/
Ketelyn	/'kɛ.ti.liN /
Ketlen	/'kɛt.liN/
Ketlin	/'kɛ.tliN/
Kleiton	/'klej.toN/
Maycon	/'maj.koN/
Nilton	/'nil.toN/
Robson	/'hɔ.bi.soN/
Sahymon	/'saj.moN/
Sahyron	/'saj.roN/
Thalison	/'ta.li.soN/



Villen	/ˈvi.leN/
Wervelen	/ˈwɛR.ve.leN/
Willian	/ˈwi.li.aN/

(4.8)

Nome	Transcrição fonológica
Kailaine	/kajˈlaj.ni/
Lorrayny	/loˈhaj.ni/
Rayani	/hajˈa.ni/
Sthefhani	/iSˈtɛ.fa.ni/

O modelo arbóreo do prenome *Maycon*, adaptado do original *Michael*, em inglês, na figura (4.8) a seguir, revela que há espriamento do traço nasal do arquifonema /N/ da coda para a vogal. Trata-se de um empréstimo que entra na língua, ao mesmo tempo, pela escrita e pela fala, muito provavelmente, devido à influência da midiática do cantor norte-americano *Michael Jackson*, um dos maiores ícones da música *pop*. Sobre isso, Prado (2014, p. 48) afirma que

quando o empréstimo entra ao mesmo tempo pela escrita e pela fala, temos duas tendências coexistentes de adaptação: uma resultante de pronúncia “viciada” (ortográfica) e outra de aproximação fonética (baseada no modelo oral). No caso de entrada por via escrita, registra-se uma pronúncia “ortográfica”, isto é, fundamentada nas regras de decifração da escrita para a língua de chegada. Como exemplo, podemos pensar na palavra do inglês *snooker*, com relação à qual se pode dizer que há uma adaptação por via oral *sinuca* (registrada em dicionários) e a adaptação *esnuque* (não encontrada nos dicionários consultados, apenas na internet), que mais se aproxima de uma pronúncia baseada na ortografia da palavra.

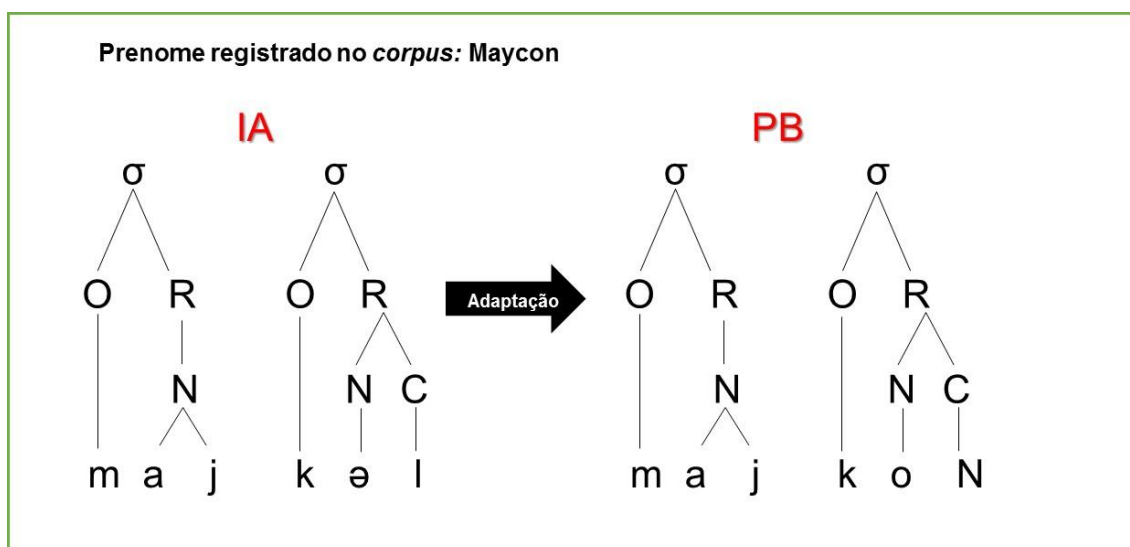


Figura 4.8 - Processo de adaptação fonológica sofrido pelo prenome Maycon na passagem do IA para o PB, variedade são-carlense, com base na transcrição fonológica de Souza (2011) para o inglês.

Há de se considerar ainda características peculiares de alguns nomes acima mencionados, como em *Villen*, no qual a informante nasaliza a consoante final para tentar se aproximar do IA, mas mantém uma consoante alveolar na coda que é marca típica de estrangeirismo, ou em *Alison*, em que a consoante nasal trava a sílaba e ocorre a nasalização da vogal anterior, sendo que o processo de ditongação ocorre logo em seguida. Já em *Lorrayny*, temos um caso em que há o espriamento do traço nasal da consoante nasal do *onset* seguinte.

#### 4.4.1.4 Epêntese

O processo fonológico de epêntese vocálica, de acordo com Migliorini e Massini-Cagliari (2011, p. 72) – com base em Cagliari (2007), Lee (1993), Collischonn (1996) e Massini-Cagliari (2000, 2005) –, é caracterizado pela inserção de um segmento, em geral um [i] ([átone e breve), em determinadas sílabas do português”.

Segundo Lee (1993, p. 847), este processo também se faz presente em outros vários que ocorrem no português, tais quais pluralização, formação de palavras, eufonia, etc. O autor afirma que a principal intenção da epêntese no português, embora muitas vezes não se faça presente na forma ortográfica, é evitar estruturas silábicas que não são possíveis, ressaltando o fato de que, “no português falado, em caso de eufonia, parece que há uma tendência a se guardar a forma CV para evitar dificuldades na pronúncia”.

Com base nos fundamentos da fonologia lexical<sup>82</sup>, o referido autor postula que há duas regras *default* com relação ao fenômeno da epêntese, sendo uma regra lexical e a outra pós-lexical, que pode vir acompanhada da regra de alçamento da vogal – que, fonologicamente, para ele, é /e/, mas pode ser realizada como [e] ou [i], sendo que, neste último caso, é quando ocorre a regra de alçamento: [e] → [i]. Cita, para tanto, dois grupos de palavras como exemplos, sendo que no primeiro, (4.9), trata-se de uma regra que opera no domínio lexical, mostrando que a epêntese neste caso é sensível à formação das palavras (não sendo acompanhada de regra de alçamento), enquanto no segundo, (4.10), tem-se exemplos pertencentes ao componente pós-lexical (acompanhada, por sua vez, da regra de alçamento).<sup>83</sup>

(4.9)

abr + e  
ab [e] r + tura

(4.10)

inspirar  
especial  
livro/livros  
rapaz/rapazes  
pneu [pineu], [p[i]sicologia  
Varig [varigi], club [clubi]

<sup>82</sup> Os fundamentos da fonologia lexical foram apresentados anteriormente, neste trabalho, na subseção 2.1.4.

<sup>83</sup> Os exemplos 4.1 e 4.2 foram retirados de Lee (1993, p. 847).

Todavia, Migliorini e Massini-Cagliari (2011, p. 83) refutam a análise de Lee (1993), afirmando que a epêntese é, tão somente, um processo lexical, uma vez que visa, sobretudo, à preservação da estrutura silábica canônica do tipo CV.<sup>84</sup>

Baseando-se no princípio de Licenciamento Prosódico, formulado por Itô (1986)<sup>85</sup>, Collischonn (2010, p. 111) lembra que

uma vez que a divisão da sequência fonológica em sílabas obedece a princípios bastante restritos, é possível que algum segmento não possa ser associado a um nó silábico em virtude da sua qualidade e da sua posição em relação a outros segmentos.

É nesse contexto que opera a epêntese, ao impedir a violação do princípio de Licenciamento Prosódico e constituindo, para tanto, um núcleo silábico à parte, capaz de ajustar a estrutura.

Assim, o falante nativo de PB, quando pronuncia palavras estrangeiras e frente a padrões silábicos não aceitos no PB, tende a inserir a vogal epentética para formar estruturas do tipo CV, como forma de simplificar a estrutura da língua estrangeira. Sobre isso, Lee (1993, p. 848) escreve:

Podemos explicar estas tendências, observando a estrutura silábica do português. A coda do português é mais restrita do que a *onset*. Isto é, a coda permite /b, p, d, g, l, r, ns, k, ls, rs, bs, ds/, enquanto a *onset* permite toda a consoante na posição dela. Na posição final das palavras, a coda é mais restrita, ou seja, somente os sons /l, r, s, m, ns/ são permitidos. A inserção de /e/ mostra que o português falado está seguindo a estrutura silábica mais restrita: a forma CV.

No *corpus* desta pesquisa, dos prenomes cujas pronúncias foram analisadas, a seguir listam-se seis que sofreram o processo de epêntese como estratégia de adequação ao PB: *Alexsander, Stefani, Deivid, Endnan, Erick e Robson*. A figura 4.9, a seguir,

<sup>84</sup> Migliorini e Massini-Cagliari (2011) diferenciam ainda o processo de epêntese (que corrige malformações silábicas) do processo de paragoge (que modifica uma estrutura considerada bem formada). Para elas, enquanto a primeira ocorre no nível lexical, a segunda ocorre no nível pós-lexical.

<sup>85</sup> Este princípio foi tratado em na subseção 2.4.3, dedicada à sílaba na fonologia métrica.

mostra a pronúncia do prenome inglês *David* (de acordo com a transcrição fonológica realizada por Souza, 2011) em comparação com o prenome *Deivid* coletado na variedade são-carlense.

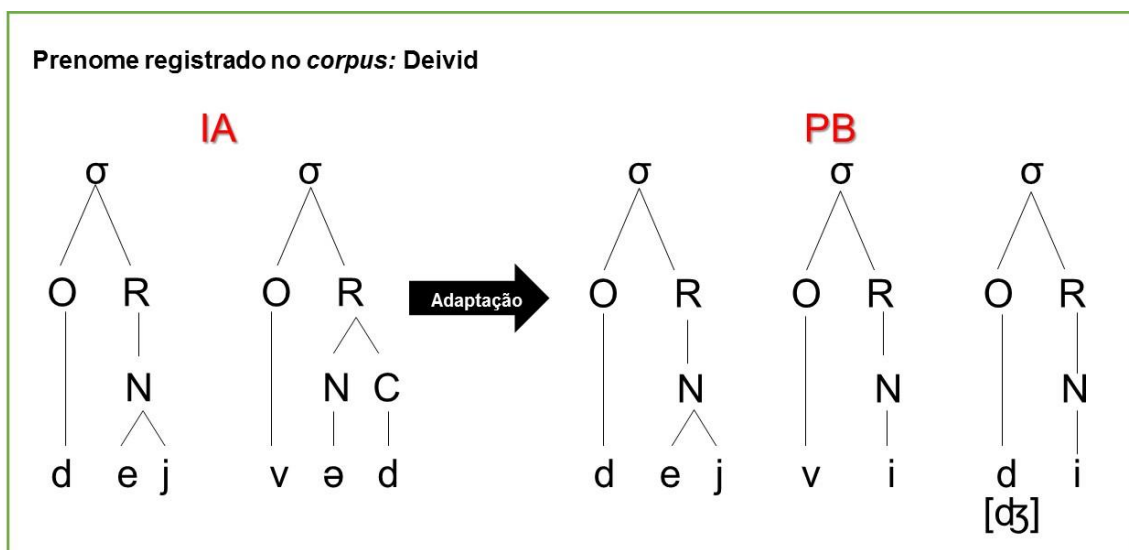


Figura 4.9-Processo de adaptação fonológica sofrido pelo prenome Deivid na passagem do IA para o PB, variedade são-carlense, com base na transcrição fonológica de Souza (2011) para o inglês.

Em *Deivid*, percebe-se o cuidado do falante em demonstrar que conhece bem a forma estrangeira da pronúncia do prenome eleito e que, a fim de garanti-la mesmo em contexto de PB, marca, por meio da ortografia, sua preocupação em preservá-la, para que não seja confundida com a pronúncia vernácula /daví/. No entanto, como no PB não existe a consoante oclusiva em posição de coda, cede ao processo de reestruturar da estrutura silábica e acrescenta a epentética [i] para formar uma sílaba do tipo CV.

#### 4.4.2 Padrões excepcionais: prenomes não adaptados

Ao contrário dos nomes comuns, como foi apresentado na introdução deste trabalho, com base em Massini-Cagliari (2010, 2011a,b), os empréstimos realizados no

campo antroponímico podem não se enquadrar nos parâmetros da fonologia do PB. Dessa forma, o falante, ao escolher contrariar o que seria esperado em sua língua materna, acaba por confirmar e afirmar questões identitárias, deixando entrever seu posicionamento como sujeito usuário da língua.

Na verdade, o que se constata é que o falante nativo sabe como sua língua “funciona”, isto é, como se comportaria fonologicamente naquele contexto e como funcionariam as regras de ortografia ditadas pela gramática tradicional na escrita vernácula daquele prenome. Estas constatações, ainda que inconscientemente, poderiam ser transportadas com naturalidade para a pronúncia adaptada dos antropônimos, à semelhança do que ocorrem com outros estrangeirismos, como elenca Assis (2007) em seu estudo dedicado aos nomes comuns. No entanto, ele deseja esquivar-se propositalmente do que se espera dele, muito provavelmente, por questões subjetivas.

Com o intuito de chamar a atenção pelo que soa “diferente”, os pais fazem a opção de eleger prenomes que se distanciem dos vernáculos para seus filhos. Motivados, assim, a operar com e sobre a língua, características prosódicas não *default* podem aparecer, contrariando as expectativas da língua de chegada, como padrões silábicos incomuns na língua, por exemplo, ou manutenção de um padrão acentual excepcional em PB, como se vê a seguir.

#### **4.4.2.1 Padrões silábicos excepcionais**

Como abordado na seção 2.4 do presente trabalho, de acordo com Selkirk (1980), a sílaba biparte-se em *onset* (ou ataque) e rima, que por sua vez, comporta o núcleo e a coda. Todos esses elementos relacionam-se de forma não-linear e dispõem-se hierarquicamente. Blevins (1995, p. 209-2010) afirma que “*in a number of languages, native speakers have clear intuitions regarding the number of syllables in a word or*

*utterance, and in some of these, generally clear intuitions as to where syllable breaks occur*”<sup>86</sup>.

Neste trabalho, puderam ser observados nomes como *Ketlen*, realizado fonética e fonologicamente como [ˈket.lĩn] e /ˈket.liN/, respectivamente, e *Ketlin*, realizado como [ˈkɛ.tlĩŋ] e /ˈkɛ.tliN/, que chamaram a atenção pelo fato de que, no momento da pronúncia, a mesma informante produziu o primeiro (*Ketlen*) com o padrão silábico *cvc.cvc* e o segundo (*Ketlin*) com o padrão *cv.cvcv*. O primeiro padrão silábico [ket] não existe no PB. Apesar de existir na língua portuguesa o padrão CVC, o segundo C, entretanto, não pode ser uma oclusiva. Dessa forma, uma vez que a sílaba [ket] é irregular, deveria ter acontecido uma epêntese que, na verdade, não ocorreu<sup>87</sup>. Isso talvez possa ser um indicativo de que a falante desejaria afastar-se do que seria esperado na língua de chegada por não se tratar de um nome vernáculo.

Em outros casos, porém, foram observados prenomes que, à semelhança dos analisados por Massini-Cagliari (2010, p. 83-86), possuem padrões silábicos que contrariam o padrão do PB. Em *Wlademir*, por exemplo, à semelhança do nome *Wlamir* analisado pela autora, a sequência /vl/ que ocorre na primeira sílaba não ocorre, geralmente em PB, restringindo-se a casos de empréstimos antroponímicos. Já em *Wallyson* e *Weliton*, em consonância com a análise feita por Massini-Cagliari do prenome *Wáshington*, a sílaba tônica ocupa posição não-default de acentuação (por se tratar de um proparoxítono), além do que ambos os prenomes trazem, na posição silábica pré-nuclear, a semivogal /w/, que, de acordo com Massini-Cagliari (2010, p. 84), encontra-se em posição irregular, visto que, do ponto de vista da fonologia do PB, só ocorre nessa posição após as consoantes oclusivas velares /k, g/.

---

<sup>86</sup> “Em várias línguas, os falantes nativos têm intuições claras sobre o número de sílabas de uma palavra ou enunciado e, em alguns delas, geralmente também têm intuições claras quanto ao local onde ocorre a separação silábica.” (Tradução nossa)

<sup>87</sup> Análise de Gladis Massini-Cagliari (comunicação pessoal).

#### 4.4.2.2 Padrões acentuais excepcionais

Como analisado em 2.5, de acordo com Massini-Cagliari (1999a, p. 128), são acentuadas regularmente em PB palavras paroxítonas terminadas em sílaba leve e palavras oxítonas terminadas em sílaba pesada, bem como todos os monossílabos pesados, constituindo exceções à regra todas as palavras proparoxítonas, as paroxítonas terminadas em sílaba pesada e as oxítonas terminadas em vogais.

No trecho a seguir, são apresentados casos de antropônimos de origem verdadeira ou supostamente estrangeira analisados por Massini-Cagliari (2010, p. 85). Nota-se que, de acordo com a autora, a acentuação em posição não-padrão é muito mais frequente do que a acentuação *default*,

sendo muito comuns os nomes proparoxítonos: Washington, Anderson, Vagner/Wagner (em que ocorre uma vogal epentética após a oclusiva velar, gerando ['va.gi.ner], cujo padrão acentual é proparoxítono), Robinson, Jeferson, Everson, Wellington/Welinton/Uélinton, Cristian, Ingrid (em que ocorre uma epêntese final, gerando ['ĩ.gri.dʒi]), etc. São também comuns paroxítonos terminados em sílaba travada: Kleitton, Helen/Hellen, Nelson, Éder, Kléber, Sheron, etc. Note-se que, nesses casos, a presença de sílabas travadas em posição átona final de palavra (e na penúltima posição silábica, no caso das proparoxítonas), cuja estrutura não é comum, embora seja registrada marginalmente em PB nessa posição: sílabas travadas por róticas e contendo vogais nasalizadas (interpretadas fonologicamente como uma sequência de vogal oral e consoante nasal).

No *corpus* do presente trabalho, foi encontrada grande quantidade de prenomes com padrão acentual excepcional. A seguir, listam-se alguns em (4.11):

(4. 11)

Adrian

Andrew

Anthony

Brayan

Cleitton

Cristofer



<u>Deniel</u>	<u>Maycon</u>
<u>Dhienifer</u>	<u>Nataly</u>
<u>Emili</u>	<u>Nickolas</u>
<u>Endrel</u>	<u>Nilton</u>
<u>Erick</u>	<u>Peter</u>
<u>Hávyla</u>	<u>Quétele</u>
<u>Ingrid</u>	<u>Richard</u>
<u>Jenifer</u>	<u>Rillary</u>
<u>Jonatan</u>	<u>Robson</u>
<u>Kemilly</u>	<u>Ronald</u>
<u>Kerin</u>	<u>Sahymon</u>
<u>Kerollyn</u>	<u>Sahyron</u>
<u>Ketelyn</u>	<u>Thalison</u>
<u>Kethanli</u>	<u>Wallacy</u>
<u>Ketlen</u>	<u>Wervelen</u>
<u>Ketlin</u>	<u>Wesley</u>
<u>Keven</u>	<u>Willian</u>

Em consonância com a afirmação de Massini-Cagliari (2010, p. 84), observa-se, neste trabalho, que a principal irregularidade de prenomes estrangeiros, ou cunhados a partir do modelo estrangeiro, com relação aos parâmetros da fonologia do PB, é o posicionamento do acento. A pesquisadora afirma que, no inglês, os prenomes mais recorrentes são os proparoxítonos, e é por isso que as novas criações antroponímicas no Brasil que tomam como base a língua inglesa procuram seguir esse padrão não canônico de acentuação, visto que são responsáveis por “dar a elas um ar estrangeiro” (MASSINI-CAGLIARI, 2010, p. 85), o que também foi constatado nesta pesquisa.<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> Rostas (2010) também constatou em sua pesquisa que, na importação do inglês para o PB, o acento era mantido na posição em que ocorria na língua de partida.

## 4.5 Hipocorísticos

Para a análise dos hipocorísticos, dos 738 apelidos recolhidos pelos questionários aplicados nas escolas, foram considerados apenas aqueles que possuíam uma relação formal com o prenome original. Ressalta-se, porém, que não foram considerados apenas os originados a partir de nomes (verdadeira ou supostamente) estrangeira, uma vez que o objetivo era verificar se há ou não diferença no processo de hipocorização, nos dois casos.

Desta forma, foram analisados 183 hipocorísticos (24,8% do total de apelidos coletados), distribuídos de acordo com seus processos de formação, a saber: (i) hipocorísticos formados pela sílaba tônica do prenome original; (ii) hipocorísticos formados pela sílaba tônica do prenome original com modificações, (iii) hipocorísticos formados pela reduplicação da sílaba tônica, (iv) reduplicação da sílaba tônica com alguma modificação na sílaba original; (v) reduplicação da sílaba tônica, com manutenção da átona final, (vi) hipocorísticos formados por sílabas tônicas seguidas de sílabas átonas, (vii) hipocorísticos formados por modificação na sílaba tônica; (viii) hipocorísticos formados por modificação na sílaba átona, (ix) hipocorísticos formados pelas sílabas iniciais do prenome; (x) hipocorísticos formados pela reduplicação da sílaba inicial; (xi) hipocorísticos formados por diminutivos a partir das sílabas tônicas do prenome; (xii) hipocorísticos formados por aumentativos a partir das sílabas tônicas do prenome (xiii) hipocorísticos formados por diminutivos a partir dos prenomes (xiv) hipocorísticos formados por aumentativos a partir dos prenomes.

No quadro 4.1 a seguir, listam-se os prenomes e seus respectivos hipocorísticos formados pela sílaba tônica do prenome original.

Barbara	Bá
Breno	Be
Cristofer	Cris
Dhienifer	Dhe
Dhulya	Dhu
Douglhas	Dô
Dylan	Di
Elis	Lis
Heitor	Tor
Isabela	Be
Júlia	Ju
Kamilly	Mi
Kenyd	Ke
Matheus	Theus
Miguel	Guel
Nadla	Ná
Nicolas	Ni
Pedro	Pe
Rillary	Ri
Samira	Mi
Villen	Vi
Vitor	Vi
Yasmin	Mim

Quadro 4.1 - Hipocorísticos formados pela sílaba tônica do prenome original

Os hipocorísticos Bú, Toi, Jhow e Dey, expostos no quadro 4.2, apesar de também serem formados pela sílaba tônica do prenome original, sofreram algumas modificações. Em Bu, de Bruno, foram mantidos apenas a primeira consoante e a vogal nuclear. Trata-se de um processo esperado de simplificação, em direção ao padrão CV. O caso de Andrey é semelhante a Bu. Em Toi, de Heitor, a rótica na coda foi substituída por uma semivogal, uma das possibilidades paradigmáticas para esse contexto. Em Jhow, há um alongamento

da vogal tônica, a partir da ditongação da vogal nuclear, com o desenvolvimento de uma semivogal homorgânica à nuclear, em posterioridade.

Andrey	Dey
Bruno	Bú
Heitor	Toi
Jhonatan	Jhow

Quadro 4.2 - Hipocorísticos formados pela sílaba tônica do prenome original com modificações

Foram coletados também hipocorísticos formados pela reduplicação da sílaba tônica, como se vê no quadro 4.3.

Alice	Lili
Caio	KK
Denis	Dede
Isabela	Bebé
Jhonatan	Jhonjhon
Julia	Juju
Lívia	Lili
Otávio	Tatá
Pedro	Pepê
Radyme	Dydy
Renato	Nana
Sthefhany	Teté

Quadro 4.3 - Hipocorísticos formados pela reduplicação da sílaba tônica

Outras vezes, no entanto, foram observados casos em que, ao ser a sílaba tônica reduplicada, houve algum tipo de modificação na sílaba do prenome original, como se observa nos dados do quadro 4.4:

Arthur	Tutu
Douglhas	Dodô
Laura	Lala
Matheus	Teteu
Yasmin	Mimi

Quadro 4.4 - Reduplicação da sílaba tônica com alguma modificação na sílaba original

Os hipocorísticos listados no quadro 4.5 são aqueles que, durante o processo de reduplicação da sílaba tônica, preservaram também a sílaba átona final.

Fabrício	Bibicio
Isabelly	Bebela
Isabely	Bebeli
Rodrigo	Didigo
Valentine	Titiny

Quadro 4.5 - Reduplicação da sílaba tônica, com manutenção da átona final

Semelhantemente ao que ocorre nos hipocorísticos presentes no quadro 4.5, no processo de hipocorização do nome Yasmin (“Mimica”), o falante procurou a manutenção do padrão acentual de sua língua nativa, porém acrescentando uma sílaba átona final, que não aparecia no nome de origem.

No quadro 4.6, por sua vez, estão compilados os hipocorísticos formados por sílabas tônicas seguidas de sílabas átonas.

Akilys	Kilys
Alessandro	Sandro
Aline	Line
Camila	Mila
Felipe	Lipe
Isabela	Bela

Isabelli	Belli
Jamily	Mily
Kamili	Mili
Kethily	Keti
Kettylin	Kétty
Lorrany	Rany
Luane	Ani
Maisa	Isa
Nicollas	Nico
Nicolly	Colly
Rebeca	Beca
Rhaynara	Nara
Sofia	Fia

Quadro 4.6 - Hipocorísticos formados por sílabas tônicas seguidas de sílabas átonas

Nos hipocorísticos listados a seguir, quadro 4.7, há modificação das sílabas tônicas: Gusto>Guto; Drigo>Digo e Brina>Bina .

Augusto	Guto
Rodrigo	Digo
Sabrina	Bina

Quadro 4.7 - Hipocorísticos formados por modificação na sílaba tônica

Outras vezes, a modificação no momento da formação dos hipocorísticos ocorreu nas sílabas átonas, conforme se observa no quadro 4.8, em que Ogo> Oguo; Belle>Bela; Gri>Gui; Rilo>Lilo; Nico>Nick; Toria>Toia.

Diogo	Oguo
Isabelle	Bela
Ingrid	Guid
Murilo	Lilo
Nicollas	Nick
Vitoria	Toia

Quadro 4.8 - Hipocorísticos formados por modificação na sílaba átona

No quadro 4.9, a seguir, apresentam-se hipocorísticos formados pelas sílabas iniciais do prenome. Ressalta-se, porém, que em alguns casos houve alguma modificação na sílaba original.

Alexandre	Ale
Alexsander	Alex
Beatris	Bia
Bernardo	Be
Bianca	Bi
Danilo	Dani
Diogo	Di
Eloá	Elo
Felipe	Fe
Felipe	Fê
Gabriel	Gabi
Gabriely	Gaby
Geovana	Gê
Giovana	Gi
Guilherme	Gui
Gustavo	Gú
Isabela	Isa
Israel	I
Juliana	Ju

Lauany	Lau
Leandro	Lê
Leticia	Lê
Lorena	Lô
Luciene	Lu
Luiza	Lu
Mikaelly	Mi
Murilo	Mú
Nicoli	Ni
Nicolý	Ni
Renam	Re
Renato	Rê
Ryan	Ry
Sabrina	Sá
Sadryna	Sá
Samara	Sá
Sofia	So
Taciany	Tacy
Thiago	Ti
Vicenzo	Vi
Victória	Vi
Vinícius	Vi

Quadro 4.9-Hipocorísticos formados pelas sílabas iniciais do prenome

Os três casos de hipocorísticos que compõem o quadro 4.10 abaixo são formados pela reduplicação da sílaba inicial.

Cauã	Caca
Diana	Didi
Felipe	Fefe
Taina	Tatá

Quadro 4.10-Hipocorísticos formados pela reduplicação da sílaba inicial



No quadro 4.11, estão dispostos os hipocorísticos formados por diminutivos a partir das sílabas tônicas do prenome, como se observa a seguir.

Alexandre	Xandinho
Antônio	Toninho
Arthur	Turzinho
Fernanda	Nandinha
Gregori	Gréguinho
Gustavo	Tavinho
Hallana	Laninha
Hillary	Hillinha
Isabelle	Belinha
Jonathan	Joninha
Julia	Julinha
Kemily	Keminha
Kerollyn	Kelinha
Otávio	Tavinho
Ysabelli	Belinha

Quadro 4.11-Hipocorísticos formados por diminutivos a partir das sílabas tônicas do prenome

O mesmo fenômeno também acontece nos hipocorísticos aumentativos presentes no quadro 4.12.

Felipe	Lipão
Francisco	Chicão

Quadro 4.12-Hipocorísticos formados por aumentativos a partir das sílabas tônicas do prenome

No *corpus* desta pesquisa, também foi constatada grande quantidade de hipocorísticos formados por diminutivos e aumentativos a partir dos prenomes, como se vê, respectivamente, nos quadros 4.13 e 4.14 a seguir.

Alice	Alicinha
Ana	Aninha
Arthur	Arthurzinho
Bruna	Bruninha
Bruno	Bruninho
Camila	Camilinha
Carlos	Carlinhos
Clara	Clarinha
Cleber	Clebinho
Davi	Davizinho
Ellen	Ellenzinha
Enzo	Enzinho
Fernando	Fernandinho
Helder	Helderzinho
João	Joãozinho
Julia	Julinha
Kaike	Kaikinho
Kawê	Kawêzinho
Lara	Larinha
Laura	Laurinha
Lívia	Livinha
Lucas	Luquinhas
Marcos	Marquinhos
Matheus	Matheuzinho
Miguel	Miguelzinho
Othavio	Otavinho
Pablo	Pablê, Pabezinho
Paulo	Paulinho
Pedro	Pedrinho
Rayssa	Rayssinha
Ryan	Ryanzinho

Sara	Sarinha
Thiago	Thiaguinho
Victor	Vitinho

Quadro 4.13 - Hipocorísticos formados por diminutivos a partir dos prenomes

Victor	Vitão
Villen	Vilão
Lucas	Lucão
Marcos	Marcão

Quadro 4.14 - Hipocorísticos formados por aumentativos a partir dos prenomes

Conforme observado nos prenomes supracitados, no momento da composição dos hipocorísticos, em grande parte dos casos, são preservadas as sílabas tônicas, responsáveis por carrear o acento do prenome. Quando isso não ocorre, é porque foram preservadas as sílabas iniciais do nome (processo típico de formação de hipocorísticos) que são, por sua vez, átonas.

Ressalta-se, porém, que os casos de hipocorísticos em que a proeminência acentual não corresponde à mesma dos prenomes importados são bem mais reduzidos do que aqueles que a preservam. Muito provavelmente, esta “preservação” demonstra que o falante é, na maioria das vezes, capaz de perceber a posição de força prosódica do prenome eleito, visto que a preserva no “corte” efetuado no prenome durante o processo de formação dos hipocorísticos. Isso pode confirmar a hipótese levantada por Massini-Cagliari (2010, 2011a,b) e Souza (2011) de que o falante reconhece sua identidade fonológica, mas busca, por questões de estilo, contrariar o que seria esperado em sua língua materna. Ele intenta, com propósitos, fugir das regras *default* de acentuação do PB para conferir um ar de estrangeirismo ao prenome eleito.<sup>89</sup>

<sup>89</sup> Permanecem como perspectivas para trabalhos futuros, análises mais aprofundadas que levem em consideração a identidade linguística do falante no momento da escolha dos hipocorísticos e que explorem, nos âmbitos de análises fonológicas e morfológicas, as demais informações reunidas por nesta pesquisa.

#### 4.6 Considerações finais

Nesta seção, apresentou-se, primeiramente, a distribuição dos prenomes coletados de acordo com as categorias “nomes usuais no PB” e “nomes não usuais no PB”. Depois, fez-se a quantificação dos dados obtidos pela aplicação dos questionários, sendo analisados, inclusive, os motivos das escolhas dos prenomes. Feito isso, partiu-se para a análise de questões ortográficas, morfológicas e fonológicas relacionadas aos processos de adaptação dos prenomes. No que se refere às análises fonológicas, foram estudados os casos de palatalização das oclusivas alveolares, vocalização do /l/ em posição de coda silábica, nasalização e epêntese, bem como os padrões excepcionais de sílaba e acento de prenomes não adaptados.

Foram observados casos em que o falante, embora desejasse pronunciar o prenome de acordo com a língua de partida, acabou por render-se à fonologia do PB, adaptando-o ao seu sistema. Em outros casos, porém, o que se observou foi uma fuga pretendida do padrão do PB, sendo que o falante esforçou-se em manter características da língua estrangeira para conferir um *status* que diferenciasse o prenome adotado dos outros vernáculos, o que geralmente não ocorre com a importação de nomes comuns.

No que se refere às pistas deixadas pelos falantes de PB no momento da composição dos hipocorísticos analisados nesta seção, observou-se a predominância de processos de hipocorização a partir da sílaba tônica do prenome. Em outros casos, porém, o processo se deu a partir de uma sílaba átona, sobretudo quando o falante optou pela preservação das sílabas iniciais do nome.

## Conclusão

Este estudo buscou, por meio da coleta e análise de prenomes e hipocorísticos na cidade de São Carlos-SP, investigar adaptações fonológicas ocorridas no sistema do PB quando em contato linguístico com o inglês. Também foram analisadas questões relacionadas à identidade linguística do falante, que, no processo de (não) adaptação dos prenomes estrangeiros, demarca o que considera e o que não considera como “português”, do ponto de vista do som.

Pela análise quantitativa dos dados, observou-se que, predominantemente, os nomes próprios que designam pessoas no Brasil são vernáculos e estão registrados em dicionários antroponímicos, mas constatou-se também que é expressiva a porcentagem dos nomes classificados como “não usuais”, revelando que muitos pais optam pelo que é considerado “diferente”, quer seja no quesito ortográfico quer seja no fonológico.

Dentre as possíveis motivações que levam os pais a escolherem nomes de origem verdadeira ou supostamente estrangeira para seus filhos, Massini-Cagliari (2011a, p. 64-65) afirma que

*Some members of the specific group of BP speakers consider foreign first names to be much more 'elegant' than Portuguese proper nouns. Many parents choose a foreign word to name their children, precisely because of their different (and 'elegant') phonetic characteristics. Other parents choose a foreign name only because they do not want a popular or a very commonly used name to their children, believing that uncommon and unique names represent people with a special personality. Other parents only want to pay homage to a public personality who they admire for some reason.<sup>90</sup>*

---

<sup>90</sup>“Membros de grupos específicos de falantes de PB consideram nomes próprios estrangeiros muito mais “elegantes” do que nomes próprios portugueses. Muitos pais escolhem uma palavra estrangeira para nomear seus filhos, justamente por causa de suas diferentes (e ‘elegantes’) características fonéticas. Outros pais escolhem um nome estrangeiro somente pelo fato de não quererem um nome popular ou muito comumente usado para os seus filhos, acreditando que os nomes incomuns e originais representam pessoas com uma personalidade especial. Outros ainda só querem prestar homenagem a uma personalidade pública que eles admiram por algum motivo.” (Tradução nossa)

A eleição por elementos da língua inglesa deve-se a diversos fatores, mas, principalmente, porque o brasileiro tende a considerá-la uma língua de prestígio social, além de ser eufônica. As influências de nomes estrangeiros na antroponímia brasileira, de acordo com Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 57), dá-se, sobretudo, por causa da mídia, com os artistas de TV e/ou cinema e grandes celebridades que marcaram a história ou que estão em alta na mídia no momento, como o caso de alguns jogadores de futebol, ainda que estejam longe do sistema fonológico vigente, como é o caso de escolha de nomes com Diana (Lady Diana) e Michael (Michael Jackson).

Também foi observado neste trabalho que, muitas vezes, o falante busca imitar o sistema ortográfico da língua estrangeira e adota, no momento da escrita de nomes vernáculos, consoantes como *k*, *w* e *y* – letras que só passaram a compor o alfabeto brasileiro recentemente, quando muitas estas crianças já haviam sido registradas – ou terminações como *-son*, *-ton*, etc., que remetem a uma sonoridade estrangeira. A respeito de nomes com essas terminações, afirma Massini-Cagliari (2011a, p. 63) que a escolha se dá, justamente, porque parecem ingleses aos olhos do brasileiro, apesar de não o serem.

De acordo com Prado e Massini-Cagliari (2011), é nítida a admiração do brasileiro pelo que vem de fora, sobretudo do que é oriundo da potência norte-americana. As autoras escrevem que,

[...] posteriormente à queda do muro de Berlim, em 1989, a sociedade mudou muito e em diversos aspectos. Com os avanços tecnológicos e as mudanças culturais, os EUA passaram a exportar não apenas produtos, mas conceitos e ideias, o que faz com que a maioria dos vocábulos estrangeiros que se inserem no léxico do PB venha do inglês. Dessa forma, ao passar do tempo esses anglicismos passam a integrar naturalmente o vocabulário das pessoas. (PRADO; MASSINI-CAGLIARI, 2011, p. 28)

Neste processo de empréstimo de outra língua, cujo sistema fonológico apresenta diferenças do PB, Massini-Cagliari (2011a, p. 88) afirma que, ao escolher um

prenome de origem verdadeira ou supostamente estrangeira, o falante acaba, ao mesmo tempo, e de forma contraditória, por negar e reafirmar sua identidade fonológica, o que é evidenciado pelo fato de que ele opera com e sobre a sua língua com extrema perfeição, deixando claro, nesse momento, conhecer sua identidade linguística.

Com este trabalho, procurou-se demonstrar também a força das posições tônicas, sendo que no processo de adaptação, constatou-se que as sílabas átonas resistem menos à adaptação do que as tônicas, como é o caso dos processos de epêntese (como em *Ronald*) e de adaptações silábicas (como em *Maicon*), que afetam mais comumente sílabas átonas. Também foi observado, no processo de adaptação fonológica, que a posição do acento é bastante persistente, sendo que há mais casos de não adaptação de acento do que de padrão silábico ou segmentos, o que também foi comprovado pela análise dos processos de formação de hipocorísticos, que levam em consideração o posicionamento do acento.

No que diz respeito à lei da persistência da sílaba tônica, os trabalhos de filologia, como os citados por Massini-Cagliari (1999a, p. 148), mostram que, na evolução histórica das línguas, as posições tônicas são mais preservadas que as átonas. Neste sentido, conclui-se, a partir das análises realizadas neste trabalho, que os processos de adaptação de estrangeirismos e empréstimos, mesmo no caso menos regular dos nomes próprios, ainda assim parecem seguir o caminho comum da deriva histórica do PB.

## Referências

ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico do português. *Alfa*: São Paulo, vol. 28 (supl.), 1984, p. 19-126.

\_\_\_\_\_. *Neologismos: criação lexical*. 2ed. Ática: São Paulo, 1990.

AMARAL, E. T. R. *Nomes próprios: análise de antropônimos do espanhol escrito*. 2008.195f. Tese. (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, 55 (1), 2011, p. 63-82.

ANDRADE, J. *O étimo dos nomes*. São Paulo: Thirê, 1994.

d'ANDRADE, E. *Temas de fonologia*. Lisboa: Colibri, 1994.

ASSIS, A. B. G. de. Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do inglês por falantes de Português Brasileiro. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Araraquara, 2007.

BARBOSA, J.M. *Fonologia e morfologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

BIONDO, D. O estudo da sílaba na fonologia auto-segmental. *Revista de estudos linguísticos*. Belo Horizonte. v. 2, 1993, p. 37-51.

BISOL, L. O acento e o pé métrico binário, *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 22, 1992, p. 69-80.

\_\_\_\_\_. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. de M (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999, p. 701-42.

\_\_\_\_\_. Fonologia Lexical. In: BISOL, L. (Org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010 (1ª edição: 1996), p. 82-98.

BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed). *The Handbook of phonological theory*. Cambridge: Brasil Blacwell, 1995. p. 206-244.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.

BRITO, A. *Nomes próprios: semântica e ontologia*. Brasília: Universidade de Brasília, 2003a.

BRITO, C. *Hipocorístico: um identificador ou apenas um tratamento carinhoso?*, 2003b. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno06-09.html>. Acesso em 26.01.2015.



CAGLIARI, L. *An experimental study of nasality with particular reference to brazilian portuguese*. Florianópolis: UFSC Working Papers in Linguistics, 1983.

\_\_\_\_\_. *Acento em Português*. Campinas: Edição do Autor, 1999.

\_\_\_\_\_. *Aspectos teóricos e linguísticos da ortografia*. São Paulo: UNICAMP, 2004. [ms. livro inédito].

\_\_\_\_\_. *Elementos de fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: Paulista, 2007.

\_\_\_\_\_. *Análise fonológica – Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, Mercado de Letras, 2008.

\_\_\_\_\_; MASSINI-CAGLIARI, G. Quantidade e duração silábicas em português do Brasil. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v.14, n. especial, 1998, p. 47-59.

\_\_\_\_\_; MASSINI-CAGLIARI, G. Mattoso Câmara, o fonólogo. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (Org.) *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007, p. 13-30.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. A ditongação no português do Brasil. Comunicação apresentada ao XXII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Bruxelles, Université Libre de Bruxelles, 1998.

CÂMARA JUNIOR., *Princípios de Linguística Geral*. 4ª ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1973.

\_\_\_\_\_. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1978 (1 ed. 1969).

\_\_\_\_\_. *Dicionário de linguística e gramática*. 13a. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2008 (1ª ed. 1953).

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 42a ed. Petrópolis: Vozes, 2009 (1ª. ed. 1970).

CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CHRISTIN, Presentación. In: CHRISTIN, A. (Org.). *El poder del nombre próprio: su escritura y significado através de la historia em diferentes culturas*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2001, p. 13-21.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S.J. *CV phonology: A generative theory of the syllable*. Cambridge Mass, 1983, p. 225-52.

COLLISCHONN, G. Um estudo da epêntese à luz da Teoria da Sílabas de Junko Ito (1986). *Letras de Hoje*, v. 31, n. 2, 1996. p. 149-158.

\_\_\_\_\_. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do Português Brasileiro. In: ARAÚJO, G.A. (Org). *O acento em Português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 195-223.

\_\_\_\_\_. A sílaba em Português; O acento em Português. In: BISOL, L. (Org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010 (1ª edição: 1996), p. 99-131; p. 132-165.

CORREIA, M.C.; LEMOS, L.S.P. de. *Inovação Lexical em Português*. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

COSTA, I. B. *O acento em português: estudo de algumas mudanças no modelo da fonologia gerativa*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1978.

COSTA, D. S. *Estudo do Acento Lexical no Português Arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria*. Dissertação (mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: FCL/UNESP, 2006.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987. Disponível em: <<http://psicologiadevencedores.yolasite.com/resources/RELATIVIZANDO.%20DA%20MATTA.pdf>>. Acesso em 26.jan.2015.

DEROY, L. *L'emprunt linguistique*. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. Trad. BARROS, F.P. et al. São Paulo: Cultrix, 1973.

DURAND, J. *Generative and Non-linear Phonology*. London: Longman, 1990.

ECO, U. *O pêndulo de Foucault*. 2ªed. São Paulo: Record, 1989.

FARIAS, L. S. *A aquisição do acento primário em inglês como LE: o caso das palavras sufixadas, à luz da Teoria da Otimalidade*. Dissertação (mestrado em Letras). Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2007.

FERNÁNDEZ LEBORANS, M. J. El nombre propio. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. (Dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. v.1. p. 77-128.

FERREIRA NETO, W. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.

\_\_\_\_\_. O acento na língua portuguesa. In: ARAÚJO, G.A. (org). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007, p. 22-36.

FREITAS, M. A. de; NEIVA, A. M. S. Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL)*. Ano 4, n. 7, agosto de 2006, p. 01-27.

FUDGE, E. Syllables. *Journal of Linguistics*, Cambridge, UK, n.5, 1969, p. 254-287.

- GARY-PRIEUR, M.-N. *Grammaire du nom propre*. Paris: PUF, 1994.
- \_\_\_\_\_. *L'individu pluriel: les noms propres et le nombre*. Collection Sciences du Langage. Paris: CNRS Editions, 2001.
- GODOY, S.; GONTOW, C.; MARCELINO, M. *English pronunciation for Brazilians: the sounds of American English*. São Paulo: Disal, 2006.
- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil & Blackwell, 1990.
- GONÇALVES, C. A. V. A morfologia prosódica e o comportamento transderivacional da hipocorização no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 12, 2004, p. 07-38.
- GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. 5ª edição. São Paulo: Artpress, 2004.
- HALLE, M.; VERGNAUD, J. *An Essay on Stress*. Cambridge, Ma. MIT Press. 1987.
- HARRIS, J. *Syllable structure and stress in Spanish: A nonlinear analysis*. Cambridge Mass, MIT Press, 1983.
- HAYES, B. *A metrical Theory of Stress Rules*. Doctoral Dissertation. Department of Linguistics, MIT, Cambridge, MA, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Metrical stress theory: Principles and case studies*. Chicago, London: University of Chicago Press, 1995.
- HOGG, R.; McCULLY, C. *Metrical Phonology: a coursebook*. Cambridge University Press, 1991 (1ª ed. 1987).
- HOOPER, J. *An Introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press, 1976.
- HORA, D. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.
- \_\_\_\_\_. A palatalização das oclusivas dentais: uma abordagem não-linear. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 9, n.2, 1993, p. 175-193.
- \_\_\_\_\_. Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, 1º sem. 2006, p. 29-44.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.
- HYMANN, L. M. *Phonology: theory and analysis*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston. Cap. 3. “Phonological analysis”, 1975. p. 59-98.

ITÔ, J. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – University of Massachusetts, 1986.

JAKOBSON, R.; FANT, G.; HALLE, M. *Preliminaries to Speech Analysis*. Cambridge: MIT Press, 1952.

KAGER, R. *A metrical theory of stress and distressing in English and Dutch*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

KAHN, D. *Syllable – based generalizations in English Phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass: MIT, 1976.

KIPARSKY, P. Metrical structure assignment is cyclic. *Linguistic Inquiry*. 10, p. 441-42, 1979.

\_\_\_\_\_. From cyclic phonology to lexical phonology. In: HULST, H. van der; SMITH, N. (Ed.). *The structure of phonological representations - Part I*. Dordrecht: Foris Publications, 1982.

LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. *A course in Phonetics*. Sixth edition. Canadá: Wadsworth, Cengage Learning, 2010.

LEE, S.-H. Fonologia lexical do português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 23, p. 103-120, 1992.

\_\_\_\_\_. Epêntese no português. *Estudos Lingüísticos XXII – Anais de Seminários do GEL*, Ribeirão Preto, Instituição Moura Lacerda, v. II, 1993, p. 847-854.

\_\_\_\_\_. *Morfologia e fonologia lexical do Português*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1995.

\_\_\_\_\_. O acento principal do português na visão da Teoria da Otimalidade, Comunicação apresentada no XLVI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL). São José do Rio Preto, UNESP – IBILCE, 25 a 27 de junho de 1998.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A.S. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, 8, 1977, p. 249-336.

LOPEZ, B. S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. Tese (Doutorado, PhD) – Los Angeles: University of California, 1979.

LUCINI, L. *Hipocorização sob a perspectiva variacionista*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

MAIA, E. da M. *Phonological and lexical processes in a generative grammar of Portuguese*. Tese de doutorado, Brown University, 1981.

MALING, J. M. *The Theory of Classical Arabic Metrics*. 1973, Ph.D. Thesis (Linguistics)-Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA., 1973. Distributed by: MIT Working Papers in Linguistics.

MALMBERG, B. *A fonética*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954. p. 115-122.

MARTINI, L. D. *Morfologia prosódica do Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte: 2010.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992a.

\_\_\_\_\_. Sobre o Lugar do Acento de Palavra em uma Teoria Fonológica. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; WETZELS, W. Leo. (Orgs.) *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n. 23. Campinas: UNICAMP/IEL, Jul/Dez 1992b, p. 121-136.

\_\_\_\_\_. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico*. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999a.

\_\_\_\_\_. Sobre o percurso histórico da acentuação em português. In: SCARPA, E.M. (Org). *Estudos de prosódia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999b, p. 141-187.

\_\_\_\_\_. Epêntese e paragoge: processos fonológicos distintos. In: *Congresso Internacional da Abralin e Instituto Linguístico*, 14, 2000, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Associação Brasileira de Linguística, 2000. p. 400-410. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Tese (Livre-Docência em Fonologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara 2005.

\_\_\_\_\_. Discutindo questões de identidade a partir da (não) adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira no Brasil. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *As interfaces da gramática*. 1 ed. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Laboratório Editorial FCL, 2010, v. 1, p. 73-90.

\_\_\_\_\_. Loans and foreign first names as clues to Phonological Identity in Brazilian Portuguese. In: David Hornsby. (Org.). *Interfaces in language 2*. 1 ed. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2011a, v. 1, p. 53-67.

\_\_\_\_\_. Adaptação de nomes próprios de origem estrangeira: comparação entre português arcaico e português brasileiro. In: *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40 (2), maio, 2011b, p. 795-807.

\_\_\_\_\_.; CAGLIARI, L.C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. v.1 São Paulo: Cortez, 2001, p. 105-146.

MATEUS, M. H. M. *Aspectos da fonologia portuguesa*. 2ed. Lisboa: INIC, 1982. (1ª edição: 1975).

\_\_\_\_\_. O acento de palavra em português: uma nova proposta, *Boletim de Filologia*. Tomo XXVIII. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1983, p. 211-229.

\_\_\_\_\_. d' ANDRADE, E. *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MATZENAUER, C.L Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 11-81.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. Foot and word in prosodic Morphology. *Natural language and Linguistic Theory*, 8 (1), 1990, p. 209-284.

MEXIAS-SIMON, M.; OLIVEIRA, A. *O nome do homem e reflexões em torno dos nomes próprios*. 1e. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação Editora, 2004.

MICHAELIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912 e de 1912/13)*, seguidas das *Lições práticas de Português Arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

MIGLIORINI, L; MASSINI-CAGLIARI, G. A epêntese vocálica no português brasileiro: regra lexical ou pós-lexical? *Todas as Letras*, v. 13, n.1, 2011.

MIRANDA, P. Tratado de Direito Privado, parte geral. Tomo I. In: São Paulo: *Revista dos Tribunais*, 1983. p. 237-246.

MOHANAN , K. P. *Lexical Phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass.: MIT, 1982.

\_\_\_\_\_. *The theory of lexical phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing, 1986.

MONARETTO, V.N. O; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. AS Consoantes do Português; In: BISOL. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*, Porto Alegre: Edipucrs, 2010, p. 202-235.

MONTEIRO, J. L. Processos de formação dos hipocorísticos. *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa*. Fortaleza, v.4, p. 79-110, 1983.

\_\_\_\_\_. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: MEXIAS-SIMON, M. L; OLIVEIRA, A. *O nome do homem*. Reflexões em torno dos nomes próprios. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação Editora, 2004, p. 09-16.

MORAES, J. A manifestação fonética do pé métrico. *Letras de hoje*, v. 38, n.4, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003, p. 147-162.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht, Foris Publications, 1986.

NEUSCHRANK, A. *Do latim ao português: um continuum à luz de teoria fonológica*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada - Aquisição, Variação e Ensino) – Universidade Católica de Pelotas, UCPel, Pelotas: 2011.

O'CONNOR, J. *Better English Pronunciation*. Cambridge University Press, 2006.

OBATA, R. *O livro dos nomes*. São Paulo: Nobel, 2002.

- OLIVER, N. *Dicionário de nomes*. 3ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.
- OLIVEIRA, A. M. Antropônimo a metonímia do poder, da liberdade, da coerção (preliminares). In: *Anais do III Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 1999. Disponível em <[http://www.filologia.org.br/xicnlf/11/Cad11\\_XICNLF.pdf](http://www.filologia.org.br/xicnlf/11/Cad11_XICNLF.pdf)>. Acesso em 20.04.2014.
- OLIVEIRA, J. C.; SILVA, T. C. *Aprendizado de língua estrangeira: o caso da nasalização de vogais*. Publicação científica do Projeto ASPA (Avaliação Sonora do Português Atual), [http://www.projetoaspa.org/publicacao/sic\\_ufmg\\_2005.pdf](http://www.projetoaspa.org/publicacao/sic_ufmg_2005.pdf).
- PARADIS, C.; LACHARITÉ, D. Preservation and minimality in loanword adaptation. *Journal of Linguistics* v. 33, 1997, p. 379-430.
- PIKE, K.; PIKE, E. Immediate constituents of Mazateco syllables. *Internacional Journal of Applied Linguistics*, n.13, p. 78-91, 1947.
- PRADO, N. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. *A presença de palavras de origem inglesa nos dicionários de português brasileiro: questões de identificação cultural*. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_17\\_a\\_presenca\\_de\\_palavras\\_de\\_origem\\_inglesa.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_a_presenca_de_palavras_de_origem_inglesa.pdf)>. Acesso em 20.02.2014.
- PRADO, N. C. *A influência da língua inglesa na formação de nomes comerciais: questões de identidade linguística e cultural*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, FCL/UNESP, Araraquara: 2014.
- PRINCE, A. Relating to the grid. *Linguistic Inquiry*. 14, p. 19-100.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY. *Optimality Theory*. Constraint Interaction in Generative Grammar. Technical Report #2 of the Rutgers Center for Cognitive Science. Rutgers University, 1993.
- PULLEYBLANK, D. G. *Tone in lexical phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing, 1986.
- ROACH, P. *English Phonetics and Phonology: a practical course*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- ROSTAS, M. H. S. G. *Balizas suprasegmentais para a adaptação do reggae cantado em São Luís*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, FCL/UNESP, Araraquara: 2010.
- SANKOFF, G. Linguistic outcomes of language contact. In: TRUDGILL, Peter; CHAMBERS, J.; SCHILLING-ETES, N. (orgs). *Handbook of Sociolinguistics*. 27 Oxford: Basil Blackwell, 2001, p. 638-668.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M.M. O acento Segundo Fernão de Oliveira. In: ARAÚJO, G.A. (org). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007, p. 11-20.

SELKIRK, E. O. *On Prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Indiana: IULC, 1980.

\_\_\_\_\_. The syllable. In: HULST, H. SMITH, V.D. *The structure of phonological representations* (part III). Foris, Dordrecht, p. 337-383, 1982.

\_\_\_\_\_. *Phonology and Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.

SILVA. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. *Pronúncia do inglês para falantes do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, jul./dez. 2012, p. 59-89.

SILVA, H. T.; GONÇALVES, C. A. V. Hipocorização em português: o padrão de cópia dos segmentos à esquerda. In: *Anais do VIII Congresso Nacional de Filologia e Linguística*. Questões de morfossintaxe. Rio de Janeiro: CiFeFil, v. 8., 2004. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno14-11.html>>. Acesso em 20.04.2014

SOUZA, S. M. L. S. *Antropônimos de origem inglesa: adaptações ortográficas e fonético-fonológicas realizadas por falantes do português brasileiro de São Luís-MA*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, FCL/UNESP, Araraquara: 2011.

TRUBETZKOY, N. *Principios de Fonología*. Madrid: Cincel, 1970. 1ª edição: 1939.

VILLALVA, A. *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

WETZELS, W. L. Mid vowel neutralization in Brazilian portuguese, *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, jul-dez, 1992, 23, p. 19-55.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (orgs). *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1992.